

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM

EVELINE SOBREIRA DINIZ

**A IDENTIDADE CULTURAL PIAUIENSE E O MITO DO HERÓI: NARRATIVAS
SOBRE A ATLETA OLÍMPICA SARAH MENEZES
NOS JORNAIS IMPRESSOS DO PIAUÍ**

Teresina – PI
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM

**A IDENTIDADE CULTURAL PIAUIENSE E O MITO DO HERÓI: NARRATIVAS
SOBRE A ATLETA OLÍMPICA SARAH MENEZES
NOS JORNAIS IMPRESSOS DO PIAUÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Mídia e Produção de Subjetividade

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria da Silva Rodrigues

Teresina – PI
2015

EVELINE SOBREIRA DINIZ

**A IDENTIDADE CULTURAL PIAUIENSE E O MITO DO HERÓI: NARRATIVAS
SOBRE A ATLETA OLÍMPICA SARAH MENEZES
NOS JORNAIS IMPRESSOS DO PIAUÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Mídia e Produção de Subjetividade

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria da Silva Rodrigues

Aprovada em ___/___/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Ana Maria da Silva Rodrigues (Orientadora)
Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Gustavo Fortes Said
Doutor em Comunicação Social
Universidade Federal do Piauí

Prof.^a Dra. Maria das Graças Targino
Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba



**Sarah
Menezes,**
o Piauí e o Brasil
estão orgulhosos
de sua conquista.

Jornal Diário do Povo, 31 de julho de 2012

Aos heróis piauienses de ontem,
hoje e amanhã.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Herói que, através deste estudo, percebi como uma entidade mitológica na verdadeira acepção da palavra, uma verdade sagrada. Aqui o represento na figura do Príncipe Teseu, o herói do labirinto. Aquele que derrotou o minotauro e saiu do labirinto guiado pelo fio de Ariadne. O herói apareceu neste estudo como se vindo das forças do além, aquelas que estão no caminho do aprendiz, o guiando misteriosamente. O herói foi meu fio condutor, meu fio de Ariadne que me fez derrotar alguns minotauros e sair do labirinto do mestrado sentindo-me vitoriosa. Será que Deus pode ser assim representado?

Aos autores que nortearam essa pesquisa. Parafrazeando Isaac Newton, se descobri algo na ciência é porque estava sobre ombros enormes. Assim me senti durante a elaboração desse estudo, sobre ombros enormes. Pensadores que dedicaram seu tempo a escrever obras incríveis, muito antes da minha existência e agora, me concederam o enorme prazer de mergulhar pelo mundo mitológico da identidade cultural, da piauiensidade, da mídia e do esporte contemporâneo para entender um pouquinho mais do ser humano e do piauiense. Uma manhã na biblioteca na companhia de suas obras passava rápido como um cometa. Experiências incríveis me preencheram nesse período.

A minha Orientadora, Ana Maria da Silva Rodrigues, por me ensinar a preencher as páginas em branco de um trabalho. Por vezes fui incentivada a começar pela simples credibilidade e valorização que senti diante de textos pouco lapidados, mas com potencial de se transformar em uma dissertação. Situação esta, que considero muito importante para um aprendiz: sentir-se acreditado. Esse é um grande incentivo. Sem a intenção de me comparar a uma heroína, faço referência a minha orientadora como um mestre, uma mentora nessa jornada que é o mestrado. Por me fazer escrever ou me deixar respirar quando foi preciso, para fazer o texto ou o assunto amadurecer e sedimentar em meus pensamentos. A jornada tornou-se mais leve ao lado dela. Sinto gratidão por isso.

Quando um escritor empaca, pode procurar a ajuda de um Mentor, exatamente como fazem os heróis. Pode consultar professores de redação ou buscar inspiração na obra de grandes autores. Pode mergulhar fundo em si mesmo, atrás das verdadeiras fontes de inspiração, no seu "eu" mais profundo, onde vivem as Musas. O melhor conselho de um Mentor pode ser muito simples: Tome fôlego. Vá em frente. Está indo bem. Você tem o que precisa para lidar com a situação, procure em você mesmo. (VOGLER, 1998, p. 130)

Aos meus amigos da terceira turma de mestrado, intitulada pelo Professor Paulo Fernando de "CELEBRATION", simplesmente porque comemoram a vida. Foi bom conhecê-los e contar com o apoio de todos mesmo à distância nesse segundo momento do mestrado. Especialmente, destacar minha amiga Nina Cunha com quem dividi minhas angústias e compartilhei conquistas. Nossas conversas na biblioteca eram por vezes um alento e às vezes, simplesmente relaxantes.

A todos os professores do PPGCOM que compartilharam seus conhecimentos nas primeiras aulas e nas orientações posteriores, meu muito obrigada.

Ao meu marido, Fábio, o meu maior incentivador na vida acadêmica. Só ingressei nessa aventura pela sua insistência e por, simplesmente, acreditar em mim e repetir várias

vezes que tenho um talento a ser desenvolvido. Por vezes ouvia minhas conjecturas e pensamentos a respeito das leituras e mergulhava no meu mundo, apesar de precisar pensar em muitas outras coisas de nosso cotidiano.

Aos meus filhos, Mariana, Ana Luiza, Paulo e a neném que está na minha barriga, que me ensinaram que a vida não para por conta de um mestrado. Insistiam em não me deixar mergulhada no mestrado o tempo todo, afinal de contas, pra quê isso? Tomar sorvete, andar de bicicleta e ir ao cinema é tão bom quanto estudar. Ao contrário do que muita gente pensa, filhos são o melhor remédio para o stress. Um abraço feliz e espontâneo é simplesmente restaurador, um bilhete dizendo que te ama é encantador e um bolo feito e dedicado a você tem um sabor indescritível.

Aos meus pais, Xavier e Marieta que ainda hoje são um esteio em nossa família e o exemplo de que a vida precisa ser vivida com intensidade e amor.

Aos demais familiares e amigos que me apoiaram com telefonemas, conversas, palavras, trocas de ideias ou simplesmente me ouvindo. É incrível como a gente sente a necessidade de falar quando aprende um assunto novo e se encanta com aquilo. Graças a Deus tenho muitos amigos com quem pude compartilhar um pouco de minhas vivências nesses dois anos. Especialmente a Brenda Mourão e Mariana Sanches que aceitaram ler meu texto e com suas contribuições incentivaram a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Na sociedade moderna, a identidade cultural é instituída por meio de feitos mitificados e narrados, principalmente, pela mídia. Os meios de comunicação preenchem o imaginário coletivo com figuras arquetípicas e dominam setores da vida cotidiana, inclusive o esporte, transformando-os num grande espetáculo. No caso do esporte os atores principais do espetáculo são os atletas de alto nível. Elevados à condição de heróis, tornam-se referência de força, garra e resistência. Para além de representar a modalidade esportiva da qual fazem parte, são evidenciados como representantes da identidade do seu povo, da sua cultura, a exemplo da piauiense Sarah Menezes, campeã nas Olimpíadas de Londres em 2012. Assim, o presente estudo teve por objetivo analisar o conteúdo midiático referente à judoca Sarah Menezes e sua relação com a identidade cultural piauiense nos principais jornais impressos do Piauí “O Dia”, “Meio Norte” e “Diário do Povo”. Os objetivos específicos foram: analisar as narrativas referentes à atleta Sarah Menezes por meio das matérias nos jornais; identificar as narrativas sobre a jornada heroica da atleta na olimpíada e, explorar a imagem construída da atleta e sua relação com a identidade piauiense como reconfiguração do mito fundador da piauiensidade, qual seja, o sertanejo que se tornou o herói do Jenipapo. Estudo de natureza qualitativa, do tipo exploratório, teve como procedimento metodológico duas abordagens: o modelo da Saga do Herói proposto por Campbell (1997) e adaptado por Vogler (1998) para a definição das categorias de análise e das unidades temáticas, e a Análise de Conteúdo (AC) para analisar as matérias que retratam a trajetória da judoca. O corpus foi delimitado entre o período de maio de 2012, quando foi publicada a lista oficial dos integrantes da seleção brasileira de judô, e setembro de 2012 quando foi noticiada a participação de Sarah Menezes no dia da independência, em Brasília. Os resultados mostram que os jornais, ainda que sem intenção, narraram a trajetória de Sarah Menezes em virtude de sua participação vitoriosa nas Olimpíadas de Londres, seguindo a mesma estrutura da jornada do herói mitológico. Os achados da pesquisa permitiram identificar a fase de “separação” ou sua adesão ao judô; a fase da “aventura” que corresponde todo o processo de preparação para a grande luta e sua vitória na olimpíada; e seu “retorno” como heroína. Todos os passos da judoca foram narrados através de textos que valorizam seu pertencimento ao Piauí e colocam-na como representante e exemplo aos piauienses. Mencionam seu feito como um ato heroico e ressaltam, a partir dele, características da atleta como sendo não só dela, mas de toda a comunidade piauiense, destacando a essência da identidade cultural piauiense – piauiensidade, construída a partir de seu mito fundador. Conclui-se, portanto que as narrativas da saga heroica de Sarah Menezes contidas nos três jornais estudados, no período analisado, têm grande potencial para ressignificar o mito fundador da cultura piauiense de forma contextualizada, positiva e atualizada.

Palavras-chave: Mídia Impressa. Herói Esportivo. Identidade Cultural Piauiense. Piauiensidade. Sarah Menezes.

ABSTRACT

In modern society, cultural identity is established through mythicized and narrated accomplishments, mainly by the media. The media fulfill the collective imagination with archetypal figures and dominate sectors of daily life, including sports, turning them into a great spectacle. In sports, the main actors of the show are the top athletes. They become a reference of strength, determination, and endurance. In addition to representing the sport modality they practice, they are also shown as representatives of the identity of its people and its culture, such as the Piauiense Sarah Menezes when she became the champion at the London Olympics in 2012. The present study was aimed at analyzing the media content on the judoka Sarah Menezes and its relation to the cultural identity of Piauí in major newspapers of Piauí, "O Dia", "Meio Norte" and "Diário do Povo". The specific objectives were as follows: (i) to analyze the narratives regarding the athlete Sarah Menezes through the publishing materials in the newspapers; (ii) to identify the accomplishments of the heroic journey of the athlete in the Olympics; and (iii) to explore the constructed image of the athlete and his relationship with the Piauí identity as a reconfiguration of the founding myth of "piauiensidade", namely, the countryman who became the hero of the Jenipapo Battle. A qualitative study, of exploratory type, had in the methodological procedure two distinct approaches: the model of the Hero's Saga proposed by Campbell (1997) and adapted by Vogler (1998) to define the categories of analysis and thematic units, and an Analysis Content (AC) to analyze the articles that depict the history of the judoka. The corpus was delimited between the period of May 2012, when the official list of the members of the Brazilian Judo Team, to September 2012 when the participation of Sarah Menezes on Brazilian Independence Day commemorations in Brasilia was reported. The results show that newspapers, even though unintentionally, narrated the history of Sarah Menezes due to its successful participation at the London Olympics, following the same structure of the mythological hero journey. The research findings have also allowed to identify the phase of "separation" or according to judo; the phase of "adventure" that matches the entire process of preparing for the big fight and his victory in the Olympics; and her "returning home" as a heroin. All steps of the judoka were narrated through texts that value her belonging to Piauí and have put her as a very representative example to all Piauí natives. Newspapers mention her accomplishment as a heroic act and emphasize athlete's characteristics belonging to not only her, but also to the entire Piauí community, highlighting the essence of Piauí cultural identity - *Piauiensidade*, built from its founding myth. In conclusion, the narratives of the heroic saga of Sarah Menezes, contained in the three studied newspapers during the analyzed period, have great potential to reframe the founding myth of Piauí culture in context, in a positive and updated form.

Keywords: Print Media. Sports Hero. Cultural Identity Piauiense. Piauiensidade. Sarah Menezes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. IDENTIDADE CULTURAL E MÍDIA.....	15
2.1 Identidade cultural	15
2.1.1 Construção da piauiensidade.....	24
2.2 Mídia na construção de identidades	32
3. ESPORTE NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.....	38
3.1 Esporte da mídia.....	38
3.2 Esporte na constituição das identidades dos heróis nacionais.....	49
3.3 Heroína olímpica Sarah Menezes.....	53
4. METODOLOGIA.....	58
4.1 Tipo de estudo	58
4.2 Corpus	58
4.2.1 Delimitação do corpus.....	60
4.3 Procedimentos metodológicos.....	62
4.3.1 Modelo da jornada do herói.....	62
4.3.2 Análise de Conteúdo (AC).....	66
5. JORNADA HEROICA DE SARAH MENEZES NOS JORNAIS IMPRESSOS DE TERESINA.....	68
5.1 Chamado à aventura.....	68
5.2 Aventura.....	72
5.3 Retorno.....	85
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	94



Fonte: globo.com, jul.2012 (Foto: Agência AFP)

Os grandes feitos são conseguidos não pela força, mas
pela perseverança.

Samuel Johnson

1. INTRODUÇÃO

A conquista do ouro pela judoca piauiense Sarah Menezes nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, foi um feito permeado de significados e promoveu quatro grandes destaques: à própria atleta, ao judô feminino, ao Brasil e ao Estado do Piauí. Um momento de glória que rendeu comemorações e uma gama de matérias, chamadas, falações, capas de jornais, anúncios publicitários; sendo, portanto, notícia em diversas mídias nacionais e internacionais. Na verdade transformou-se em notícia do dia, no mundo inteiro, já que conquistou a primeira medalha de ouro do judô feminino daqueles jogos.

A respeito desse feito da atleta, percebe-se que o caminho até a vitória foi percorrido com muita determinação, tendo a mesma se preparado, com mais afinco, a partir do momento em que foi derrotada, na primeira luta disputada nas Olimpíadas de Pequim, em 2008. Em Londres, a judoca venceu as lutas ponto a ponto, até chegar à final e se consagrar como olimpiana, o sonho literalmente dourado de qualquer esportista. O topo do pódio e da carreira. O que tornou a vitória mais marcante e merecida foi, para muitos, o fato de sua adversária, a romena Alina Dumitru, campeã olímpica da edição anterior, ser considerada a melhor do mundo. Lutar contra uma adversária em desvantagem técnica não traria a mesma sensação de vitória do que lutar com a melhor do mundo; todavia, a sua preparação técnica a colocou em pé de igualdade durante a luta e ao sagrar-se campeã ainda se posicionou no lugar de melhor do mundo. Naquele momento, tornou-se o grande destaque dos jogos.

O ouro de Sarah Menezes destacou o judô brasileiro, junto à comunidade esportiva, acabando com a “estiagem” de 20 anos sem medalhas, além de ter sido a primeira mulher brasileira a ganhar uma medalha de ouro no judô em Olimpíadas. A grandeza dessa conquista pode ser medida também na comparação com outras modalidades. Até então, só uma mulher brasileira havia conseguido o ouro em prova individual na história das Olimpíadas: Maurren Maggi, no salto em distância, em 2008, em Pequim (LOMBA, 2012, p. 1).

Destacou, ainda, o Brasil, que teve sua bandeira hasteada durante a cerimônia de premiação, uma das primeiras medalhas a serem entregues no evento, marcando a posição política do país perante o mundo, que manteve todos os holofotes e câmeras voltados para sua bandeira naquele momento. No palco do maior espetáculo esportivo, promotor das nações, ouvia-se o hino brasileiro.

Por fim, destacou o Estado do Piauí perante as alteridades federativas: a atleta piauiense conquistou um ouro para o país, um, de apenas três e o primeiro dos três

conquistados naquela Olimpíada. Nessa instância seu feito se configurou em dois palcos em que Sarah foi destacada como figura principal: o primeiro que destaca a piauiense e por consequência, o Piauí perante a nação brasileira. O Piauí é referenciado positivamente na mídia nacional como poucas vezes acontece; o segundo palco, o próprio Estado reverencia a atleta, prata da casa, evocando possivelmente a mítica do(a) herói(na). Por decidir permanecer treinando em seu Estado, longe do eixo central (Rio-São Paulo) dos acontecimentos esportivos e dos grandes clubes que possuem estrutura com padrão internacional, a judoca piauiense valorizou sua terra natal, se mostrou guerreira e perseverante, derrotando adversidades até chegar à vitória em um dos maiores eventos esportivos do mundo.

Diante do exposto, é que esta pesquisa se propôs a estudar, não o feito de Sarah Menezes em si, mas a maneira como os meios de comunicação, especialmente a imprensa local, se apropriou do fato. Os principais jornais da cidade destacaram a notícia na capa e produziram matérias de páginas duplas a respeito do assunto. Este feito foi narrado pela mídia impressa local como reforço positivo da piauiensidade ou da identidade cultural piauiense, (res) significando, possivelmente, a figura do herói representativo desta cultura, instituído em sua formação, qual seja: o bravo do Jenipapo que mesmo ferido de morte, lutou contra adversários mais fortes pela independência do Piauí, possibilitando o destaque do Estado perante a federação ou a figura do vaqueiro, valente guerreiro que resiste às agruras da seca e sem desistir, vai em frente superando as dificuldades. Assim como eles a pequena Sarah, de origem pobre, superou muitas dificuldades durante sua preparação, vencendo-as todas, tornando-se uma heroína.

No período anterior aos jogos olímpicos, Sarah estava entre as melhores do judô nacional e, portanto, foi indicada para representar o Brasil com grandes possibilidades de ser medalhista. Contudo, a mídia local estava reticente em relação à judoca, pois ela não era apontada como favorita ao ouro, fato evidenciado pela desvalorização na mídia, da atleta piauiense em detrimento à adversária estrangeira ou em relação aos demais atletas da federação.

Ao chegar ao topo do pódio, Sarah surpreendeu a muitos e sua vitória provocou uma série de matérias que supervalorizavam o fato de uma piauiense ter conquistado o ouro, um feito quase impossível, um feito heroico. Neste momento, o contexto proporcionou a tessitura de textos carregados de elementos que fortalecem sua relação com a piauiensidade. O fato de a atleta ser piauiense e ter escolhido permanecer treinando em Teresina foi intensamente ressaltado nas matérias.

Assim considerando, surgiram os seguintes questionamentos: Qual o tratamento dado pela mídia impressa piauiense à judoca Sarah Menezes, desta vez como heroína olímpica? Até que ponto a mídia, ao narrar sua saga heroica, relaciona a atleta, campeã mundial, como heroína piauiense, atualizando a figura mítica do bravo do Jenipapo ou do vaqueiro que com força e garra lutaram contra adversários mais fortes e impiedosos? O ouro olímpico da judoca pode configurar um cenário propício a uma ressignificação desse herói, enquanto mito fundador, na identidade cultural piauiense (piauiensidade)?

Neste estudo, partiu-se dos seguintes pressupostos: o contexto noticioso da mídia impressa piauiense em relação à atleta Sarah Menezes reforçou sua ligação local e possibilitou que o conteúdo das matérias jornalísticas fosse trabalhado na perspectiva de uma identidade cultural intimista (local); as narrativas jornalísticas sobre a jornada esportiva da atleta se apresentaram com marcas patentes relacionadas ao herói mitológico; no contexto sociocultural o feito Olímpico pode ter sido trabalhado pela mídia impressa local com um sentido de ressignificação do mito fundador da identidade cultural piauiense reforçando de maneira positiva características instituídas ao povo como força, resistência, resignação, entre outros.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as narrativas construídas em torno do feito olímpico da atleta Sarah Menezes na mídia impressa local, buscando relação entre o mito do herói e a identidade cultural piauiense. Como objetivos específicos temos: analisar o conteúdo referente à atleta Sarah Menezes por meio das matérias dos jornais impressos; identificar as narrativas referentes à jornada heroica da atleta no percurso até a olimpíada; e, por fim, refletir sobre a imagem construída da atleta e sua relação com a identidade piauiense e possível reconfiguração do mito fundador.

Para isso utiliza-se como abordagem teórico-metodológica o Modelo da Saga do Herói de Joseph Campbell (1997) que tem em sua essência o monomito do herói dividido em três fases, aqui constituídas em categorias de análise: separação/aventura/retorno. Esse é o caminho percorrido pela atleta em sua participação na Olimpíada. Tais categorias são subdivididas em temáticas, a partir da adaptação de Vogler (1998). No primeiro momento, o da separação, Sarah atende o chamado externo à aventura, quando entra para o judô e inicia sua carreira no esporte se distanciando (separando) do mundo comum. O segundo momento, o da aventura, se dá quando ela juntamente com seu treinador passa a vislumbrar a Olimpíada como meta e foca sua preparação para a grande luta, indo ao encontro do adversário e

vencendo. Por último, o momento do retorno em que a atleta, transformada em heroína, retorna a sua terra natal.

A partir desse modelo, o material coletado (matérias dos jornais, chamadas, colunas e notas) do corpus deste estudo foi organizado segundo as categorias e as unidades temáticas constituindo as unidades de análise. Em seguida essas unidades foram analisadas a partir da Análise de Conteúdo (AC). De acordo com Bardin (1977), AC é um conjunto de instrumentos de análise do campo das comunicações que realizam uma interpretação de textos (hermenêutica) de forma controlada, baseada na dedução e que podem ser aplicados em diversos conteúdos.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro, a introdução, em que se constrói o objeto de estudo, apresenta relevância e justificativa para o estudo e discorre sobre os objetivos. Os capítulos seguintes, segundo e terceiro, apresentam a fundamentação teórica da pesquisa. O segundo capítulo discorre sobre identidades culturais e os processos pelas quais estas são instituídas ao longo do desenvolvimento histórico da sociedade. Apresenta-se ainda no terceiro capítulo o processo de midiaticização do esporte na sociedade atual, trazendo reflexões sobre a relação da mídia com o esporte e, conseqüentemente o atleta. No quarto capítulo temos a metodologia, na qual se apresenta o tipo de estudo, o *corpus* e os procedimentos de coleta e análise dos dados. No quinto capítulo apontamos as categorias e unidades temáticas da Saga Heroica e os resultados decorrentes das análises das unidades narrativas deste feito. E encerramos com as considerações finais do trabalho.

2. IDENTIDADE CULTURAL E MÍDIA

2.1 Identidade Cultural

Identidade é um conceito amplamente estudado e abordado por diversas áreas do conhecimento estando, por vezes, na interseção delas. A noção de identidade passou por transformações históricas, saindo da concepção essencialista baseada no “eu autônomo” para um entendimento de um processo relacionado com noções do “Outro”. Macneil (2006) pontua o surgimento de ideias em oposição ao essencialismo que limita o entendimento da identidade de um povo a um elemento ou categoria que se sobressai. Trata-se de abordagens pós-estruturalistas e pós-colonialistas que entendem identidade como uma construção com base na alteridade (outro); que pensam a constituição da identidade a partir de uma construção social e que se dá nas relações. É dessa forma, portanto, que tribos, comunidades ou povos se definem e são definidos.

Uma das abordagens mais exploradas pela antropologia, psicologia social, comunicação, filosofia, dentre outras é a identidade como representação, como imagem. Essa noção refere-se às figuras representativas de um grupo, aquelas que dão o sentido de unidade compartilhada ou que constroem o senso comum no imaginário social, ligando símbolos (significante) aos significados (representações) ou significações coletivamente disponíveis.

Analisando o imaginário coletivo na formação da sociedade, Castoriadis mergulha na gênese da lógica identitária e renova a discussão da ontologia desta lógica que exerceu grande influência na filosofia desde Pitágoras, passando por Platão até os dias atuais. O autor pontua que a “realização mais completa e mais rica da lógica identitária é a elaboração da matemática” (CASTORIADIS, 1995, p. 260). Segundo o autor, a lógica identitária obedece a lógica conjuntista, ou ainda, a natureza da identidade é pressuposta pela teoria dos conjuntos.

A teoria dos conjuntos ressalta de maneira pura, aquilo que está subjacente à lógica identitária e que constitui uma dimensão essencial e ineliminável de toda atividade e de toda a vida social. O autor parte da definição de conjunto dada por Cantor que condensa operações do processo identitário: “Um conjunto é uma coleção em um todo de objetos definidos e distintos de nossa intuição ou de nosso pensamento”. As operações que se estabelecem a partir dessa definição são as seguintes: distinguir, escolher, estabelecer, juntar, contar e dizer os elementos daquele conjunto.

Assim, estabelecer um elemento como pertencente a um conjunto e não a outro é estabelecer a distinção pela qual ele é definido, é estabelecer a identidade pura, genuína e em sua pura diferença em relação a tudo que ele, exatamente, não é. O autor ressalta que esse processo só se dá na e pela linguagem. Dois elementos pertencentes ao mesmo conjunto (equivalência) ou membros de conjuntos distintos (sua negação), só podem ser classificados assim através de termos ou traços preestabelecidos na linguagem.

Segundo o autor, essa lógica conjuntista identitária acontece no “primeiro estrato natural” dos dados, biológicos ou físicos, onde estão os “termos de referência e de demarcação” determinantes dos objetos ou elementos de um conjunto e suas relações. Neste estrato os elementos são organizados por operações conjuntistas, podendo ser definidos por reunião, intersecção ou disjunção de propriedades ou de atributos. Nessa camada se encontra, por exemplo, o conjunto dos seres humanos divididos em subconjuntos de homens e mulheres definidos como machos e fêmeas.

No entanto, a lógica conjuntista identitária não resume ou explica a instituição das identidades culturais na sociedade, ela é apenas a base em que as características definidoras, esse dado natural será transformado em fato cultural através das significações imaginárias ou do estilo pelo qual cada comunidade irá imaginar. É nesse estrato da criação sócio-histórica, no imaginário social de uma época ou período histórico em que os elementos dos conjuntos passam por uma elaboração cultural. Se o primeiro estrato natural é imprescindível para a existência da sociedade, ao mesmo tempo não é um elemento determinante das significações imaginárias. Estas são criações sempre novas em cada sociedade, em cada momento (LOSADA, 1996, p. 45).

Em toda sociedade, essa elaboração cultural inicia-se e move-se em torno de perguntas primordiais na experiência humana: Quem somos nós? Quem somos nós para os outros? O que desejamos? O que queremos? Na tentativa de definição de uma identidade existe a busca por respostas fundamentais que não podem ser respondidas pelo real ou pelo racional, mas só se encontram nas “significações imaginárias” inseridas numa continuidade histórica.

Dessas respostas depende a existência das comunidades e das culturas. São elas que dão sentido e constroem a vida humana partilhada. Elas emergem na cotidianidade e tornam as ideias e imagens coesas e comuns aos grupos. “É no fazer de cada coletividade que surge como sentido encarnado a resposta a essas perguntas, é esse fazer social que só se deixa compreender como resposta a perguntas que ele próprio coloca implicitamente” (CASTORIADIS, 1995, p. 177).

Segundo o autor é através do trabalho (no sentido mais amplo do termo), na forma como utiliza seus instrumentos, que percebe e utiliza a natureza a sua volta e realiza de maneira específica suas atividades que o homem se define e se estabelece em relação aos outros seres humanos. É na vida cotidiana que as respostas são dadas de forma poética e imaginária pelo próprio homem enquanto define sua identidade, se diferenciando, inclusive, no reino animal.

Assim posto, com base nos Estudos Culturais modernos orientados por Stuart Hall (2000), podemos afirmar que a identidade torna-se objeto de discussão, principalmente quando é posta à prova, quando existem dúvidas quanto a ela e a instabilidade passa a tomar conta do sujeito, ou quando este percebe que a identidade não é um fator com o qual nascemos, não faz parte da nossa essência natural, mas é construída no interior das representações, que preenchem nosso imaginário individual e coletivo: acontecimentos são selecionados, narrados e instituídos como marcos fundacionais na história de um povo, através de discursos políticos, livros, museus e outros suportes que surgiram com o desenvolvimento da tecnologia da comunicação.

Logo, a identidade piauiense, por exemplo, pode ser estudada sob o aspecto da cultura com ênfase no significado, na importância da formação de um senso comum, a partir de um conjunto de práticas estruturadas pela produção e intercâmbio de significações e das representações selecionadas e institucionalizadas ao longo da história do Estado, visto que: “a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.” (HALL, 2000, p. 17).

O autor aborda a representação como um “processo cultural” capaz de estabelecer identidades coletivas, pontuando a identidade como “relacional”. A subjetividade do indivíduo também depende da interação social, da identificação com os modelos oferecidos, de modo que este se localiza através dos contrastes, das diferenças e se define pelo ato da comparação e da classificação dos caracteres com os quais se identifica ou tem a sensação de estranhamento. O “eu sou” é definido por aquilo que “eu não sou”, mas que o “outro é”.

Portanto, a identidade se forma a partir da alteridade, como ressalta Hall (2000) sendo marcada pela diferença, ou ainda, como afirma Castoriadis (1995), obedece à lógica conjuntista. Como exemplo, podemos citar a definição de uma característica física de comprimento: dizemos que uma pessoa é alta em comparação a outra que é baixa. Se todas as

se as pessoas tivessem o mesmo comprimento não faria sentido falar em alto ou baixo, seríamos todos do mesmo tamanho e provavelmente esses conceitos nem existiriam. Por esse mesmo princípio, o da comparação, e posteriormente da classificação, os seres humanos identificam-se com características psicológicas que os definem a partir de características que definem o outro. O outro se torna o referencial de acabamento.

Esse processo se dá em exemplos pitorescos como o que citamos acima e vai além, explicando casos muito mais complexos que acontecem na formação das culturas no mundo em que situações ideológicas se cruzam de forma tensionada e encerram na construção de identidades onde as relações de poder acabam por selecionar e sancionar características definidoras de uma comunidade, instituindo modelos culturais segundo uma visão externa àquela própria cultura: a visão do outro hegemônico.

Façamos alusão às ideias de Edward Said (1996) na obra: *Orientalismo*, abordando a construção do Oriente pelo Ocidente. Para tanto, evoca o conceito de hegemonia de Gramsci observando que o processo de comparação com o Outro, no sentido de acabamento do Eu, pode se dar a partir do antagonismo superioridade versus inferioridade. Para alguém ser superior, outro alguém tem que ser inferior. Sob essa perspectiva, Said alerta para a construção do Oriente atrasado ou não civilizado em relação ao modelo ocidental soberano e superior.

Tomando esse exemplo para nossa experiência como nação brasileira, podemos observar esse mesmo processo de superioridade com que se coloca a região Sudeste em relação ao Nordeste do país. Em contraste com a riqueza e o desenvolvimento daquele, a construção deste se deu em relação às agruras da seca, do sertão distante e abandonado. A imagem do Nordeste foi romanceada, descrita e politicamente discutida como a região mais pobre do país. Parafraseando Said, O Nordeste não é uma “fantasia avoadá” do Sudeste “mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material” (SAID, 1996, p. 18).

Durval Muniz (2006) narra o trajeto de construção dessa região em sua obra: *A invenção do Nordeste*. Pontua que as narrativas, romances, novelas e outras obras criaram “uma visibilidade e uma dizibilidade” mitológicas que renderam fortes consequências na identidade do lugar, criando, inclusive, um modo de falar caricato e generalizado que não destaca a diversidade de sotaques existente entre os estados da região, mas simplesmente a diferencia da região sul. Para além disso, as narrativas tornaram possível a concretização de um lugar imaginal. Segundo o autor, “O Nordeste é uma espacialidade fundada

historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 66).

Neste sentido, percebemos que os autores evidenciam a questão das narrativas, que por possibilitar o compartilhamento de ideias entre muitas pessoas, participam com intensidade do processo de construção de identidades; tornam vivo o imaginário coletivo e reúnem uma comunidade em torno de características selecionadas que serão partilhadas por esta comunidade fazendo nascer o “sentimento de pertencimento” de que fala Hall (2006).

Desde o surgimento da imprensa e de seu desenvolvimento enquanto mercadoria, instaurando o “capitalismo editorial: a impressão, a venda, a circulação e a reflexão de textos” (ANDERSON, 1991, p. 70), que as narrativas impressas mostraram sua força e influência no imaginário coletivo das comunidades. No século XIX constituíram o elemento formador da noção incontestável de nacionalidade, exatamente por possibilitar uma realidade nova e compartilhada por um grande número de leitores reunidos em torno de uma ideia.

Considerando-se essa perspectiva, infere-se que a literatura ou as narrativas escritas no século XIX no Piauí preencheram o imaginário da sociedade com representações selecionadas a partir da realidade daquele período, que foram criadas e romanceadas, constituindo-se numa construção da noção identitária piauiense.

Isto posto, para além de responder a pergunta primordial “quem sou eu?”, a identidade direciona o sujeito para o lugar a que pertence, de onde é ou a que grupos se identifica. O pensamento de Hall se coaduna com Benedict Anderson ao considerar que o princípio de identificação de determinadas características de uma comunidade, ou como se forma a identidade de um grupo, não acontece de forma tão natural, mas é construída através de representações localizadas no imaginário coletivo. Anderson (1991) ainda propõe que esse processo acontece numa temporalidade passada. A imaginação da história nunca se faz no presente, mas depende de alguma dose de esquecimento dos fatos, um distanciamento do real para ser imaginada.

Trata-se de um processo criativo e imaginativo que se renova através de práticas culturais reforçando as tais representações. É dessa forma, por exemplo, que para explicar a origem e a difusão do nacionalismo, o autor cunhou, dentro de uma perspectiva antropológica, o conceito de “comunidades imaginadas” e afirma que “na verdade, qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As

comunidades se distinguem não por sua falsidade\autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas”. (ANDERSON, 1991, p. 33).

Bem como Castoriadis, o autor considera que essa construção imaginativa acontece a partir de um vazio que precisa ser preenchido e que vai dar cor e alma à comunidade. Ela depende de uma “camaradagem horizontal” advinda muito mais de uma construção cultural do que de forças políticas coercitivas. São simbolismos e significados que vão se tornar comuns a um grupo de indivíduos que os farão se reconhecerem como pertencentes ao mesmo espaço imaginário, ainda que não se conheçam em seus pormenores.

Assim, somente através de significados partilhados no plano das ideias ou em um plano imaginal é que práticas cotidianas são definidas e, através da repetição, podem tornar-se tradições nas comunidades. Na tentativa de entender como as tradições surgem, Hobsbawm e Ranger (1997) estudaram a “invenção das tradições” pontuando que estas se estabelecem numa continuidade de um passado histórico apropriado, que nem sempre é tão remoto, porém mais recentes do que parecem ser. É o que ele chama de “tradição inventada”, vista como: “[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

Os autores reforçam que não se trata de redes de convenções e rotinas instituídas e transformadas em hábito, como o que ocorreu na Revolução Industrial em que as classes de trabalhadores foram obrigadas a aceitar e aderir. Estas redes obedecem ou se justificam por uma lógica técnica, mas, diferentemente as “tradições inventadas” são ideológicas e se formalizam através de rituais justificados no passado que se repetem no presente.

A ideia de tradição é algo que se estabelece no tempo fazendo conexões entre as temporalidades presente, passado e futuro. Uma organização temporal amalgamada pela “memória coletiva” (HALBWACHS, 2004) que reúne a coletividade em torno de um conteúdo emocional vivido no passado e que se reconstrói continuamente no presente. As práticas sociais que formavam concretamente a memória coletiva, praticadas no presente é o que organiza o tempo futuro. Giddens pontua que essa reconstrução é parcialmente individual, mas fundamentalmente, é social ou coletiva.

(...) a tradição está ligada à memória, especificamente aquilo que Halbwachs denomina “memória coletiva”; envolve ritual; está ligada ao que vamos chamar de *noção formular de verdade*; possui “guardiães”; e, ao contrário do costume, tem uma força de união que combina conteúdo moral e emocional (GIDDENS, 1991, p. 81).

Dessa forma a memória ou a tradição foi um processo social ativo na construção das identidades das comunidades pré-modernas. Segundo este autor, nas culturas orais as pessoas mais velhas agiam como guardiães, com a tarefa de passar os segredos, as crenças, as histórias aos mais jovens. Essas pessoas agiam como mediadores do sagrado que povoava o imaginário coletivo. E os rituais garantiam de forma prática a preservação desse conteúdo e a continuidade de práticas sociais que caracterizam as tradições.

Os guardiães ocupavam esse lugar ou viviam esse status, nem tanto pela mítica que os rodeava, como a capacidade de adivinhar o futuro, por exemplo, mas, muito mais pelas relações de poder que se estabeleciam entre os membros daquelas comunidades. Este aspecto é ressaltado por Manuel Castells (2003, p. 79) quando defende que as identidades emergem de um contexto marcado por relações de poder. Sob essa perspectiva o autor cria três categorias identitárias: a legitimadora, instituídas pelas instituições dominantes; de resistência, que representam minorias contra hegemônicas; e as de projeto, capaz de construir nova identidade. Apesar das relações de poder estabelecidas “as pessoas resistem ao movimento de individualização e tendem a formar organizações comunitárias que, com o tempo geram o sentimento de pertença e uma identidade cultural se constitui”. No entanto, é preciso que haja um engajamento social, envolvendo interesses comuns e o compartilhamento da vida para que se produza um novo significado (CASTELLS, 2003, p. 79).

Dentro desse escopo, de envolvimento social, entende-se que existe um movimento intelectual no Piauí no sentido de “tomada de consciência”, como fala Arão Nogueira Paranaguá de Santana, na apresentação da obra “Apontamentos para a história cultural do Piauí” (2003), quanto a renovação ou o fortalecimento da identidade piauiense. Este movimento evidencia a piauiensidade através de um resgate histórico que marca características próprias e exclusivas, reunindo atributos identificadores do Estado, o que ele é ou o que o diferencia das alteridades federativas. Em outras palavras, busca elementos que através do “sistema de representação” (HALL, 2000) foram eleitos para evidenciar a identidade do Piauí. Diante deste movimento que reavalia as narrativas iniciais na construção da piauiensidade, os símbolos e mitos que a construíram e as práticas culturais que as mantêm, questionamos se esses elementos imaginários ainda representam as gerações atuais.

Para tanto se faz necessário lançar o olhar para a nova perspectiva de identidade que se instaura na contemporaneidade. As comunidades tradicionais sofreram fortes consequências com mudanças econômicas e culturais, ao ponto de se desagregarem. As fronteiras nacionais enfraqueceram e se tornaram instáveis. O fenômeno da globalização alterou os processos na comunicação dos homens, modificou a noção espaço-tempo, diminuindo a distância física e ideológica entre as culturas. Diferente das gerações do início do século XX até a década de 60, em que predominava o nacionalismo, as novas gerações, que nascem em meio ao desenvolvimento tecnológico tem acesso ao mundo virtual que rompe fronteiras, diminuindo a distância entre as culturas. A forma de apropriação do conhecimento e dos produtos espalhados por todo o mundo mudou e as trocas tornaram-se mais intensas (CANCLINI, 1995, p. 15).

Dizendo de outra forma, a globalização modificou o entendimento de identidade que se estruturava no pertencimento da comunidade nacional. As gerações contemporâneas têm novos anseios, desejos, “novos signos de prestígio” e apresentam, portanto, novos modelos de constituição das identidades e da construção da diferença (CANCLINI, 1995, p. 15).

Torna-se oportuno, portanto, tomar o conceito de “hibridização” cultural, introduzido por Canclini (1995) pontuando que não faz mais sentido falar apenas das “diferenças entre culturas desenvolvidas separadamente”, contudo é preciso levar em conta os diferentes modos de apropriação dos elementos de diversas culturas pelas comunidades.

O autor esclarece que muitas mudanças, sobretudo, a mudança na forma de consumir, alteraram a maneira como se constitui e até mesmo o próprio conceito de identidade. As identidades, anteriormente fixadas em produtos exclusivos e elementos regionais tornam-se instáveis com a globalização e levam, conseqüentemente, a formação de “comunidades transnacionais de consumidores”. Desta forma a identidade não mais pode ser definida por “essências a-históricas, mas configuram-se no consumo” (CANCLINI, 1995, p. 15).

O nacionalismo e suas fronteiras estão sendo substituídos por novos conceitos, a nova geografia cultural que estabelece a “internacionalização” ou “transnacionalização”. Em vez de fábricas, as montadoras de carros compõem seu produto com peças advindas de várias partes do mundo e não mais se concentram em um polo. O global substitui o local. As culturas se cruzam, se (res) significam e dão origem a algo novo, híbrido, com elementos das culturas anteriormente originais. Comer sushi de manga no Piauí é um exemplo clássico deste fenômeno. “Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (CANCLINI, 1995, p. 142).

Hall (2000) ressalta que um dos efeitos da globalização no cotidiano das identidades é o movimento tensionado entre o global e o local. Propõe que, em vez de uma substituição do local pelo global existe uma “nova articulação” entre os dois contextos. Ocorre um tensionamento paradoxal entre a homogeneização e a diferenciação, visto que:

Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da “alteridade”. Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, em vez de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local” (HALL, 2000, p. 21).

Existe, portanto, movimentos de valorização do pitoresco, dos elementos diferenciadores das culturas locais que, por sua vez, se (res)significam para permanecer existindo na “Aldeia Global”. Trata-se de movimentos do mercado do “consumo simbólico” (BOURDIEU, 1992) em que o mercado precisa do diferente para vender, mas o diferente tende a ser homogeneizado.

Diante dessa nova articulação Hall, ressalta a condição do sujeito pós-moderno, fruto das constantes e aceleradas mudanças. A identidade tornou-se uma “celebração móvel”. Não podemos mais pensar em sistemas fixos de identidades, nas quais viviam as sociedades tradicionais, porém é mais acurado pensarmos em identificações. As subjetividades são formadas por várias identidades que se articulam de forma tensionada ou em diferentes direções. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 3).

Segundo Macneill (2006), as identificações são relacionais, contingentes, performativas e produtivas, tem relevância política, social e produzem impacto real sobre as pessoas. As identificações acompanham o movimento sócio-histórico expressando a constelação de ideias de um tempo; as identidades se (res)significam a partir das novas relações que se estabelecem, portanto não faz sentido pensar numa identidade presente com uma base fixa e presa ao passado; não faz sentido pensar numa identidade que, apesar de ter se constituído a partir de narrativas de um passado recente, tenha se mantido intacta e pura, sem que tenha se ressignificado. Para representar a geração atual, muitos elementos da cultura piauiense, por exemplo, instituída numa temporalidade anterior, já se adaptaram e se (res)significaram e precisam ser analisados a partir do contexto contemporâneo.

Assim sendo, as narrativas de um passado recente, diante de tantas mudanças sociais, por meio de relações polarizadas (global versus local, eu versus o outro) e dos feitos que enaltecem e evidenciam uma comunidade, tem servido para fortalecer as identidades culturais que estão sempre em processo de mudança, mas que mantêm a essência, seu núcleo fundacional. Inferimos, então que as narrativas sobre o feito heroico de Sarah Menezes, talvez possa representar a renovação do permanente, relacionando-a ao herói piauiense que lutou em busca da vitória, sem se intimidar com o adversário.

2.1.1 Construção da Piauiensidade

Com base no conceito de Comunidades Imaginadas (ANDERSON, 1991) traremos para nosso estudo elementos que caracterizam o estilo em que foi imaginada a identidade piauiense ou a piauiensidade. A princípio pontuamos que a construção dessa comunidade se deu como todas as outras que estavam nascendo no mesmo período histórico (século XIX), em que o nacionalismo imperava no ocidente. O Piauí seguiu os passos da nação brasileira que nasceu ainda como colônia de Portugal.

No entanto, segundo Gutemberg Souza (2008), a história da colonização do Piauí é tida como *sui generis* em relação aos demais estados brasileiros. Diferente destes, o Piauí foi colonizado do sul para o norte e do centro para a periferia; somado a isso o distanciamento geográfico aos centros civilizados do litoral prejudicou seu desenvolvimento.

Este autor, que analisou as narrativas de historiadores piauienses ou de historiadores que estavam no Piauí a serviço do Império nos séculos XIX e início do século XX, considera que a segunda metade do século XIX foi marcada pela instituição de lugares de memória e de uma produção historiográfica voltada para a construção do pertencimento à comunidade política nacional. Os esforços eram direcionados à construção de uma memória histórica sob a visão imperialista. Os sentimentos de nacionalidade e patriotismo foram muito explorados no pós-guerra do Paraguai, por volta dos anos de 1870, em todas as províncias brasileiras, inclusive no Piauí. O Estado comemorou com solenidades oficiais a volta dos soldados piauienses que lutaram contra os paraguaios. “Nessas ocasiões eram realizadas passeatas, solenidades, discursos inflamados nos quais os valores cívicos e o sentimento patriótico eram vulgarizados, raros momentos em que o Piauí se integrava a nação e via-se como comunidade diferenciada, orgulhosa de si”. (SOUZA, 2008, p. 38).

Esse contexto está ligado à política de integração nacional do segundo Império, organizado pelo Instituto de História e Geografia do Brasil (IHGB). Destarte a história do Piauí, assim como nas demais províncias brasileiras, contou com uma produção histórica monarquista, escrita por altos funcionários do governo com o objetivo de fortalecer a identidade da nação brasileira que, naquele período se estabelecia em detrimento da tradição familiar local. Esse período histórico coincidiu com a mudança estratégica da capital piauiense de Oeiras para Teresina, em 1852, numa tentativa de modernização econômica e social, tendo em vista a decadência da principal atividade econômica da época, a pecuária extensiva.

Auxiliar direto do presidente da província, com apenas 20 anos de idade, José Martins Pereira de Alencastre veio ao Piauí e escreveu, dentre outros, *Memória Cronológica*, em 1857, que abordava aspectos naturais e administrativos seguindo as tendências e o estilo varnhageano¹ em criar a história do Piauí como se fosse a continuação da história do Brasil.

[...] História estatal, portanto, consistindo numa narrativa repleta de descrições sobre o território, tendo em vista atribuir uma unidade e sentido históricos à comunidade imaginada piauiense, e instituindo, pela primeira vez, uma cronologia constando fatos sociais, políticos e administrativos fundadores da nacionalidade piauiense (SOUZA, 2008, p. 41).

Alencastre levantou questões que estão diretamente ligadas à construção da identidade histórico-cultural piauiense, uma delas é o tradicional abandono do poder público para com o Piauí; a transferência da capital como fator de modernização do Piauí e os limites dos Estados fronteiriços tratados como problemas históricos e políticos. Esses pontos se repetem nas narrativas dos historiadores seguintes a ponto de se tornarem um traço marcante nas falas de alguns piauienses.

Segundo Souza, o primeiro almanaque piauiense, de 1905, ainda destacava, dentre outras coisas, o calendário nacional, efemérides ligadas à Família Real, datas festivas também relacionadas à Família Real e as relações nominais de todas as autoridades imperiais e provinciais. Portanto, esse período foi marcado pelo fortalecimento da ideologia da nação brasileira e pouco se falou da história local.

1 Francisco Adolfo de Varnhagem, Visconde de Porto Seguro, um dos expoentes máximos do IHGB. Escreveu “História Geral do Brasil”, obra que descreve a história do Brasil como continuação da história de Portugal.

Só a partir da primeira década do século XX, o novo cenário histórico republicano, com raízes na revolução francesa, foi marcado por narrativas históricas locais, fundadoras das tradições estaduais ou da piauiensidade. As três primeiras décadas foi o período em que se consolidou o início da historiografia do Estado. Houve considerado aumento nas produções literária e jornalística, a criação de instituições culturais e ações governamentais incentivando a produção cultural e histórica. Houve uma sistematização em torno da história do Piauí. A historiadora Teresinha Queiroz ressalta, “em que pese o domínio ainda da compreensão tradicional da história, essa escritura já se alargava para o que hoje é visto como a dimensão cultural” (QUEIROZ, 2006, p.142). A comunidade intelectual ascendeu com uma produção erudita autonomizando a vida intelectual e artística. Foi um processo amplo no sentido de construção de uma identidade cultural própria ou da invenção histórica do Piauí. Souza (2008) destaca intelectuais historiadores que faziam parte da *Intelligentzia* piauiense, participantes diretos do processo que fomentou o mercado de “bens simbólicos” (BOURDIEU, 1992), construtores da identidade e dos conceitos introduzidos naquele período.

Influenciados pelo cientificismo da época (darwinismo social), Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e Abdias Neves, construtores de uma história local republicana, vão introduzir os conceitos-imagens de abandono, isolamento e atraso e argumentos raciais e mesológicos em seus escritos históricos, associados à assimilação de culturas importadas, numa luta para vencer um complexo de inferioridade econômico, social, político e sobretudo intelectual (SOUZA, 2008, p. 68).

Dentre as narrativas da época, se destaca *A Guerra do Fidié*, obra de Abdias Neves, na qual narra uma batalha, que é vista por historiadores como um dos mitos fundadores da piauiensidade. Uma narrativa de fatos significativos que identificam e justificam a origem de traços da comunidade imaginada do Piauí.

De acordo com Chauí, o “mito fundador” diz respeito ao mito que nos remete a um passado imaginário que originou a história e os traços de um povo e que se mantém sempre presente, se adaptando por diversas formas e aspectos ao longo da formação histórica dos indivíduos, mas sempre repetindo o mesmo princípio imaginativo.

[...] falamos de um mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores

e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo (CHAUI, 2006, p. 9).

Nesse sentido *A Guerra do Fidié* dá origem à narrativa do herói na história da piauiensidade, que lutou na batalha do Jenipapo, de 13 de março de 1823, contra o inimigo e as suas dificuldades até a morte. Apesar de destacar a conquista da independência do Estado após a batalha, essa obra confere e institui características depreciativas ao piauiense. Vale ressaltar que a literatura vigente naquele período era o realismo e por meio dela os autores da época se expressaram. Contudo, de acordo com Barthes (1993) a literatura realista é mítica, ou seja, acrescenta significação aos fatos, ainda que seja como um mito grosseiro do realismo. Para este autor

Isto não quer dizer, evidentemente, que não haja responsabilidade da forma em relação ao real. Mas esta responsabilidade só pode ser julgada (visto que há processo) como significação não como expressão. A linguagem do escritor não está encarregada de *representar* o real, mas de o significar (BARTHES, 1993, p. 157).

Ainda que não tivesse a intenção ideológica, Neves contribuiu para a criação de um herói fadado à derrota ao descrever, de forma mítica, uma batalha na qual os piauienses enfrentam um inimigo mais forte e mais preparado em estrutura armamentista. Segundo Queiroz (2006), Abdias Neves contribuiu notavelmente para a historiografia piauiense. Uma de suas obras que se destaca é exatamente *A Guerra do Fidié*, várias vezes editada, “conseguiu transpor as barreiras do tempo” (QUEIROZ, 2006, p.143).

Nesse mesmo período, reforçando a criação das tradições, foram criados os principais símbolos cívicos do Estado como bandeira, brasão, hino, instituição de datas históricas estaduais e um calendário de festas. A título de exemplo, no brasão do Piauí consta a legenda *Impavidum fervent ruinae*, o último verso de um poema de Horácio², que traduzido literalmente significa: ávido corajoso arruinado. Segundo Souza essa legenda

Institui oficialmente a ideia de piauiensidade, baseada no caráter heroico de luta e da morte em prol da origem política da comunidade imaginada. Em tradução atualizada (e contextual) quer dizer que o piauiense é forte mesmo

2 A legenda do brasão do Estado do Piauí foi retirada da ode III, 3, 8 de Horácio, cujos oito versos finais estão assim traduzidos: “Ao varão justo e firme em seus propósitos não se abala em sua decisão sólida/nem a paixão dos cidadãos a exigir coisas injustas/Nem as insistentes ameaças de tirano/Nem o Astro [vento] dono do turbulento, do irrequieto Adriático/Nem a poderosa mão de Júpiter fulminante/Se o mundo despedaçado desmoronasse/suas ruínas feri-lo-iam sem assustá-lo

ferido de morte. Aqui está implícita a referência à batalha do Jenipapo, ocorrida em 13 de março de 1823 (SOUZA, 2008, p. 89).

Desta forma nasceu o herói representativo da piauiensidade, um dos elementos constituintes desta cultura, selecionado e institucionalizado como mito fundador da sociedade piauiense, nas primeiras décadas do século XX, através da obra a “Guerra do Fidié” de Abdias Neves. Nela, os vaqueiros, roceiros e índios defensores do Brasil, armados com “velhas espadas, facões, chuços, machados e foices” são destacados pelo ato heroico de lutar pela pátria “contra a artilharia e o armamento novo do chefe lusitano, muitos vieram morrer à boca das peças, com um desamor pela vida, que pasmava os soldados, poucos afeitos a semelhantes atos de heroísmo!” (NEVES, 1974, p. 125) No entanto, são classificados como uma massa desorganizada, despreparada, indisciplinada e citados mais do que heróis, como mártires que escreveram história, destacando o Estado no cenário político nacional com seu próprio sangue.

Referenciando o acontecimento sociopolítico mais importante da história piauiense: a Batalha do Jenipapo, instituindo-a como mito fundador da piauiensidade, Abdias Neves ressalta que “toda reforma seja social ou religiosa, precisa de mártires e desse batismo de sangue para se impor e criar raízes na alma das multidões. É condição emocional indispensável” (NEVES, 1974, p. 61).

Na mesma obra o autor faz referência ao piauiense, pautado pelo determinismo geográfico, destacando a destruição de uma raça guerreira e feliz (índios) que aqui vivia e sua consequente substituição por uma raça branca, criadores das fazendas de gado que ocuparam a região no período de sua colonização. A narração dessa mudança introduz uma noção depreciativa da formação ou das características desse povo. “De irrequieto, corajoso, aventureiro e esforçado, fizeram-no o calor, a facilidade dos meios de subsistência e a vida monótona das fazendas um temperamento morno, um caráter passivo, um tipo indolente” (NEVES, 1974, p. 219).

As marcas do cientificismo presentes nessa obra se destacam através da caracterização negativa tanto da natureza física do território como da personalidade do povo piauiense. Segundo Souza (2008), no discurso historiográfico de Abdias Neves o homem piauiense, resultado do meio, aparece como um ser indolente, pacato, passivo, acomodado, obediente e que nunca se revolta. E o sertão é apontado como um lugar uniforme incapaz de despertar fortes emoções.

O Piauí, com efeito, nada oferece de notável em seu aspecto físico: as terras, baixas, correm sem um relevo orográfico de importância. Não mostram nem variações bruscas de paisagens, nem alternativas frequentes de matas e várzeas: quase sem interrupção se estendem as chapadas, monótonas na sua uniformidade, eternamente as mesmas, com uma vegetação raquítica, aberta e inconstante, que se estende até onde o olhar se cansa e tudo se confunde num cinto escuro que aperta o horizonte (NEVES, 1974, p. 218).

Essa obra, que é tida como uma das mais importantes e formadoras da piauiensidade, e outras do mesmo período são representativas de uma visão elitista local e trazem narrativas que são reforçadas por discursos políticos até os dias atuais. Elas levam a crer que constituem uma “identidade legitimadora” (CASTELLS, 2003) no intuito de ampliar a dominação sobre os atores sociais. É provavelmente uma visão dos intelectuais historiadores da época que faziam parte da elite, de uma minoria que observou o sertão da cadeira de seus escritórios e que se consideravam ressentidos com a falta de reconhecimento do Brasil em relação ao Piauí, embora este tenha mostrado sua importante participação na história da nação. Segundo Souza: “esse discurso historiográfico local foi e ainda é muito reproduzido, especialmente na imprensa e no meio governamental e político, como retórica ainda usada para justificar o secular atraso do Piauí, visto hoje como o estado mais pobre da federação.” (SOUZA, 2008, p. 258).

Porém, ao fazermos uma análise dessa imagem da terra desinteressante e do herói anônimo, despreparado, ferido de morte, com a apatia promovida pela vida nas fazendas de gado, como representante do Piauí nos dias atuais, encontramos elementos que evidenciam um fechamento ou reducionismo a partir de uma visão essencialista que não coincide com a realidade sócio-histórica contemporânea, ao ponto de considerar esse herói como não mais representativo do povo piauiense.

Em vez de contestadas ou criticadas, as primeiras narrativas construtoras da identidade piauiense foram atenuadas e abrandadas, mas a representação desse herói continuou sendo propagada por narrativas posteriores em diversas áreas. O estilo depreciativo da construção do herói e de sua terra pobre se perpetuou o que reforçou um traço marcante na piauiensidade: o da baixa autoestima. Abdias Neves parece ter alcançado o objetivo de “criar raízes na alma das multidões” (NEVES, 1974, p. 125), pois suas ideias negativistas geradas em torno do herói sertanejo e de seu habitat ainda pairam nas narrativas dos intelectuais e de muitos piauienses quando falam a respeito de sua cultura e de sua terra natal.

Percebe-se, sobretudo, no discurso dos governantes que promovem a concentração de renda de um Estado tão rico mal administrado, imputando ao povo o motivo de fracassos, justificando a pobreza do Piauí.

No entanto, desde o final do século XX, existe um movimento de intelectuais, no sentido da revisão dos conceitos atribuídos à cultura piauiense, na busca de renovação ou fortalecimento de outro estilo de narrar a identidade. Trata-se de uma visão mais crítica, porém construtiva e atualizada que propõe uma tomada de consciência em relação à cultura piauiense. Percebe-se uma tentativa de evidenciar a piauiensidade através de um resgate narrado, por meio da dança popular, das lendas, do folclore, das artes plásticas, do artesanato, da culinária, da geografia, da literatura de cordel, da música e em muitos outros elementos, dos traços e características próprias e exclusivas, reunindo atributos positivos identificadores do Estado. Esses textos atuais se diferenciam das narrativas fundadoras pelo fato de valorizar a cultura local e o próprio piauiense.

Esse movimento parece apontar um novo caminho, pois é na cultura que as pessoas criam sociedades e identidades. (KELLNER, 2001). Um novo estilo de narrar o Piauí e sua cultura, preenchendo o imaginário do piauiense com uma versão positiva de seu herói representativo pode provocar mudanças marcantes na autoestima desse povo. No entanto, essas narrativas ainda não saíram do mundo restrito da academia, não se popularizou nem tampouco recebeu incentivos de políticas públicas para penetrar nos meios de comunicação local.

A insistência na manutenção da imagem do herói sertanejo, que apesar de forte é derrotado, causa a impressão do uso de narrativas mantenedoras ou que justificam práticas coercitivas de dominação. Tais narrativas tendem a depreciar a comunidade piauiense por sobrecarregar a imagem do Estado com um peso irreal. Traz a mesma sensação de um cubo preto em relação ao branco. Dois cubos com mesmo peso, um de cor preta e outro de cor branca ao serem colocados a teste, sempre se tem a sensação que o preto é mais pesado. Assim a analogia das cores que Benedict Anderson (1991) faz na construção da identidade passa a ter lógica. As “cores” utilizadas na construção da imagem do Piauí, o estilo depreciativo que se define causa uma definição errônea da imagem instituída. Até hoje as falas e narrativas dos atores sociais insistem em manter o vermelho acinzentado da estrada de barro, do sertão seco, sem vida, empobrecido até mesmo em sua cultura.

Para Gustavo Said é recorrente, nos estudos da história cultural do Piauí, a associação entre a “Civilização do Couro” e as práticas culturais contemporâneas desse Estado. O autor

esclarece que apesar de marcante, a vida nas fazendas de gado não pode ser tomada como única e essencial na constituição da cultura piauiense. O caráter imutável da cultura desenvolvida a partir da lida com o gado continuou sendo difundida mesmo depois de sua decadência, promovendo uma generalização da diversidade cultural do Estado.

Ao longo do tempo, no entanto, a atividade nas fazendas, em função da decadência do comércio de carne bovina, entraria em colapso, substituindo como atividade produtiva complementar e não mais ocupando o posto de principal produto de exportação da economia piauiense. Mesmo assim, difundiu-se a crença na imobilidade e na imutabilidade de certas práticas culturais que dali derivavam o que, grosso modo, contribuiu para generalizar as diversas manifestações culturais de um território marcado pela grande extensão e pela diversidade (SAID, 2003, p. 342).

O autor pondera que muitos elementos da cultura das fazendas de gado permaneceram e se perpetuam através de expressões coloquiais da língua, vestimentas, folclore e outros, mas não podem ser considerados como únicos na constituição da cultura do Estado. Muitos processos teriam sido descartados num exame com essa visão reducionista. Mas para além de entender que o mito fundacional do Piauí não se resume às fazendas de gado, sua lida e seu herói – o vaqueiro, este trabalho destaca o viés negativista atribuído ao herói forte, resignado que se rende às agruras do inimigo e a percepção de sua terra natal estabelecida como pobre e atrasada em muitos sentidos. Esses valores parecem ter sido fortemente trabalhados no imaginário da sociedade piauiense que demonstra, por vezes, não ter consciência clara dessa formação.

No Estado do Piauí os poderes se concentram na capital, Teresina, e estão divididos entre grupos empresariais e políticos. Cada bloco possui um canal de televisão ou um jornal, quando não, todo o complexo da comunicação que envolve TV, rádio, jornal e web. A imprensa piauiense exerce muita força no Estado, sendo um grande formador de opinião, com poderes para instituir significações no imaginário coletivo, no sentido de renovação ou de reestruturação da identidade cultural piauiense, no entanto, não se percebe um esforço para essa reconstrução.

O ambiente sócio-histórico e a figura do piauiense primordial se distanciam cada vez mais da realidade atual fazendo com que os elementos da cultura fiquem ainda mais difíceis de serem identificados, cada vez menos representativos e sem mais gerar identificação numa parcela considerável da população. As novas gerações, que acompanham a dinâmica mutante

das identidades, atualizando constantemente seus mitos e suas imagens representativas, modificando seus acabamentos a partir do contato com outras culturas, terminam por não se reconhecerem nas figuras oferecidas pelas narrativas vitimológicas que insistem em manter o piauiense preso à ideia do atraso, do abandono e do fracasso.

Dentro desse escopo analisa-se, neste estudo até que ponto a imagem da atleta Sarah Menezes foi construída numa relação com a identidade piauiense. Inferimos que ao tempo em que imagem da judoca é construída como atleta campeã, acontece também uma construção ou reforço de sua piauiensidade pelo fato dela ressaltar o sentimento de pertencimento identitário à cultura do Piauí.

Segundo Rodrigues (2006, p.76) “elementos constituintes de uma cultura são incorporados pelo imaginário simbólico de seus atores sociais ao construírem um sentimento de pertencimento identitário cultural de maneira contextualizada a seus espaços geográficos”.

Assim sendo, a mítica do herói sertanejo que constitui a essência da identidade cultural piauiense passa por mudanças a partir das transformações sociais do Estado e com isso, a renovação das representações constitutivas da piauiensidade são narradas, dentre outras pela mídia por feitos não mais depreciativos, mas a partir da exaltação de aspectos positivos na culinária, no artesanato ou nos filhos ilustres que apresentam qualidades ou características representativas do povo, como as de Sarah Menezes, quando foi apontada como guerreira e heroína vencedora.

2.2 Mídia na Construção de Identidades

“A identidade é uma construção que se narra” (CANCLINI, 1995). Partimos dessa afirmação como referência para uma discussão em relação aos dispositivos que suportam e influenciam a narração sobre a identidade cultural e se modificam acompanhando o desenvolvimento socioeconômico da história. A contação dos fatos fundacionais, que acontecem em torno da ocupação de territórios, envolvendo feitos heroicos, lutas de independência e enfrentamento de invasores, estabelecendo maneiras peculiares que diferenciam os povos, se deu no final do século XIX e início do século XX, através de livros didáticos, museus, discursos políticos e cerimônias cívicas que instituíaam e consagravam a ideia do nacionalismo.

Ainda no século XX, no pós-guerra, o rádio e o cinema tiveram importante participação no constructo das nações pelo fato de reunir grupos regionais, antes dispersos, em torno de acontecimentos, agora compartilhados, despertando o pertencimento às comunidades nacionais. Segundo Canclini, esses meios “agregaram às epopeias dos heróis e dos grandes acontecimentos coletivos, a crônica das peripécias cotidianas: os hábitos e os gostos comuns, os modos de falar e se vestir que diferenciavam uns povos dos outros” (CANCLINI, 1995, p. 139). No entanto, forneceram modelos de comportamentos que sintetizavam a identidade nacional, fato marcante no período do pós-guerra.

Segundo o autor, nos anos 60, o cinema fortalecido pela televisão, que levou a fantástica interação entre som e imagem para dentro dos lares, “estruturaram o imaginário da modernização desenvolvimentista”, incentivaram o uso de aparelhos eletrodomésticos, modificando hábitos daquela geração para uma perspectiva mais global fixando, no entanto, padrões de consumo que não ultrapassavam as fronteiras da nação. Nos anos 80 a abertura da economia nacional aos mercados globais, promovem grandes modificações na sociedade como um todo sobre vários aspectos, inclusive na formação das identidades culturais. “A transnacionalização das tecnologias e da comercialização de bens culturais diminuiu a importância dos referentes tradicionais de identidade” (CANCLINI, 1995, p. 141).

As comunidades tradicionais expandiram seus vínculos afetivos, antes fixos ao mundo cosmológico, para novas fontes de comunicação e informação do conhecimento, alargando seus referenciais antes advindos da religião ou da família para novas práticas culturais, posteriormente caracterizadas como modernas. Quase que desprovida do sagrado, a geração atual tem seu imaginário muito preenchido por imagens e ideias propostas pelos meios de comunicação de massa, o que confere uma situação de constantes mudanças.

As novas práticas culturais incluem a mídia como um dos produtores nesse contínuo processo de construção e reconstrução das identidades, se apropriando de imagens socialmente construídas criando e recriando figuras que preenchem imaginários individuais e coletivos, mediando às interações sociais, transformando o cotidiano, interferindo nas visões de mundo, nos sonhos e nos desejos.

Identidade não é tão transparente ou descomplicada quanto acreditamos que seja. Talvez, em lugar de pensarmos em identidade como fato consumado que as novas práticas culturais então representam, devesse-mos pensar em identidade como uma “produção” que nunca está completa, está sempre em processo, e é sempre constituída dentro, e não fora da representação (HALL, 2006, p. 222).

Portanto, tornou-se patente a participação ativa da mídia, enquanto fornecedora de modelos e representações, na formação de opiniões ou na influência de comportamentos dos indivíduos, grupos, instituições e culturas. Capaz de conseguir altos índices de audiências e coberturas, a comunicação de massa já deu provas de sua eficiência para atingir determinados fins. Como mediador das relações sociais e da experiência (McQUAIL, 2013) ela adentra no cotidiano de forma muito intensa e aparentemente natural, participando de processos de negociação que modelam a consciência e a vida dos sujeitos.

A mídia está para a sociedade moderna, assim como os guardiões, mediadores do conteúdo sagrado, estavam para as sociedades tradicionais. Porém grande parte dos conteúdos que povoam o imaginário das sociedades modernas se deslocou do sagrado, é produzida e reproduzida de acordo com as culturas urbanas e principalmente ditados pelo consumo.

Como uma das principais instâncias construtoras das identidades culturais na contemporaneidade, a mídia utiliza figuras míticas representativas de valores e comportamentos para preencher o imaginário coletivo. Os espaços vazios, antes preenchidos pelo sagrado e pelos ritos, agora, na era da midiatização, são bombardeados por técnicas de comunicação capazes de penetrar e persuadir as subjetividades interferindo na construção de identidades partilhadas (BARROS, 2013).

Segundo McQuail, a mídia como produtora e distribuidora de conhecimento em um sentido amplo permite que o sujeito entenda sua experiência no mundo social. Ela pode ser a fonte principal da unidade de pensamento em torno da história de uma comunidade construída numa temporalidade partilhada, indicando, inclusive, as diretrizes do futuro de uma vida pública socializada. A mídia age como um localizador do sujeito social, enfatizando quem ele é e quem poderá ser.

Para a maioria das pessoas, as informações, imagens e ideias disponibilizadas pela mídia podem ser a principal fonte da consciência de um passado compartilhado (história) e de uma localização social atual. Elas são também um depósito de lembranças e um mapa de onde estamos e quem somos (identidade), além de poderem fornecer os materiais para orientação em relação ao futuro (McQUAIL, 2013, p. 83).

O autor acrescenta que a mídia age como mediadora entre as experiências sensoriais diretas do sujeito e aquelas que vão além do ambiente pessoal imediato, construindo

percepções e definições da realidade social partilhada através de padrões, modelos e normas oferecidas. Desta forma a mídia intervém entre nós e a realidade fazendo com que criemos quadros de referência, dentre eles a própria identidade. Para tanto cada meio de comunicação possui um grau de influência ou de interposição diferenciado e o processo de formação indireta de nosso “ambiente simbólico” apresenta variadas formas de interação. “A mediação pode significar coisas diferentes, que variam desde informar de forma neutra, através da negociação, até tentativas de manipulação e controle” (McQUAIL, 2013, p. 85).

A cultura da mídia mencionada por Kellner (2001) fornece, em suas narrativas e imagens, os símbolos, mitos e recursos que recriam o cenário da vida cotidiana, absorvendo o tempo do entretenimento, construindo opiniões, moldando valores e comportamentos sociais, reconfigurando a economia e outros setores como o esporte, por exemplo, enfim, apresentando experiências contemporâneas tanto na produção como no consumo de produtos culturais. Esses termos: produção e consumo remetem às raízes da Revolução Industrial, que de acordo com a teoria marxista fez surgir a Indústria Cultural.

A cultura da mídia está profundamente imbrincada com essa indústria, pois, através dela os meios de comunicação foram, dentre outros fatores, historicamente alavancados com o intuito de incentivar o consumo da produção do excedente. A cultura da mídia se desenvolve a partir desses dois termos citados, ou seja, ela produz para o consumo. Existe, portanto, em sua composição, a lógica do mercado que se manifesta intensamente nas novas experiências do cotidiano. Um dos efeitos manifestos na cotidianidade é a construção da cultura comum que diferencia o nós dos outros moldando e remodelando identidades.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade (KELLNER, 2001, p. 9).

A partir dos Estudos Culturais Críticos, pontuando que a cultura da mídia, por vezes se configura em um campo de disputas entre grupos dominantes rivais que lutam pelo domínio ideológico e em que “os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos” (KELLNER, 2001, p. 10) veiculados por ela. No entanto, esta mesma cultura fornece instrumentos que possibilitam a formação de identidades de luta e resistência a ideologias dominantes. A mídia pode ser uma ferramenta de instituição de poder ideológico ou de reação a ele.

Por esta condição, os Estudos Culturais Críticos veem nos meios de comunicação uma possibilidade de reação à dominação ideológica, porventura, presente na cultura da mídia. Não obstante, o processo de persuasão ou influência ideológica não acontece de forma impositiva ou dura e por isso facilmente identificável, mas é fomentado pelos prazeres do consumo e do entretenimento oferecidos pela mídia, o que o torna uma experiência agradável. A mídia utiliza com esplendor e de forma intensa seu aparato tecnológico sofisticado de sons, textos e imagens para atingir seus objetivos. É capaz de transformar pequenos eventos em espetáculos, construir heróis e ídolos divulgadores de seus ideais que adentram sutilmente no cotidiano.

Em contrapartida, o público tem sua forma particular de receber e ressignificar as mensagens midiáticas, as quais podem fortalecer uma identidade própria dos indivíduos que vai de encontro ao que a mídia oferece. Instituições e identidades podem ganhar forças, ainda que na contramão do fluxo ideológico dominante.

Nesse processo de construção e reconstrução de identidade nas sociedades modernas acontece o que Giddens (1991) chamou de reflexividade. Esse fenômeno recai sobre a mídia à medida que esta, a partir de seu aparato tecnológico, expande as redes comunicacionais e o espaço de interação no cotidiano dos sujeitos cuja necessidade de retornar aos conteúdos midiáticos, para ativar os laços autoidentificadores é constante.

A mídia faz com que o processo de formação de identidade se torne mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos tem que retornar mais e mais sobre seus próprios recursos e as formas transmitidas pela mídia, para produzir identidades coerentes para si próprios (MAIA, 2000, p. 6).

Essa cultura veiculada pela mídia acompanha a revolução digital que “é essencialmente a mescla do texto, do som e da imagem” (MORAES, 2004, p. 244). Antes dela havia um universo para cada esfera citada. Cada uma exercia tipos diferentes de influência nos indivíduos, inclusive porque cada uma utiliza os sentidos de formas diferenciadas. No entanto, atualmente os processos comunicacionais acontecem com os três universos imbricados. A internet não diferencia texto, imagem e som e os aparelhos utilizam as três esferas em seus aplicativos. A informação é passada por um aparato multimídia que chega ao sujeito em forma de espetáculo e que torna a cultura cada vez mais mediada.

Os processos midiáticos interferem cada vez mais nos quadros de referência cultural, incluindo as identidades que tornaram-se, por isso, móveis e efêmeras. Modelos

tornam-se obsoletos em pouco tempo de sua existência e os quadros de referência local negociam com quadros externos.

A mídia introduz continuamente elementos para que os membros de determinada formas de vida articulem seus referenciais culturais. Os significados dados pelos quadros de referência local tem que ser continuamente negociados com aqueles referentes mediados, isto é, com novos padrões de identificação e com novos conhecimentos dados por outras comunidades que não estão presentes no contexto local compartilhado (MAIA, 2000, p. 2).

Assim a identidade que um dia teve a possibilidade de representar apenas uma cultura local, intimista, narrada através de pequenas obras, textos literários, tornou-se um espetáculo multimídia (CANCLINI, 1995) passível de ser compartilhada de forma instantânea com o mundo todo. Por outro lado tornou-se efêmera, mutável e acompanha a velocidade dos meios de comunicação.

3. ESPORTE NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

3.1 Esporte da Mídia

Considerado um fenômeno social institucionalizado, com regras padronizadas e regulamentadas, o esporte é capaz de agregar pessoas em torno de práticas de atividades físicas de grande esforço ou de habilidades motoras que estimulam a competição entre os participantes. Essa competitividade intrínseca torna o esporte perfeitamente adequado à modernidade e contribui com o desenvolvimento social, participando do processo civilizador do indivíduo e da sociedade (ELIAS; DUNNING, 1985). Ao tempo em que estimula a expressão dos impulsos do homem, age como mediador entre a catarse e a disciplina ou o domínio do atleta como também do torcedor.

Nesta perspectiva, o desporto pode resultar numa agradável excitação mimética, que é susceptível de contrabalançar as tensões, normalmente desagradáveis, das pressões derivadas do *stress* inerente as sociedades, proporcionando uma forma de restauração de energias (ELIAS; DUNNING 1985, p. 73).

Enriquecendo a discussão cita-se Barbanti (2012), para pontuar que a motivação envolvida entre os participantes do esporte parte de dois princípios: de um lado aquele intrínseco ao esporte, que envolve a aura do “espírito esportivo”, a vontade de uma saúde plena entre corpo e mente, o cultivo de valores éticos, da participação desinteressada, o respeito ao adversário, a valorização da equipe e o domínio de si mesmo; de outro lado existem princípios motivadores, concernentes a fatores externos ao esporte e diretamente relacionados à satisfação pessoal ou a recompensa do participante, como retorno financeiro, aprovação social, premiações, sucesso, regalias e reconhecimento provenientes das relações sociais envolvidas nessa prática.

Na contemporaneidade percebe-se maior valorização dos princípios externos, ligados à recompensa da prática esportiva em detrimento do próprio “espírito esportivo”. Dessa forma, o esporte profissional, institucionalmente pautado nas recompensas supracitadas, destaca-se cada vez mais. Essa tendência é uma manifestação da sociedade de massa que se apodera de vários segmentos da cultura, inclusive o esporte, transformando-os em espetáculos, exibidos e explorados através da mídia.

Para Debord (2003, p.4), o espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma

relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. Essa é uma das características da “sociedade do espetáculo” em que o irreal (imagens) é parte constituinte da vida real em diversos ambientes onde as práticas cotidianas são desenvolvidas nas comunidades modernas.

O ambiente esportivo, em que se evidencia a beleza do corpo, a prática de movimentos perfeitos, onde os atletas são testados em seus limites e postos a convivência cotidiana entre o “binômio vitória-derrota” (BETTI, 1997), constitui um cenário estético social muito atrativo para a mídia. Ela, por sua vez, se apropria deste ambiente, reforçando ou enaltecendo suas peculiaridades. Desde que foi atrelado à ideia de saúde a prática esportiva pressupõe um “estilo de vida” construído ou reforçado pela mídia, produzindo sentidos e significados sociais, criando novos hábitos, elegendo atitudes e comportamentos. Dessa forma a mídia transformou o esporte em um fenômeno tipicamente moderno: competitivo e espetacularizado, tornando-se construtor de imaginários coletivos.

Os meios de comunicação potencializam as características inatas ou atreladas ao esporte em seus mínimos detalhes e as utiliza até sua exaustão. Nesse sentido o esporte perde sua dimensão exclusivamente operacional como prática de atividade esportiva e passa a ser um fenômeno sócio-cultural fortemente influenciado e até construído pela mídia tornando-se um artefato mercadológico.

O esporte, da forma como é visto hoje, foca o aspecto competitivo, profissional, especializado e organizado dentro da concepção técnico-científica do treinamento e do rendimento e que são elementos fundamentais no imaginário social. E nesse aspecto a mídia, mais que outras instituições como a escola, o clube, a medicina, assumiu papel fundamental na disseminação desse imaginário esportivo na vida cotidiana por meio dos diversos veículos midiáticos (jornal impresso, televisão, rádio e internet) (RODRIGUES, 2012, p. 4).

Por tudo isso é que Betti (1997) insiste que devemos falar do “esporte da mídia e não na mídia”; como um produto ressignificado e veiculado segundo interesses dos detentores do controle dos meios de comunicação. O esporte veiculado pela mídia não expressa a natureza real esportiva, não estimula o aprendizado coletivo dos pares, mas sim a competitividade. Por isso mesmo é um dos maiores representantes da sociedade moderna que tem seu imaginário coletivo regido pela lógica do mercado e dos valores que o circundam. Desta forma, Barthes (1993) acrescenta que

Às formas socializadas do esporte coletivo correspondem uma [...] forma superlativa do esporte vedete; o esforço físico não fundamenta um aprendizado do homem ao seu grupo, mas sim uma moral da vaidade, um exotismo da resistência, uma pequena mística da aventura, monstruosamente desligada de qualquer preocupação da sociabilidade (BARTHES, 1993, p. 43).

Assim caracterizado, o esporte do século XX é uma das manifestações culturais mais marcantes e enaltecidas pela mídia. O constante desenvolvimento tecnológico atual contribui de forma significativa para que o esporte receba o *status* de espetáculo: fotografias com beleza singular são ampliadas e exibidas em tamanhos extraordinários, a aproximação do detalhe da imagem que transporta o espectador ao local da cena, a reprodução de momentos emocionantes atrelados a narrativas que enaltecem o desempenho do atleta e valorizam a performance do esportista, são ações flagrantes de sua espetacularização. A mídia precisa desses recursos e utiliza-se do esporte como elemento fundamental na sua produção. Destarte nasce a relação de interdependência e complementaridade entre esses dois segmentos: mídia e esporte. Este fato se torna bastante perceptível nas expressões “mídia esportiva” ou “jornalismo esportivo”, utilizadas para designar a atividade jornalística relacionada diretamente ao esporte.

O jornalismo esportivo é uma atividade regional, muito particular, realizada dentro de um contexto maior – o jornalismo como um todo –, com pretensão de cobrir determinados assuntos. De uma forma geral, pode-se dizer que o esporte ocupa nas mídias um espaço significativo se comparado a outros campos de conhecimento (BORELLI, 2002, p. 2).

A autora considera que pela própria natureza e finalidade do campo, o esporte é, sobretudo, entretenimento, motivo que faz a mídia explorá-lo ao máximo. Mais do que programas esportivos é cada vez maior o número de canais dedicados ao esporte. No período de eventos esportivos a mídia impressa utiliza mais do que a página esportiva para anunciá-los. Porém, se por um lado a mídia utiliza o esporte como matéria-prima para desenvolver o que se propõe e com isso tem grandes possibilidades de sucesso, por outro, o esporte cresce e aproveita o bônus de ser vivenciado e assistido por milhares de pessoas, o que faz com que o ciclo se repita e fortaleça essa relação em que o esporte é exibido na forma de um espetáculo.

Moraes (2010) acrescenta que essa relação estabelecida segue a ordem presente neste século: a ordem da economia global que mercantiliza todos os setores da vida, incentivando a espetacularização da sociedade e que tem como principal aporte a cultura midiática. Para

acompanhar essa ordem mundial, o esporte profissional tornou-se dependente da mídia, que por sua vez o transformou em uma das mais lucrativas indústrias, como observamos nas palavras deste autor

Por outra parte, la cultura mercantilizada convierte el deporte em una de la más lucrativas indústrias capitalistas. Transacciones millonarias reúnen a empresários, fondos de inversores, patrocinadores y agencias de *marketing* deportivo. Las difusiones mediáticas constituyen la piedra de toque para la mundialización de los eventos. Los planes de comercialización incluyen derechos de televisión, patrocinios, sorteos, promociones y *merchandising* de marcas (MORAES, 2010, p. 58).

Para Elias (1985) o esporte, como espetáculo, tem uma de suas maiores expressões nos Jogos Olímpicos modernos. Com dimensão mundial, esses jogos reúnem bilhões de pessoas numa plateia de um mesmo evento. O Olimpismo resgatado pelo francês Pierre de Freddy, mais conhecido pelo título de Barão de Coubertin, quando reinaugurou esses jogos por volta de 1896, continua sendo um paradigma na atualidade, evocando valores e a atmosfera mística da Grécia Helênica, incentivando a interação pacífica entre culturas e povos. Apesar disso o conceito de Olimpismo mudou consideravelmente desde sua revitalização até os dias atuais. Da função de resgatar o esporte enquanto parte da educação dos atletas, equilibrando corpo, mente e espírito, respeitando valores éticos, ausente de interesses econômicos passou a ser visto como um laboratório de estudos filosóficos, culturais, econômicos, sociais e urbanos.

O conceito de olimpismo contido na Carta Olímpica em seu princípio fundamental o define como:

Uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades do corpo, espírito e mente, combinando esporte com cultura e educação. O olimpismo visa criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais. (RUBIO, 2001, p.130)

Acompanhando o desenvolvimento sócio-histórico, sobretudo as modificações no esporte da era moderna, este conceito também passou por algumas mudanças e hoje está descrito da seguinte forma:

Entendido de maneira crescente como um grande “laboratório” para o estudo do esporte uma vez que possibilita, em uma escala internacional e sob abordagens multiculturais, o estudo das questões culturais, econômicas, sociais, ecológicas e urbanas à (sic) a ele relacionadas via Movimento Olímpico. (RUBIO, 2001, p.130)

Duas características marcantes e que diferenciam o Olimpismo de Coubertain para o atual são o amadorismo e o *fair-play*. O amadorismo, à primeira vista, demonstrava a nobreza dos atletas por se dedicarem exclusivamente ao esporte, não exercendo nenhuma atividade remunerada. Isso significava que se alguém recebesse algum salário não poderia participar dos Jogos Olímpicos. O amadorismo era levado muito a sério e tinha a conotação de uma grave infração, assim como o *doping* tem atualmente. Olhando por um ângulo mais próximo ao contexto cultural da época, Cardoso afirma que os inventores do amadorismo tinham a intenção oculta, além de preservar a cena esportiva, de afastar os trabalhadores da arena.

O esporte estava reservado a quem pudesse se dedicar a ele em tempo integral e desinteressadamente, enquanto o comum dos mortais suava para garantir o pão de cada dia. Esse era o motivo oculto. Abertamente se temia que o dinheiro transformasse a competição esportiva em espetáculo de “show-business” (CARDOSO, 1996, p.07).

A condição de amador era indispensável para os Olimpianos há dois séculos, o que tornava as Olimpíadas totalmente diferente dos jogos na atualidade em que o profissionalismo se apoderou do esporte e o tornou altamente competitivo, um reflexo da cultura atual, expressando relação direta entre dinheiro e rendimento esportivo. E os Jogos Olímpicos foram transformados em espetáculo, completamente dependentes do *show-business*. O termo amadorismo ganhou inclusive um cunho pejorativo, daquele que não sabe desempenhar determinada função ou desempenha como simples aprendiz em oposição ao profissional treinado e capaz de demonstrar com desenvoltura que é o mais rápido, ágil e habilidoso.

Rúbio (2001) considera que o amadorismo foi esquecido, enquanto algumas práticas mercantilistas assumiram seu lugar. Os contratos de patrocinadores de marcas, empresas e os canais televisivos passaram a investir no esporte e nos atletas que, por sua vez, passaram a ser seus funcionários, ainda que de forma disfarçada e aparentemente glamurosa, lhes rendem muitas cifras. Atualmente, ser Olimpiano é um dos sonhos dourados na carreira profissional de qualquer atleta e de muitos jovens com potencial em alguma modalidade esportiva.

Outra característica do olimpismo, o *fairplay* é definido como um conjunto de regras e princípios que regem os jogos promovendo a participação cavalheiresca entre os adversários.

Eles inicialmente refletiam a cultura do século XIX, mas sofreu transformação do ponto de vista cultural por todo o século XX e hoje expressa a lógica dos jogos modernos com uma nova ética, inclusive com a ameaça constante do *doping*.

Todavia, nos Jogos Olímpicos modernos ainda constrói-se um ambiente de pureza religiosa, de heróis olímpicos. As Olimpíadas configuram-se como um ritual, fruto do espírito do tempo moderno no qual as narrativas desta modernidade se atualizam. O nacionalismo é enaltecido pelas bandeiras das nações. Os continentes são representados por anéis com cores representativas que se entrelaçam, simbolizando a interação pacífica entre os povos.

Cada grupo de atletas representa, com honra, seu Estado-nação, participando de um processo de construção de identificações de que fala Macneill

Esportes de alto desempenho e megaeventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos sempre foram usados pelo setor governamental, pelo setor privado e pela mídia como veículos de produção e consolidação de determinadas visões de identificações políticas. Um país pode marcar claramente o seu lugar de Estado-Nação no mundo e celebrar sua singularidade na cobertura midiática dos grandes eventos esportivos (MACNEILL, 2006, p. 6).

Nas Olimpíadas, durante as cerimônias de abertura e encerramento, acontece o desfile de bandeiras, nas premiações os hinos são executados homenageando o lugar de pertencimento (nação) dos atletas e não suas modalidades esportivas. Uma explosão de nacionalismo cria um ambiente de identificação que serve como pano de fundo para a projeção de países enquanto Estado-nação, delimitando seu espaço, sua identificação política. Cada TV ou jornal direciona o foco de suas lentes para as imagens da bandeira de suas nações e das emoções contidas no rosto do atleta olímpico, que naquele momento é seu representante de honra (MACNEILL, 2006). Destarte, a identidade de um país é fortalecida e, por vezes, resgatada perante sua nação.

A identidade nacional é um discurso dominante na cobertura da mídia porque a entrada nos Jogos é organizada essencialmente pelo Estado-Nação e porque os eventos esportivos internacionais são frequentemente utilizados por grupos nacionais de telecomunicações para angariar audiências maiores para toda a rede: as dimensões culturais, políticas e econômicas estão realmente interligadas (MACNEILL, 2006, p.7).

O espetáculo esportivo configurado nas Olimpíadas, produtor de sentidos, é palco para o desfile dos Estados-nação. Mesclado à atividade esportiva e à reunião de atletas vindos do mundo inteiro em busca da prática do esporte, existe um movimento político e ideológico oculto que promove o entrecruzamento de vozes, interesses, lugares e disputas, sutilmente oferecidos através da mídia, construindo significados em torno de identidades nacionais num processo entre o real manifesto e o oculto e produzido.

O referencial aparentemente é a manifestação “real”, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto vindo de atletas de todo o universo que realiza sob o signo de ideais universalistas, e um ritual, com forte coloração nacional, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade (BOURDIEU, 1997, p. 123).

Desta forma, cada nação constrói um cenário com a perspectiva de suas lentes reproduzindo a realidade que os interessa e interessa a nação. No frenesi dos jogos, os atletas campeões promovem movimentos na mídia nacional e, por sua vez, as mídias locais, principalmente aquelas que possuem algum representante seu entre os atletas, participam do processo de produção de identificações.

Fazendo parte do constructo da identidade do local, paralelamente, acontece a modelagem da identidade do atleta que ganhou o *status* de campeão olímpico e, portanto, precisa demonstrar algumas características para ser reconhecido como tal. Acontece normalmente um processo de transformação, através da aparência, nas vestimentas, acessórios, forma de falar e de ser do atleta para que seja o modelo ideal de identidade do esportista que, algumas vezes é transformado em ídolo nacional.

Kellner (2001) fala do grau de mediação da identidade pela imagem e pela aparência presente na cultura contemporânea que exercem efeitos socioculturais.

Para começar, a cultura da mídia põe à disposição imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as. Portanto, ela exerce importantes efeitos socializantes e culturais por meio de seus modelos de papéis, sexo e por meio das várias “posições do sujeito” que valorizam certas formas de comportamento e modo de ser (KELLNER, 2001, p. 307).

Assim, o modo de ser do atleta passa a ser moldado pela mídia que elege sentidos para destacar, reforçando comportamentos de uma sociedade, sejam direcionados ao consumo da moda, de acessórios esportivos, vitaminas e complementos, sejam as atitudes ou qualidades inerentes ao mito do herói que, nesse processo, são atreladas a um povo, como força, resistência, determinação, garra, entre outros.

Roland Barthes (1993) assinalou bem que o mito se faz de signos. A importância dada à aparência do atleta e a seu vestuário configura-se na ênfase de elementos mitificadores ou signos que predizem a função e o destino daquele ator social logo que eles entram em cena. O corpo do lutador é, assim, a primeira chave do combate, afirma o autor referindo-se ao catch³. Para ele a função de ênfase assemelha-se ao “teatro antigo cuja força, língua e acessórios (máscaras e coturnos) concorriam para fornecer a explicação exageradamente visível de uma necessidade [...] cada tipo físico exprime, em excesso, a tarefa a cumprir pelo combatente.” (BARTHES, 1993, p.12).

Permanecendo nessa associação ao teatro antigo, na cena do esporte contemporâneo é ressaltada a linguagem do drama e da tragédia. Linguagem no sentido amplo do termo, incluindo movimentos corporais, expressões faciais, leitura labial e os textos que acompanham as imagens. Trata-se de uma fala direcionada; de um processo semiótico que envolve significante, significado e um signo, sendo este último o próprio mito; portanto, trata-se da construção de um mito. Em suma “o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem”. Diante do exposto o autor conclui que qualquer coisa pode ser um mito, “desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso” (BARTHES, 1993, p. 131).

Além da ênfase gestual presente na cena esportiva, no processo de espetacularização do esporte, a mídia reforça sua mitificação através da sua falação (BORELLI, 2002). A mídia cria significados sociais e culturais através da linguagem presente no jornalismo esportivo. O esporte com narração produz significações simbólicas às imagens e aos movimentos, estendendo a experiência esportiva para além daqueles que a vivenciam.

Fazendo referência às crônicas de Néelson Rodrigues e Mário Filho, nas décadas de 40 e 50, Coelho (2008) destaca a importância da poesia e do drama no jornalismo esportivo, por mesclar emoção à realidade nua e crua, amalgamando as narrativas. Segundo o autor “a dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou aquele jogador. Seres mortais alçados da noite para o dia à condição de semideuses” (COELHO, 2008, p. 17).

3 O catch, na França, corresponde a luta livre praticada no Brasil.

Através de técnicas de conversação e de linguagem, a mídia cultua o atleta, evidenciando a figura do herói que supera todas as adversidades e adversários. Através de sua “falação” constrói os ícones do mundo esportivo, acompanha e comenta o cotidiano dos olímpicos, julga suas ações e estimula os espectadores a fazerem o mesmo, analisa as competições, apresenta fatos inusitados, etc. Borelli conclui que, por todas essas ações a mídia institui o esporte e mitifica os atletas.

O processo de mitificação acontece primordialmente pela linguagem e nos remete à discussão a respeito do mito. De acordo com Jabouille (1993), nos primórdios da literatura grega, *mythos* aparece como algo que se transmite através da palavra, portanto é uma narrativa e precisa da palavra falada ou escrita para ganhar corpo ou se materializar. Esse é um processo que envolve os significados do mito ao longo da história.

Nas sociedades arcaicas ou primitivas, mito significava palavra ou narrativa sagrada, uma verdade incontestável, espiritual, que servia como o modelo primordial e exemplar para o homem e dava significação às práticas cotidianas, aos rituais de alimentação, casamentos, educação e outros. O mito era de fundamental importância para a institucionalização de práticas e valores daquelas sociedades, assim como também, posteriormente para o entendimento delas pelos estudiosos, pois reuniam toda a realidade da criação ou a origem de acontecimentos que se propagaram até os dias atuais. Como temos o mito cosmogônico – que explica a origem do mundo citado por Eliade.

O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é “verdadeiro” porque a existência do Mundo está aí para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (ELIADE, 1994, p. 12).

O mito, assim, tem a importante função de indicar ou apontar os modelos de vida e comportamentos que aceitos pela coletividade passam a fazer parte do inconsciente coletivo. Dessa forma, o mito revela o que os seres humanos têm em comum. Ou ainda, falando do poder que o mito pode exercer, “os mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano” (CAMPBELL, 1990, p. 5).

No entanto, com o rompimento das tradições e o advento da ciência moderna, os rituais foram sendo destituídos do sagrado. O *mythos* deu lugar ao *logos*. No século XIX a ciência, com sua necessidade de explicar o inexplicável, passou a caracterizar como ilusório aquilo

que não conseguia provar e, paradoxalmente, tornou a si mesma um mito incontestável durante séculos. Por sua vez a escrita ocupou o lugar da oralidade e passou a preencher boa parte do espaço do imaginário humano, antes preenchido pelo sagrado transmitido oralmente de geração a geração. Mito passou a ter um significado equivocado de ilusão, ficção ou narrativa fantástica e fabulosa. Passou a narrar o profano, acompanhado de uma aura sagrada. No século XX, historiadores ocidentais voltaram a tratar o mito como uma história verdadeira, de cunho sagrado e exemplar, ao perceberem que o mito continua exercendo grande influência no comportamento humano, oferecendo modelos originados num tempo remoto e desconhecido. Segundo Jabouille, o que permaneceu depois dessa passagem foi a estrutura do *mithos*. “O que se encontra na passagem do *mithos* ao mito é a manutenção de estruturas cujos pormenores vão sendo atualizados em cada materialização.” (JABOUILLE, 1993, p. 50).

De acordo com Durand (2002) o homem contemporâneo passa por uma crise: por ter se distanciado da literatura mitológica ou por ter deixado de pensar de forma mítica, perdeu sua capacidade imaginativa de criar mitos. Portanto, recorre constantemente aos referentes ocidentais da cultura greco-romana.

Os mitos clássicos da mitologia grega e romana, apesar de não serem únicos, porém os mais encontrados, continuam se materializando nos tempos modernos, existindo exatamente numa esfera coletiva que explica as necessidades do mundo.

São os sonhos do mundo. São sonhos arquetípicos, e lidam com os magnos problemas humanos. Eu hoje sei quando chego a um desses limiares. O mito me fala a esse respeito, como reagir diante de certas crises de decepção, maravilhamento, fracasso ou sucesso. Os mitos me dizem onde estou. (CAMPBELL, 1990, p. 16).

Na sociedade moderna, facilmente podemos identificar estruturas míticas presentes nas imagens, sendo utilizadas como as principais matérias-primas da mídia, constituindo a essência dos romances, dos dramas, novelas e até no imaginário esportivo contemporâneo. É o que dá consistência e sustentação às narrativas que promovem emoção nas plateias, nos telespectadores que, por sua vez, buscam os modelos que suprem seus desejos secretamente ou abertamente presentes em seus imaginários.

A mídia transformou rituais antigos em modernos acontecimentos extremamente mitificados através de suas narrativas, imagens e recursos do aparato tecnológico, como acontece nos Jogos Olímpicos. Através de ações (rituais) e da palavra (narrativas) é que os

mitos se perpetuam no imaginário. Como a tecnologia atual permite uma transmissão mundial desses jogos, os personagens mitificados, no caso, os atletas, ganham proporções globais. A mídia mitifica as personagens, transformando-as em imagem exemplar, promovendo identificação do público com os modelos apresentados.

O mito ou as narrativas mitológicas contam a história de deuses, heróis, personagens com aura sagrada, com poderes extraordinários, capazes de realizar feitos grandiosos diferenciados do homem comum. Apesar das adaptações à cultura contemporânea, as estruturas mitológicas permanecem em sua essência. “O pensamento mítico pode ultrapassar e rejeitar algumas de suas expressões anteriores, tornadas obsoletas pela História, pode adaptar-se às novas condições sociais e às novas modas culturais, mas ele não pode ser extirpado.” (ELIADE, 1994, p. 152).

Exatamente por exprimir significados da alma humana é que o mito se adapta aos costumes historicamente situados numa cultura e traduz os valores universais que tendem a se repetir, ou como fala Jung (1990), traduz o inconsciente coletivo. Para Rúbio (2001, p. 78) “o significado que o mito carrega de maneira latente, imprime e ao mesmo tempo revela a tônica do momento por que passa um indivíduo ou grupo social.”.

A grande diferença colocada por Jabouille (1993, p. 54) entre o mito antigo e o moderno é a “rapidez de sua formação e passagem”. Segundo o autor a velocidade com que os mitos modernos são construídos e facilmente substituídos pode gerar o falso herói ou o falso mito.

Na constelação do imaginário esportivo atual predomina o mito do herói. Muitos atletas utilizam esse “modelo de personalidade” como referencial de projeção, submetendo-se a uma saga, enfrentando duras adversidades e fortes adversários até chegar à vitória. Por outro lado, esta saga torna-se o enredo ideal para a mídia e esta atribui ao atleta a árdua tarefa de ser o modelo aos espectadores.

Neste sentido, Helal fala das duas faces que o esporte contemporâneo apresenta, o profano e o sagrado, sendo trabalhados ao mesmo tempo na construção da imagem dos atletas. Apesar de ser um grande negócio, o esporte também é um terreno fértil para a produção de mitos e ritos representativos da comunidade. Segundo o autor, a “batalha comercial dos fabricantes de material esportivo” transforma-se na “captura da essência da alma dos atletas”. Ou seja, apesar da profanação inerente à comercialização do esporte “espetáculo” e ao profissionalismo ao qual são submetidos os atletas, “o caráter agonístico do

esporte, dramatizado de forma exemplar na mídia, confere a “aura” mais sagrada e ritualística deste universo.” (HELAL, 1998, p.8)

Quando as expectativas dos meios e do público são correspondidas, ou seja, quando o atleta chega ao pódio Olímpico, após uma árdua jornada de esforço e muita dedicação, por exemplo, se consagra como herói e passa a atuar como representante maior de uma modalidade ou até mesmo de um povo. Esse processo tem um duplo caminho percorrido e está inserido no contexto da cultura esportiva a que está submetido o atleta contemporâneo.

Falamos de uma figura particular, seus processos subjetivos e habilidades individuais para fazer uma escolha, trabalhar por ela e, sendo favorecido por uma série de circunstâncias, chegar ao topo para se postar no Olimpo ao lado dos deuses. Esse processo apesar de individual é também coletivo, na medida em que a dinâmica de formação da função que ele desenvolveu, ou desenvolverá, ao longo de sua carreira, é uma criação da cultura ao qual ele pertence. (RUBIO, 2001, p. 68)

De acordo com a autora, quando o atleta contemporâneo define sua saga e inicia seu percurso, se depara com a situação paradoxal entre seu próprio ego e as funções sociais. A maioria dos atletas se encanta com a posição de esportista espetacular, aquele destinado aos feitos heroicos, no entanto, se por um lado ele desfruta de uma condição privilegiada conquistada por poucos, por outro ele se vê incapaz de vivenciar situações corriqueiras com os semelhantes e algumas vezes, é fadado ao isolamento. A autora pontua que essa é uma das condições vividas pelo herói arquetípico.

Em sua jornada o atleta contemporâneo descobre que participa de um contexto cultural maior, dominado por uma rede que abrange todos os setores da vida: a cultura de massa. Os atletas da atualidade, além de suas histórias individuais e superações pessoais se sujeitam à vida ou à saga dos Olimpianos Modernos, submetidos ao olimpo das celebridades.

3.2 Esporte na Constituição das Identidades dos Heróis Nacionais

A narração ou entrecruzamento de vozes, interesses, lugares, disputas presente no ambiente esportivo tem o atleta como elemento central para construir o universo simbólico presente nos grandes eventos esportivos. No entanto, é comum os Estados-nação ganharem algum destaque já que os atletas estão ali representando, cada um o seu país, a exemplo dos Jogos Olímpicos.

Para construir o universo simbólico esportivo, a mídia socializa imagens arquetípicas despertando emoções numa nação inteira. Maffesoli (2001) afirma que a imagem não é tão importante pela mensagem que deve transportar, mas muito mais pela emoção que faz compartilhar, evidenciando seu poder agregador. Por este motivo a mídia muito bem utiliza o detalhe ampliado da cena, as repetições dos lances e o foco na imagem das expressões do ator principal: o atleta, enfatizando, assim, a imagem arquetípica do herói. Segundo este autor “o arquétipo só existe porque se enraíza na existência social. Portanto, as tecnologias do imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários”. (MAFFESOLI, 2001, p. 3). Dessa forma, o esporte contemporâneo, enraizado e engajado nas relações sociais modernas é alimentado pela cultura de massa (esporte midiaticizado) com base nos arquétipos de heroísmo, beleza, poder, sucesso, entre outros. Mas quando se trata da imagem do atleta, construída como o herói nacional, a mídia reproduz, principalmente, o mito do atleta herói ou Olímpico, constituído na Grécia, em tempos imemoriais.

Seguindo a linha de pensamento de Maffesoli, Rúbio (2001) acrescenta que a mítica é construída no imaginário coletivo pela associação estabelecida entre atleta e herói; aquele que vence obstáculos, supera dificuldades, é o representante maior da força e da garra e se diferencia dos mortais comuns, incapazes de estarem no topo Olímpico. Exatamente pelos feitos incomuns do herói, a mídia estabelece no grande público o sentimento comum, compartilhado de admiração e idolatria.

Porém, Morin (2009), referindo-se às vedetes da cultura de massa, as celebridades, inclui os atletas heróis nesta cultura e os denominam “olímpicos modernos”: aqueles que possuem sua identidade construída entre o real e o imaginário. “Simultaneamente ideais inimitáveis e modelos imitáveis”. Ao tempo em que a cultura de massa ressalta os valores do mito do herói, comparando-os aos deuses olímpicos, inalcançáveis, também invade a vida privada dos mesmos, revelando o lado humano dos atletas, “extraindo a substância humana que permite a identificação”. Essa é a fisiologia do herói moderno, construído pela cultura de massa numa composição dupla, utilizando alguns elementos do sagrado, mas muito mais do mundo profano. É o que caracteriza a construção do mito no imaginário esportivo contemporâneo ou, como expressão da modernidade, o atleta ídolo, representante maior da nação.

De acordo com Rúbio (2001, p.90), na mitologia grega, os heróis são filhos da união de um Deus e uma mortal ou de uma Deusa com um mortal. Perseu e Hércules, por exemplo, são filhos de Zeus com mulheres. Essa condição semi-humana os coloca mais próximos do

homem do que os deuses inatingíveis. A eles é conferido um poder de sedução dramática e tem uma importância psicológica profunda. Na contemporaneidade, a mídia transporta essa aura mítica aos heróis modernos, humanizados e contribui para o processo de projeção dos atletas em que de simples competidores são elevados à condição de herói por conquistar o que poucos cidadãos conseguem.

Esses novos olímpianos também estão presentes no maior espetáculo esportivo que acontece de quatro em quatro anos: Os Jogos Olímpicos modernos que obedecem entre outras, às normas da sociedade do consumo e são o ápice dos atletas, o Olimpo moderno esportivo, onde habitam os representantes das nações, mesmo que seja por um curto período. Para o espetáculo ter a garantia da audiência, a cultura de massa cria suas “vedetes”, como pontua Morin (2009). Cria seus heróis, seus semideuses que despertam idolatria dos espectadores. Para além da projeção, a função psicossocial dessas “estrelas” é promover identificação junto ao público e quiçá tornar-se um representante da identidade cultural de seu povo. Sendo assim, Vieira ressalta a importância da figura mitológica,

[...] cuja função primordial seria representar, através de referências simbólicas, elementos constituintes da cultura de um indivíduo ou de todo um povo. Estas representações simbólicas, originárias do pensamento coletivo, traduzem sentimentos de transcendência e universalidade, uma vez que tornam comuns os valores que encarnam, além de causar uma identificação por parte daqueles que nelas acreditam. O homem, através de seus mitos, é capaz de representar todos os seus conceitos de grandeza, força, bem e mal, projetando-os em imagens simbólicas que passam a encarná-los (VIEIRA, 2007, p. 80).

Através de imagens mitificadas, a mídia utiliza a informação para transformar os acontecimentos da vida comum dos atletas em eventos espetaculares, filmados, fotografados e veiculados como modelos da sua cultura, modelos de vida. São os representantes das características mais peculiares de um povo que passam a agir como conselheiros e incentivadores para os que neles acreditam. É nesse sentido que Morin (2009) afirma que nos novos olímpianos estão contidos os poderes mitológicos e os poderes práticos da cultura de massa.

Quando o atleta alcança a posição tão esperada de campeão olímpico e retorna ao seu país depois de se submeter a várias provas, trazendo a medalha olímpica no peito, está, naquele momento, fechando um ciclo da saga heroica da qual fala Campbell (1997, p. 16) “a saga do herói normalmente perfaz um círculo com a partida e o retorno”. O atleta herói

retorna trazendo algum benefício para seu povo e é recebido com honras e a presença de representantes políticos importantes. Sua volta é esperada e o sentimento de nacionalismo vivenciado no local do evento é trazido à tona pelos meios de comunicação. A mídia como representante de ideais políticos se apodera da oportunidade para construir ou reforçar representações da identidade de um povo no imaginário coletivo, através dos feitos e dos valores atribuídos ao atleta herói.

Sua chegada torna-se um acontecimento narrado e explorado pela cultura de massa. Reforçando o discurso da terra que o recebe com honras, demonstrando sua participação como mãe do filho campeão, a mídia direciona os valores de vitória e conquista para o lugar de origem do atleta, aos políticos, representantes daquele lugar e aos patrocinadores que ressaltam a credibilidade que sempre depositaram no vencedor.

Muitos elementos da fala dos atores ali presentes são recortados e utilizados nos textos produzidos pela mídia que reforçarão características peculiares àquela sociedade. Desta forma, a construção de identidade também acontece através dos meios de comunicação e é um processo flagrante do poder exercido pela cultura da mídia, pela possibilidade de utilizar informações, dando significados aos significantes, atribuindo sentidos e valores a um povo através do complexo processo de representações.

A mídia reproduz a realidade do cotidiano do atleta e de toda a preparação promovida pelos grandes eventos destacando os heróis nacionais, transformados em ídolos das gerações contemporâneas. Neste cenário, o telespectador, o ouvinte ou o leitor é seu alvo principal, visto como potencial consumidor dos produtos, dos valores e das ideologias que estão em pano de fundo na cena esportiva que entretém e povoa o imaginário de milhares de pessoas.

Como toda cultura, a cultura de massa elabora modelos, normas; mas, para essa cultura estruturada segundo a lei do mercado, não há prescrições impostas, mas imagens ou palavras que fazem apelo a imitação, conselhos, incitações publicitárias. A eficácia dos modelos propostos vem, precisamente, do fato de eles corresponderem às aspirações e necessidades que se desenvolvem realmente. (MORIN, 2009, p. 109)

Esse é o retrato do esporte de alto rendimento reproduzido pela mídia que cria e recria significados sociais como fala Rodrigues (2012), compondo o universo simbólico em torno do herói nacional, através de imagens e textos que originam o processo de identificações presentes na subjetividade de cada indivíduo e se reforça, exatamente pelo fato de ser compartilhado num determinado tempo histórico.

O imaginário esportivo contemporâneo, portanto, institui as identidades dos ídolos que servem, de forma reflexiva, como modelos constituintes da identidade de um povo, pois realiza as proezas presentes no imaginário do homem comum, vence dificuldades invencíveis, conquista o mais alto lugar no Olimpo e chamam sua terra natal e todo o seu povo a elevar-se junto a sua conquista. É comum o uso de expressões como “nosso atleta” ou “nosso campeão” pela mídia referindo-se ao atleta como pertencente à sua cultura.

Na sociedade moderna, o evento esportivo tem o mesmo efeito de um ritual, promotor de tradições: através de várias cerimônias, reúne os membros da comunidade, reforçando quadros de referência. A diferença das sociedades tradicionais para a contemporânea é que não se institui mais uma identidade permanente, mas promovem-se identificações sucessivas e provisórias. No período dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, a atleta que se destacou e foi promovida pela imprensa foi a judoca Sarah Menezes, quando conquistou o primeiro ouro brasileiro daquela edição. Seu feito foi permeado por significações e rendeu muitas narrativas na imprensa e na mídia como um todo.

3.3 Heroína Olímpica Sarah Menezes

Ao sagrar-se a primeira judoca medalhista de ouro olímpica, Sarah Menezes foi a primeira atleta brasileira a subir no tatame e a primeira e única medalha de ouro conquistada pelo Brasil nessa modalidade.

Durante a luta, Sarah já vencia com um *yuko* (1/3 de ponto), quando um novo golpe rendeu um *wazari* (1/2 ponto) e garantiu a vitória da atleta, na categoria leve (até 48Kg), quebrando o regime de 20 anos do judô brasileiro sem medalha de ouro em Jogos Olímpicos. Com essa vitória, a judoca de apenas 1,54 m de estatura ganhou notoriedade no Brasil, conquistou lugar de ídolo no Piauí, tornando-se referência para crianças e jovens. (LOMBA, 2012, p. 1).

Depois do ouro olímpico, a mídia passou a acompanhar o cotidiano da atleta. Nos dias posteriores à vitória, fez anúncios publicitários de marcas nacionais como Sadia e Newland, estrelou campanha do Ministério Público de São Paulo junto a outros lutadores campeões contra a violência e foi notícia nos principais jornais nacionais e canais de televisão do esporte no mundo. Recebeu convites para treinar nos maiores clubes do Brasil, no entanto, a lutadora optou por permanecer no Piauí, onde sempre treinou e obteve grandes resultados.

Porém, não foi apenas a disputa pelo ouro que fez Sarah identificar-se a uma heroína, mas todo o caminho percorrido com acontecimentos e características marcantes e bem similares à saga do atleta herói narrada por Joseph Campbell. O modelo deste autor consiste em um paradigma literário identificado em suas pesquisas em torno dos temas mitologia e religião, descrito na obra “O herói de mil faces”. Trata-se de um esquema identificado em todas as narrativas, desde os mitos mais antigos, das sociedades primitivas até as histórias de ficção do cinema moderno que traça a jornada do herói. Um jeito detalhado e completo de contar uma história que serve de parâmetro para muitos escritores, na elaboração de tramas ficcionais, que se destacam na atualidade. Campbell identificou um padrão que se repete nas narrativas dos mais diversos heróis existentes na humanidade e que representa a mesma sequência dos rituais de passagem ditos pela psicanálise. O Percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* – considerado a unidade nuclear do monomito. (CAMPBELL, 1997, p. 16).

Esse percurso pode ser identificado na história da Sarah Menezes contada pelos jornais locais. Sua trajetória foi narrada em detalhes pela mídia: desde sua infância quando lutava com os meninos da rua em que morava e recebeu o “chamado” a ingressar na aventura, no caso de Sarah: o esporte. Segundo Campbell (1990), a saga de todo herói inicia com um chamado interno, quando este sente falta de algo mais nas suas experiências normais oferecidas em seu ambiente cotidiano de vida.

Já sua adesão ao judô, por indicação de uma tia representou o chamado externo. Isso aconteceu ainda na infância, quando a menina Sarah nem sabia direito o significado que o judô teria em sua vida. Mesmo assim não hesitou em responder ao chamado e deu início à aventura que marcou sua existência. Para muitos esse chamado a ingressar no esporte representa uma oportunidade de mudança, “transfiguração” ou separação como acontece com o herói. Com Sarah não foi diferente: Uma menina nascida em família de classe econômica desfavorecida, sem muitas chances de desenvolvimento intelectual ou qualquer outro. O esporte apareceu como a oportunidade ou porta a se abrir para aquela menina que ingressava numa jornada heroica, a aventura do atleta herói.

Seu caminho iniciou com a participação nos treinos, enfrentando dificuldades financeiras e a resistência da família quanto à modalidade que praticava: o judô, considerado um esporte masculino. Até que houve o encontro com o treinador, Expedito Falcão que percebeu em Sarah um potencial para se tornar uma atleta profissional. Expedito passou a

sonhar pela menina e ela aceitou sonhar junto ao se submeter aos planos traçados por ele. A submissão de Sarah aos planos do treinador é outra característica marcante de um herói. O herói se submete a façanhas e a sacrifícios em prol de um objetivo maior. Quando a pequena Sarah nem sabia o que era uma Olimpíada, seu treinador já almejava sua participação em Jogos Olímpicos, mais especificamente à medalha dourada, o lugar mais alto do pódio. (DP, 2012, p. 3).

Este começo de carreira foi marcante como um ritual de iniciação espiritual em que Sarah passou para a fase adulta na vida de atleta. Campbell destaca esse momento da saga do herói, comparando com rituais de iniciação em primitivas sociedades tribais em que a criança desiste da sua infância e se torna um adulto – “para morrer dir-se-ia, para a sua personalidade e psique infantis e retornar como adulto responsável” (CAMPBELL, 1990, p. 132).

A nova rotina de Sarah aconteceu como um afastamento das brincadeiras de criança conhecidas antes do esporte e ainda vivenciada pelos vizinhos e amigos da escola. O ingresso na nova etapa de vida aconteceu com novas responsabilidades e obrigações como uma passagem para o mundo adulto. As brincadeiras continuaram só que agora aconteciam no tatame ou em torno do judô.

Sua rotina começou a se diferenciar causando mudanças concretas e simbólicas em sua vida. As mudanças concretas dizem respeito à quantidade de horas de treinos, viagens a campeonatos, ajuda de custo para as viagens, evolução no esporte, as notas escolares que deveriam ser boas como condição imposta pelos pais e o treinamento mais especializado e direcionado. As simbólicas representam a condição distinta que passou a ter por realizar algo diferenciado, além do nível comum da maioria das crianças com quem convivia inclusive na família.

Durante sua caminhada, mesmo com o acompanhamento do treinador, Sarah ainda enfrentou muitas dificuldades. Para ir aos treinos pedia dinheiro emprestado aos vizinhos; para participar dos campeonatos em outros estados, seus pais pagavam com dificuldade seus bilhetes, enquanto o treinador financiava os hotéis e a inscrição nos eventos; sofreu preconceito por ser uma mulher praticante do judô, um esporte praticado por homens em sua maioria; as dores após os treinos eram muitas, a rotina de treinamento e preparação física só aumentava. Foram alguns obstáculos que Sarah passou e superou que a colocam em pé de igualdade ao atleta aventureiro (pretendente a herói), ao qual se refere Campbell (1990), que, com determinação, insiste em continuar sua jornada mesmo com as provações que testam e o legitimam como herói.

Analisando-se o texto jornalístico sobre olímpianos brasileiros nos Jogos Olímpicos de 2012, comprova-se que *superação* é palavra de ordem repetida nessa narrativa. “Os atletas superaram a dor, as adversidades e os adversários em busca da medalha olímpica”. (HELAL; AMARO, 2014, p.25).

A trajetória de Sarah é marcada por traços heroicos; tanto o atleta herói, que acompanha o mito do herói, com possibilidade de tornar-se o herói local, representante de sua terra e de seu povo, como também dos novos olímpianos, as celebridades, destacadas por Morin (2009). Até aqui pontuamos alguns traços do atleta herói. Mas quando essa atleta decide permanecer em sua cidade, se preparar para a grande luta, contando com o que oferece sua terra natal e faz disso seu discurso, passa a ser ressaltada como aquela que irá representar seu povo. Cada pequena vitória soma pontos de credibilidade junto à sua comunidade. E os traços típicos do herói, como garra, coragem, determinação, perseverança, humildade entre outros, passam a ser mencionados como traço da identidade do povo do qual veio a atleta que lhes representa.

Com Sarah aconteceu exatamente assim. A judoca decidiu com seu treinador, permanecer em Teresina. Essa decisão foi ressaltada nas entrevistas da atleta e de seu técnico, concedidas aos jornais locais. Por sua vez, a mídia piauiense percebeu grandes possibilidades de explorar o assunto que, após a grande luta, a vitória Olímpica, estava nas manchetes dos jornais no mundo inteiro e deu grande ênfase à pauta, destacando os feitos da atleta, ao tempo em que fazia alguma relação com a cultura piauiense.

Após a grande luta da atleta, a disputa pelo ouro numa olimpíada que consagrou Sarah Menezes como campeã Olímpica e ainda como a primeira mulher no judô a conquistar um ouro Olímpico, tornou-se uma olímpiana contemporânea: chegou ao *status* de celebridade. Câmeras do mundo inteiro se voltaram para ela. Todos queriam entrevistá-la. Seu feito foi amplamente comentado nas mídias do país, citando inclusive a origem da judoca, enfatizando o fato da vitória ter vindo do Piauí, um Estado que não tem tradição no esporte, muito menos no judô e que, além disso, fica longe dos melhores centros de treinamento.

Como pontuam Helal e Amaro (2014, p.25), no jornalismo esportivo há a tendência de que a conquista do atleta-herói seja “inexoravelmente compartilhada com a nação”, ou seja, o atleta é enaltecido em suas produções como representante do lugar de onde veio e não da modalidade esportiva que pratica. Percebemos nessa prática a influência dos processos midiáticos na construção de identidades culturais, principalmente nas categorias de identidades baseadas em nacionalidade e no caso desse estudo, na naturalidade (cidade natal).

Dessa forma, quando um atleta ganha notoriedade no esporte, sua trajetória é narrada pela mídia desde o início de sua carreira, resgatando a infância em sua cidade natal, as primeiras conquistas no Estado até o destaque de representar sua nação. Esse caminho tende a ser percorrido de forma inversa, numa circularidade que retorna às raízes do atleta, fazendo conexões do seu desempenho com as características de seu povo. Sua nacionalidade é substituída pela naturalidade (referindo à cidade natal) nos discursos produzidos pela mídia local. Notamos que esse processo aconteceu com Sarah Menezes quando retornou como atleta olímpica ao Piauí e decidiu permanecer treinando em Teresina.

No Piauí, dois grandes momentos foram destaque nas matérias veiculadas na mídia local: o dia da vitória de Sarah, nas Olimpíadas de Londres e o dia de sua chegada em Teresina. A vitória em Londres representou a principal luta da heroína Sarah. O momento mais esperado por todos os atletas profissionais: participar e vencer uma Olimpíada, representando seu país e também seu povo. O dia de sua chegada representou o fim do ciclo do atleta herói, o fim de sua saga heroica: seu retorno, trazendo algo de bom para seu povo. A atleta foi recepcionada pelo governador, à época, Wilson Martins e sua comitiva como a piauiense que representou o Brasil em Londres. Ao invés da bandeira brasileira, a atleta carregou a bandeira do Piauí e desta maneira foi noticiada nos principais jornais do Estado. Sarah foi mencionada como “o ouro do Piauí”, “A nossa cajuína”, “fez mais pelo Piauí do que qualquer político”, “Nossa maior representante”. De acordo com a mídia local Sarah retornou de sua jornada como heroína piauiense.

Para Campbell (1997, p. 16) é possivelmente na realização desta jornada que acontece o encontro consigo mesma, uma das passagens da jornada do herói. “É na perseguição do próprio mito que pode estar a resposta à continuidade de uma opção tão difícil. Em cada fase se mostram de uma forma diferente, por isso os mitos são infinitos em sua revelação”. Em cada fase da jornada o herói se encontra com respostas transformadoras que lhe impulsionam para o próximo passo que conduz a novas descobertas, assim o mito se perpetua. Depois de sua jornada a judoca Sarah Menezes também descobriu seu lado heroína, porém, estando imersa na cultura moderna, tem a tendência a ser um modelo passageiro, efêmero, com a mesma durabilidade do tempo em que estiver sendo notícia na mídia.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo de Estudo

Esta pesquisa se constitui como de caráter qualitativo pois tem o objetivo de investigar não apenas a quantificação das informações analisadas, mas a “interpretação de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 120). O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa e seus pesquisadores tendem a analisar seus dados de forma indutiva, sem negar a totalidade dos dados quantitativos que também os ajudam como um complemento na interpretação dos significados.

Trata-se de um estudo do tipo exploratório, pois serve para levantar novos problemas de pesquisa para estudos posteriores. Neste tipo de estudo Triviños (1987, p.109) considera que “o pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida, planejar uma nova pesquisa”.

O estudo exploratório tem por objetivo entender e decodificar o mundo social e suas relações, por meio da observação e da descrição dos símbolos de um determinado contexto verificando a ausência ou a presença de certa característica nos fragmentos de textos a serem analisados como a repetição de expressões, palavras ou a sua ausência.

Nesse sentido, em nosso estudo selecionamos como invariante a atleta Sarah Menezes, por se tratar da primeira mulher piauiense a conquistar um ouro olímpico, no judô brasileiro. Motivo suficiente para colocá-la em destaque na mídia local, nacional e por alguns momentos, até mundial. Focamos, sobretudo nas narrativas que tratam de seu feito na imprensa local, temática ainda pouco explorada no âmbito acadêmico.

4.2 Corpus

Este estudo analisa as narrativas construídas em torno da atleta Sarah Menezes nos jornais impressos piauienses O Dia, Meio Norte e Diário do Povo, por se tratar dos jornais de maior circulação e penetração no estado do Piauí que abordaram efetivamente toda a jornada

Olímpica da judoca e contribuíram de alguma forma na construção do imaginário de seus leitores.

Assim posto, entendemos ser necessária breve descrição dos jornais. As informações referentes aos dois primeiros foram coletadas dos seus respectivos portais, já as referentes ao jornal Diário do Povo foram solicitadas ao diretor do jornal e recebidas através de e-mail enviado por um repórter da instituição.

O Jornal O Dia pertence ao Sistema O Dia de Comunicação, foi fundado em 1º de fevereiro de 1951, pelo professor Leão Monteiro. Inicialmente era um jornal semanário, já que na época as máquinas não tinham condições de imprimir uma publicação diária e as notícias, em Teresina, não rendiam um impresso diário. Atualmente é um jornal que circula no Estado do Piauí e tem como característica explorar assuntos relacionados à política e as manchetes e chamadas de capa geralmente estão direcionadas às questões locais de grande repercussão. Sua redação conta com 25 profissionais, entre repórteres, editores, colunistas e revisores. O Dia disponibiliza diariamente o primeiro caderno, com três páginas dedicadas à editoria de política, uma página titulada de geral, uma para opinião e outra com notícias sobre o mundo. De segunda a sábado, o jornal traz o caderno Dia-a-Dia, que corresponde a notícias corriqueiras e eventos da capital. Este caderno abriga uma página para municípios, duas para esportes e uma para colunismo social. O terceiro caderno, nomeado de Torquato, é publicado de terça a sábado. Este conta com três páginas destinadas a matérias sobre cultura e uma para coluna social. O Dia possui ainda colunas diárias no primeiro caderno: Roda Viva, Arimatéia Azevedo e Boechat; no segundo caderno, Balaio, Interior, Um Prego na Chuteira e Prisma; no terceiro caderno, Canal 1. (PORTALODIA.COM)

No Jornal O Dia, ressaltamos a coluna “Um Prego na Chuteira”, escrita por Deusdeth Nunes, “O Garrincha”, há 50 anos no jornal. Era assim conhecido por sua semelhança com o famoso jogador. Esta coluna trata de esportes, apresentando uma narrativa com traços da comédia e do drama o que confere poesia e romantismo à dura realidade. Além disso, sua linguagem informal, com expressões locais aproxima o leitor ao conteúdo apresentado. Por essas características, esta coluna foi a que mais exaltou Sarah Menezes em suas narrativas, transformando-a em heroína, ao tempo em que fez comparações da judoca com a cajuína e outros símbolos do Piauí, aproximando-a da realidade piauiense.

O Jornal Meio Norte também é um jornal que circula nas principais cidades do Estado do Piauí, com grande abrangência no interior e maior número de jornalistas. Pertence ao Sistema Meio Norte de Comunicação. Na redação trabalham 40 profissionais, entre editores,

repórteres, fotógrafos, estagiários, arquivistas, revisores e um chargista. Atualmente é composto por três cadernos principais. O primeiro caderno, nomeado de “A”, com uma página de opinião, duas de política, uma policial, uma dedicada aos assuntos nacionais, uma relacionada a matérias internacionais, uma página para últimas notícias e duas para esporte, sendo que esta última muitas vezes é ocupada na íntegra por anúncios publicitários. O segundo caderno do jornal corresponde a Cidades; chamado também de “B”. Neste caderno, há normalmente quatro páginas dedicadas a assuntos relacionados aos acontecimentos da cidade. A página B4 é destinada à educação, B5 a bairros, B6 a economia e B7 a municípios. O terceiro caderno é o Alternativo, “C”. O jornal conta também com suplementos, como o *for teens*, dedicado à adolescentes todas às quintas-feiras; clube do assinante às sextas-feiras e aos domingos os suplementos municípios, notícia da TV, Infantil e ainda um caderno especial da coluna social intitulada Inside. O jornal Meio Norte possui diariamente as colunas: informe, opinião, painel, Cláudio Humberto, papo do Bogéa, minuta, sua cidade e Inside. Aos sábados são incluídas as colunas gospel e Padre Marcelo Rossi.

Por fim, o jornal Diário do Povo fundado a 27 de setembro de 1987 e atualmente pertencente ao grupo R. Damásio. É um periódico que abrange todo o estado do Piauí e as principais capitais do Brasil. O noticiário tem sua editoria direcionada à política local, assuntos de impacto nacional e à agenda de acontecimentos da capital do Piauí. Possui formato *standard* com três cadernos: 1º caderno contempla as editorias de política, geral, nacional e policial; o 2º caderno - Cidade, cobre os acontecimentos do cotidiano, internacionais e esportivos; e o 3º Caderno - galeria, traz cultura, agenda de eventos de Teresina e um noticiário de TV nacional. O jornal tem uma coluna semanal de esporte, focada no futebol e bastidores do setor, que circula às terças-feiras.

4.2.1 Delimitação do Corpus

A delimitação do corpus ocorreu no recorte temporal de cinco meses compreendendo o período que se inicia em 2 de maio de 2012, quando é divulgada a lista dos atletas da Federação Brasileira até o dia 7 de setembro – quando publicam matérias sobre a participação especial de Sarah Menezes no desfile da independência em Brasília. Esse recorte caracteriza um período em que a mídia estava muito voltada à temática. Neste ínterim, observamos dois dias com mais afinco: 29 de julho, dia da luta que consagrou Sarah Menezes como campeã olímpica, pois a mídia como um todo e no mundo todo voltou seus holofotes para a atleta que

colocou o Brasil no quadro de medalhas olímpicas; e dia 6 de agosto, quando a atleta retornou ao Piauí, sua terra natal, trazendo a medalha de ouro.

No período que antecedeu os Jogos Olímpicos de Londres, ou seja, de 2 de maio a 25 de julho as notícias a respeito de Sarah Menezes foram veiculadas nos cadernos destinados ao esporte. Porém, nos dias da vitória da judoca e de seu retorno a Teresina, as notícias foram veiculadas com manchetes nas capas dos jornais, ocuparam páginas duplas nos três jornais, em seus principais cadernos, notas nas primeiras páginas, matérias nos cadernos de editoria nacional, charges políticas além de terem sido amplamente narradas na coluna “Um prego na Chuteira” do jornal O Dia, e também comentadas na coluna do Mariano Marques, que à época escrevia no jornal O Dia.

As narrativas sobre a temática (matérias, chamadas, notas e colunas) totalizaram 54 unidades de análise, das quais 28 foram veiculadas pelo jornal O Dia, 13 pelo jornal Diário do Povo e 13 pelo jornal Meio Norte. Tendo o primeiro jornal veiculado mais de 50% deste material quando comparado aos outros dois. (Figura 1).

Talvez esse fato seja explicado porque o jornal O Dia possui um repórter, um editor e um colunista dedicados ao esporte, ao contrário dos outros dois jornais. O jornal Diário do Povo não possui repórter na editoria de esporte, o próprio editor escreve as matérias. O jornal Meio Norte possui um repórter esportivo, mas o editor acumula outras editorias.

O material coletado dos jornais consiste, portanto, em manchetes, matérias, notas e colunas que foram extraídas dos três jornais. O material constituiu as unidades de análise e é apresentado com a identificação do jornal de onde foi retirado e a data (dia e mês) de sua veiculação. Os jornais foram indicados da seguinte forma: Jornal O Dia, representado como “ODia”; Jornal Meio Norte, como “MN” e Jornal Diário do Povo como “DP”.



Figura 1: Comparativo entre os Jornais

4.3 Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos teórico-metodológicos desta pesquisa se deram a partir de duas abordagens. A primeira, tendo como base o modelo da Saga do Herói proposto por Campbell (1997) e adaptado por Vogler (1998) para a definição das Categorias de Análise e das unidades temáticas que descrevem a jornada olímpica da judoca Sarah Menezes. A segunda, através da Análise de Conteúdo (AC) aplicada nas unidades de análise do corpus, constituindo a narrativa de todo percurso da atleta na Olimpíada de 2012.

4.3.1 Modelo da Jornada do Herói

Para definirmos as categorias deste trabalho partimos do modelo da Saga do Herói traçada por Joseph Campbell (1997) e atualizada por Christopher Vogler (1998). A escolha por este paradigma literário se deu porque representa o percurso traçado pelo herói mitológico, e que por analogia toda e qualquer saga se enquadra dentro da trajetória definida por Campbell. Para ele a jornada se divide em três momentos – a separação, a aventura e o retorno, os quais se constituem naquilo que define como monomito da jornada do herói, passos que norteiam a delimitação das nossas categorias de análise e claramente descritas nas narrativas sobre a vida esportiva da judoca Sarah Menezes. São elas: O Chamado à aventura,

A Aventura e O retorno. Por sua vez, Christopher Vogler em sua obra “A Jornada do Escritor” atualiza a jornada do herói com base na psicologia de Jung e nos estudos de Joseph Campbell mostrando um padrão pragmático que se repete nas narrativas mitológicas e que podem ser um modelo para se contar uma história enriquecida com elementos míticos que servem de base para as narrativas modernas. A proposta é organizada da seguinte forma: A primeira categoria subdividida em duas unidades temáticas: mundo comum e encontro com o mentor; a segunda, em cinco unidades: travessia do umbral; testes, aliados e inimigos; preparação para a grande luta; a grande Luta e a conquista da recompensa. A terceira categoria se subdivide em duas unidades: retorno transformado em herói e pertencimento à terra natal.

Assim sendo, o primeiro passo começa com o chamado à aventura. Isso acontece quando a rotina do herói é quebrada por algo inesperado, insólito ou incomum e ele ultrapassa a linha do cotidiano caseiro. De acordo com Campbell (1997) nesse momento, “O horizonte da vida familiar foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar” (CAMPBELL, 1997, p. 30). Com o chamado, o destino apresenta ao herói uma aventura, um desafio de grande risco. De acordo com Vogler (1998), uma vez apresentado esse chamado, o herói não permanece mais em seu mundo comum, mas é transferido para uma região desconhecida: cheia de tesouros e perigos.

Com Sarah o chamado se deu quando foi apresentada ao esporte, especificamente o judô, modalidade que encantou a menina que não se enquadrava no padrão comum das meninas de sua comunidade.

Para caracterizar este momento inicialmente o herói ou a personagem é apresentado no seu dia a dia. Sarah Menezes é narrada em seu ambiente cotidiano, em seu mundo comum, que segundo Vogler (1998, p. 95), é o contexto, a base, o passado do herói. Muitas vezes o herói é percebido como alguém que não se encaixa perfeitamente aos padrões da maioria das pessoas que estão ao seu redor. Algumas vezes sente-se um “peixe fora d’água”.

Porém quando o herói atende ao chamado e prossegue corajosamente, encontra em seu caminho um mentor, alguém que lhe dará os amuletos ou conselhos necessários para vencer os obstáculos da jornada. Segundo Campbell nas mitologias mais elevadas o mentor desenvolve o papel na grande figura do guia ou do mestre. Trata-se de alguém mais experiente, conhecedor do caminho e das pedras nele contidas que perceberá o talento ou a força do personagem e indicará o caminho a ser traçado pelo herói. Sua principal função será

preparar o herói para a travessia do limiar, a passagem real para o mundo estranho e misterioso. “Na mitologia e no folclore, essa preparação pode ser feita com a ajuda da figura sábia e protetora do mentor, cujos inúmeros serviços ao herói incluem a proteção, orientação, experimentação, treinamento e fornecimento de dons ou presentes mágicos”. (VOGLER, 1998, p.123). O autor ressalta que neste ponto a aventura realmente se inicia.

Depois de aceitar o chamado e receber os conselhos do mentor, o herói segue sua aventura até chegar a um ponto crucial, um ponto em que ele sai dos limites seguros do caminho e entra definitivamente para o lado desconhecido. O indivíduo passa para uma nova região da experiência. Quando o herói efetua essa travessia ou ultrapassa o limiar, definitivamente se compromete com sua aventura e se entrega pleno ao mundo especial. Percebe o caminho com mais segurança e dispõe-se a enfrentar o desafio do chamado à aventura. Nas narrativas, este é o momento em que a história decola e a aventura realmente tem início. De acordo com Vogler (1998, p.132) “é o ponto de virada. A partir desse ponto o herói não tem mais como voltar atrás”.

No momento em que o herói entra no mundo especial, encontra novos desafios, testes, descobre seus aliados e luta contra inimigos. É o desenrolar da aventura que mostra as provações do herói e os agentes sobrenaturais que o protegem. Depois de cruzar o limiar

O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana. (CAMPBELL, 1997, p.56).

Com a visão mais clara do caminho, depois de ultrapassar obstáculos, decifrar códigos, vencer barreiras quase intransponíveis, o herói percebe que está chegando ao encontro de seu maior adversário. A apoteose da jornada está próxima e ele precisa concentrar suas energias, suas forças e se preparar para a grande luta. É o ponto em que “o herói chega à fronteira de um lugar perigoso onde está o objeto de sua busca” (RICÓN, 2004, p.3).

A apoteose da jornada acontece com a grande luta. É o momento crítico da história em que o herói enfrenta a morte cara a cara, usando suas armas e forças para superar e anular essa possibilidade. É a provação suprema do herói em que ele precisa vencer o inimigo.

Após sobreviver à morte, derrotar o inimigo, o herói mesmo cansado ou ferido tem motivos para celebrar. É o momento de se apossar do tesouro que veio buscar, sua

recompensa. Pode ser um tesouro material, um símbolo religioso ou o ganho da sabedoria e reconhecimento. As energias se esgotaram na luta e precisam ser recarregadas. “A essa altura, os heróis podem fazer o equivalente a um churrasco ou uma festa, em que comem e consomem alguns dos frutos da vitória”. (VOGLER, 1998, p.177)

Quando o herói conclui sua maior façanha ou feito heroico: vencer a grande luta e pegar sua recompensa, sua missão ainda não está concluída, pois ele deve retornar ao mundo e apresentar seu prêmio, seu tesouro que beneficiará também os mortais que o aguardam completando o ciclo mitológico do herói.

[...] o aventureiro deve retornar ainda com seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos. (CAMPBELL, 1997, p. 113).

É uma espécie de renascimento ao mundo humano, às vezes mais forte do que o momento da recompensa, o reconhecimento de seu povo preenche muito mais o espírito do indivíduo, cristalizando sua identidade de herói.

Fechando o ciclo, o trabalho final do herói é o do retorno. Ele volta ao mundo comum, onde antes era tido como aspirante a herói e muitos acreditaram nele, mas muitos também duvidaram de sua capacidade. O herói retorna do mundo estranho mais forte, como se tivesse “renascido das cinzas”, mais confiante, mais evoluído e mais experiente. “Os heróis emergem de sua provação para serem reconhecidos como especiais e diferentes, parte de um reduzido grupo de eleitos que enganaram a morte”. (VOGLER, 1998, p. 181). Agora é um herói propriamente dito, venceu muitas batalhas e trouxe consigo o elixir restaurador para compartilhar com os seus no mundo dos humanos.

Com o ciclo concluído e já reinserido ao mundo dos mortais comuns, o herói torna-se uma figura requisitada, exemplar. Cada vez que se lembra de alguém que se destacou diante dos demais em seu povo, cita o herói como representante maior. Todos fazem questão de lembrar que o herói nasceu naquele pedaço de chão, naquela terra e, portanto pertence àquele lugar. Suas características passam a ser agregadas, mescladas e inseridas às características do povo. É um representante de honra e passa a ser exemplo para os demais, ele aproxima ou renova o sentimento engrandecedor da vitória em um povo.

4.3.2 Análise de Conteúdo (AC)

A saga heroica de Sarah Menezes foi construída através de unidades de análise contidas nas matérias publicadas no período supracitado. Utilizou-se a Análise de Conteúdo (AC) como técnica de análise, já que nos propomos a trabalhar a “materialidade linguística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação.” (CAREGNATO; MUTTI, 2005, p. 683).

Segundo Moraes (1999) essa abordagem teve sua primeira fase orientada pelo positivismo em que valorizava a objetividade e a quantificação. No início do século XX a AC desenvolveu-se nos Estados Unidos com um pontapé inicial da Escola de Jornalismo da Colúmbia que fez análises de imprensa e desenvolveu técnicas que privilegiavam a contagem e a medida. Nos últimos 50 anos passou por transformações sócio-históricas e incluiu em seu escopo a exploração qualitativa das mensagens e informações analisadas. Segundo este autor AC é um processo de reinterpretação das mensagens partindo da leitura mais profunda que permeia entre a objetividade e a subjetividade dos dados analisados.

O investigador ou analista que utiliza AC acura o olhar ao texto, se torna mais atento ao conteúdo para identificar estruturas que confirmam o que se procura demonstrar ou esclarecer significações capazes de descrever processos a princípio não identificados.

Para Bardin, a Análise de Conteúdo (AC), enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A autora destaca que AC oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Retém a atenção do investigador no espaço não aparente (do não dito) nas mensagens.

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção /recepção destas mensagens (BARDIN, 2009, p. 48).

Com esta definição a autora complementa que a finalidade de qualquer AC não é a descrição dos conteúdos, mas sim o que estes poderão explicitar após serem tratados. É a possibilidade que os dados trabalhados através de classificação ou quantificação, por exemplo, dão ao analista fazer inferências (dedução lógica), comprovando ou negando suas

hipóteses. Assim como um detetive, o analista põe em evidência índices extraídos por procedimentos complexos ou por uma observação mais acurada.

Através de suas técnicas, essa proposta metodológica procura decifrar as significações latentes de uma mensagem dada por um emissor. A categorização, descrição e interpretação dos dados são etapas essenciais desta técnica de análise. Os dados são transformados em unidades de análise (narrativas) dispostas por categorias e unidades temáticas, as quais, aqui se apoiam em Campbell (1997) e Vogler (1998).

Para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso. Buscamos descobrir os “núcleos de sentido” cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analisado. A análise temática acontece em três etapas: pré-análise, classificação e interpretação.

A primeira etapa, a pré-análise consiste na leitura e (re) leitura do material para que sua riqueza não seja obscurecida pelo tecnicismo. Contou-se aqui com uma correção de rumos que se fez necessário pela observação de novas questões. Aconteceu ainda a definição das unidades de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos principais que orientaram a pesquisa.

Na segunda etapa acontece a classificação do material buscando a compreensão do texto. Para tanto se define categorias que podem ser palavras ou expressões a partir das quais o conteúdo de uma fala será organizado.

Na terceira e última etapa ocorre o tratamento e interpretação dos resultados. No caso desta pesquisa, trabalhamos com significados em vez de investir em inferências estatísticas, na técnica caracterizada como Análise da Enunciação, uma variante da análise temática.

Através dessa técnica identificou-se nas unidades de análise (conceitos) que construíram a imagem da Sarah Menezes como heroína olímpica, bem como se buscou compreender se esses conceitos estavam relacionados a provável identidade cultural piauiense e potencial ressignificação do mito fundador.

5. JORNADA HEROICA DE SARAH MENEZES NOS JORNAIS IMPRESSOS DE TERESINA

5.1 Chamado à aventura

O mundo comum

Os jornais narram a história da judoca desde sua infância, onde tudo começou. Considerada pela família uma menina muito ativa Sarah entrou para o judô por indicação de uma tia que a via com muita energia e acreditava que o judô poderia trabalhar esse lado da criança. Diferentemente das outras meninas, ela brigava com todos os meninos na rua, no bairro Bela Vista II, em Teresina, capital do Piauí. Começou a treinar na escolinha do SESC aos nove anos. Do mundo comum o herói é empurrado a um mundo especial, estranho e novo. No caso de Sarah Menezes, o esporte.

A piauiense Sarah Menezes descobriu o judô aos nove anos de idade. As primeiras aulas foram escondidas dos pais e hoje a atleta é a promessa brasileira em Londres. (DP, 25/07)

Eu gostava de brincar na rua, jogar bola e me identifiquei logo [com o judô]. Era muito sapeca mesmo e toda essa energia foi direcionada para o esporte quando conheci o judô. (MN, 29/07)

Não havia tradição de esporte na minha família nem no meu Estado, então para eles era uma atividade extraclasse, como a educação física, mas todos achavam que era um esporte masculino. Como eles [os pais] sabiam que eu gostava muito, não me deixavam ir se não estudasse ou tirasse nota ruim. Entramos numa conciliação constante e tudo foi dando certo. Às vezes eu ia escondida, pedia vale [transporte] emprestado, foi desafiador. (MN, 30/07)

[A] Judoca fugia de casa para ir às aulas de judô. (MN, 30/07)

A mãe diz que quando Sarah começou a ir sozinha para o treinamento de judô começaram os problemas financeiros para mantê-la no esporte. Foi quando Sarah pedia aos vizinhos de seus pais e aos comerciantes da vizinhança dinheiro para ir ao clube. (MN, 30/07)

[Os pais] Rogério Menezes e Olindina Menezes assumem que não queriam Sarah Menezes lutando judô. “Não é que agora ela é campeã olímpica que eu vou mudar de ideia. Eu acho judô muito pesado para mulher, fico com meu coração na boca quando a vejo de cabeça pra baixo, já acho que vai quebrar o pescoço. Eu não queria pra mim, mas como era opção dela, nada mais se poderia fazer”, conta a mãe. (MN, 30/07)

Percebe-se que os jornais contam o início da história de Sarah enfatizando as dificuldades enfrentadas pela atleta desde o ambiente caseiro até os preconceitos com a prática da modalidade por uma menina, a não existência de hábitos de práticas esportivas ou tradição do esporte em seu Estado e na família, a falta de recursos financeiros. Destaca ainda sua determinação em prosseguir com seus objetivos ainda que a contragosto da família. Nos fragmentos acima fica claro a resposta ao chamado, a determinação da menina, a vontade de lutar judô sem se preocupar com o que a esperava no futuro. A descrição do ambiente caseiro consiste na substância humana, dita por Morin (2009), extraída do herói para que se estabeleça a identificação com os leitores. Enfatizam-se as dificuldades para que o feito de Sarah seja ainda mais valorizado, justificando o *status* de heroína construído pelos jornais. A origem humilde parece servir como legitimadora do sucesso. A superação das dificuldades é um traço marcante da narrativa construtora de heróis. “O Mundo comum estabelece um vínculo entre as pessoas e destaca alguns interesses comuns, para que seja possível o diálogo começar. De algum modo, devemos reconhecer que o herói é como nós”. (VOGLER, 1998, p. 99). Diante disso, observamos que os jornais aproximam Sarah Menezes aos leitores, apresentando suas condições humanas limitadas através de sua própria fala. A presença do depoimento da atleta e de seus familiares é o que gera o vínculo com os leitores, pessoas comuns que enfrentam desafios rotineiros no cotidiano.

A contação da história de Sarah se deu, essencialmente, após sua vitória. Foi como uma retrospectiva que resgatou sua trajetória e teve como ápice a medalha Olímpica. Ainda que de forma não linear os jornais seguiram o modelo de Campbell, atualizado por Vogler e fizeram de Sarah uma heroína. Construíram sua identidade heroica. Mais do que isso, com essa “substância humana”: as dificuldades que todos os comuns passam, constrói-se o vínculo entre leitor e herói, despertando esperança no povo piauiense de vencer as dificuldades e tornar-se um povo vitorioso. Evocaram a mítica da força do piauiense forte e sofredor, porém capaz de vencer as dificuldades da vida e se destacar perante os demais. O jeito acolhedor do povo piauiense também é pontuado quando Sarah recebeu ajuda dos vizinhos para ir aos treinos. Um povo que se ajuda nas dificuldades, que acolhe a atitude da criança como uma esperança contida nos corações dos benfeitores.

Encontro com o mentor

Esse encontro aconteceu com Sarah quando foi identificada por seu treinador, Expedito Falcão. Os jornais destacam essa figura como seu mentor que acreditou desde o início no potencial de Sarah Menezes e indicou o caminho a ser percorrido pela judoca. O técnico facilitou a busca e planejou a carreira da atleta ao perceber sua rápida evolução técnica. Quando nem mesmo ela sabia o que era uma olimpíada, ele sonhava com a possibilidade do ouro Olímpico e muitas vezes patrocinou a judoca. A relação entre o mentor e o herói é de Mestre e discípulo e, às vezes, chega ao ponto mais aproximado entre pai e filho. O mentor age como protetor e orientador exatamente o que se estabeleceu na relação entre Sarah e seu treinador Expedito. Podemos identificar este encontro nos jornais através de alguns trechos das reportagens.

Por trás da vitória de Sarah,
Ela começou quase na brincadeira. E não poderia ser diferente. Uma criança de 9 anos só quer mesmo é brincar. O professor Expedito Falcão identificou nela, já à primeira vista, um talento precoce e promissor para o esporte. Foi o primeiro a acreditar nela... (DP, 30/07)

Expedito, o Falcão
Sozinho não se vai a nenhum lugar. No esporte, qualquer que seja, a figura do treinador é fundamental. É como pai. Expedito tem esta ligação afetiva com Sarah, um segundo pai. Metade desta medalha é dele. Ele é um campeão olímpico. (ODia, 30/07)

Quero nestes escritos, louvar o trabalho do Expedito Falcão, o treinador, conselheiro e bom caráter. Não se atinge um ponto tão alto, como Sarah atingiu, sem um orientador, um guia, um norte, um azimute. Expedito é uma medalha de ouro mundial. Expedito é do bem. (ODia, 30/07)

“Quem sempre acreditou em mim foi meu treinador, Expedito. Então, nunca saí de Teresina porque sempre foi ele que mais acreditou nesse sonho, e eu acabei sonhando com ele.” (DP, 30/07)

O treinador
Temos que reconhecer o talento de Sarah Menezes, disto ninguém tem dúvidas, mas como dizem no esporte, por trás de um grande atleta, sempre existe um grande treinador. E, no caso de Sarah Menezes está o cidadão chamado Expedito Falcão, que nunca deixou de acreditar no talento da menina. (DP, 31/07)

Dupla de peso – Sarah Menezes e seu técnico, Expedito Falcão, viajam hoje para Rússia. (MN, 23/05)

Na tarde de ontem, Sarah Menezes e o técnico Expedito Falcão foram recebidos pelo Governador Wilson Martins, que fez uma festa para recepcionar a atleta... O treinador da atleta agradeceu o apoio que Sarah Menezes recebeu do Governador do Estado... (MN, 07/08)

Com a narrativa do feito de Sarah, os jornais destacam o treinador, enfatizando a relação de proximidade entre os dois. Mais do que um treinador, Expedito é referenciado como um guia, um mestre e até um pai. O colunista Garrincha do jornal O Dia faz o trocadilho do sobrenome de Expedito no título de seu texto para exaltá-lo como um falcão, uma ave que tem visão superdesenvolvida e mira com precisão aonde quer chegar. Os textos em forma de crônicas baseadas na emoção, segundo Coelho (2008), permitem essa narração dramática, de enlevo e exaltação do técnico, deixando claro sua participação nesse feito. O treinador é citado como parte integrante da vitória de Sarah. A valorização do treinador é mais um traço que se assemelha à “Jornada do Herói”. O mentor que percebeu e acreditou no talento da pequena aprendiz.

A figura do treinador aparece de forma exaltada nos textos, como parte responsável da vitória de Sarah, assumindo, também, um papel mitificado, igualado a um olimpiano. Os jornais reconhecem o trabalho de Expedito como algo imprescindível ao feito de Sarah e destacam a credibilidade que ele depositou na menina desde o princípio.

O nome do treinador é citado, ainda, atrelado à ideia de Sarah ter permanecido em Teresina. Os jornais destacam esse fato, o que fortalece a imagem do treinador e da atleta diante dos leitores piauienses e constrói um laço de pertencimento ao Estado. A ideia de permanecer no Piauí é apresentada como uma valorização de sua terra natal que é escolhida em detrimento de outros lugares que poderiam oferecer uma melhor estrutura.

Percebemos a participação dos jornais no processo de construção das identidades da Sarah como heroína e do treinador como mentor. Esse processo influi junto ao leitor ao criar figuras que preenchem imaginários individuais e coletivos, mediando as interações sociais, políticas e interferindo nas visões de mundo, nos sonhos e nos desejos. São ações que corroboram o pensamento de Mcquail (2013) quando diz que a mídia age como mediador, construindo percepções e definições da realidade partilhada.

5.2 Aventura

Travessia do umbral

Com Sarah a travessia aconteceu depois que ela participou de sua primeira Olimpíada em Pequim, no ano de 2008. Quando foi derrotada na primeira luta, percebeu que poderia se preparar com mais afinco e chegar ao lugar mais alto do pódio nos próximos Jogos Olímpicos.

Mas foi depois que Sarah participou das Olimpíadas de Pequim que passou a ver o judô de outra forma. Ela dizia que tinha certeza que chegaria ao pódio em uma olimpíada e sem sair do Piauí. (MN, 30/07)

De Pequim a Londres: a jovem menina agora com experiência. (ODia, 22/07)

“Quando entrei em Pequim era muito nova e a preparação foi muito próxima e rápida. Hoje adquiri experiência e sou outra Sarah. Mais formada, dura e com a carapaça mais grossa.” Conta a judoca. (ODia, 22/07)

Quatro anos depois muita água passou por debaixo da ponte. Sarah rodou o mundo afora, intensificou os treinamentos e participou de inúmeras competições. Com a evolução, a judoca deixa claro que, na Inglaterra, a sua trajetória não será curta: “Não caí de paraquedas em Londres”. (ODia, 22/07)

Nesses trechos de matérias percebemos a apresentação de uma Sarah mais forte, experiente e preparada para a Olimpíada. Assim como o herói mitológico, Sarah percebe o caminho com mais clareza e segurança. A travessia do limiar é um ato voluntário, pelo qual o herói se compromete integralmente com a aventura. (VOGLER, 1998, p.132)

As matérias mostram a maturidade de Sarah com palavras que representam também o herói piauiense, resistente aos obstáculos da vida no dia a dia: “dura”, “com a carapaça mais grossa”. São termos representativos da realidade de muitos piauienses e tornam o texto familiar, aproximando o leitor à narrativa, favorecendo o processo de identificação, além de conferir certa dramaticidade ao texto, comuns na cena do esporte contemporâneo como pontua Barthes, (1993).

Destacamos nas narrativas acima aspectos que ressaltam a valorização da permanência de Sarah no Piauí. Ainda que seja a fala da atleta, o jornal escolheu ou decidiu publicar esse texto reforçando mais uma vez o sentimento de pertença de Sarah em relação ao Piauí.

“Sem sair do Piauí” destaca a valorização que Sarah deu a sua terra natal e, indiretamente, a seus conterrâneos, provando que é possível ser um campeão permanecendo no Piauí. Com esse conteúdo, o jornal atrela à ideia de vitória ao Estado, ao tempo em que a ideia da piauiensidade é vinculada à atleta.

“Quatro anos depois muita água passou por debaixo da ponte.” Essa expressão revela a cotidianidade dos moradores de Teresina, que possui dois rios e muitas pontes cruzando a cidade. É uma expressão que aproxima o fato de ser teresinense e conseqüentemente, piauiense ao feito heroico de Sarah Menezes. O texto evolui com expressões positivas e enfáticas na confiança da preparação da atleta valorizando o piauiense. São situações partilhadas entre os piauienses que geram o sentimento de pertencimento, o envolvimento com o texto e o contexto da atleta que passa a ser um sonho coletivo e não mais exclusivamente de Sarah.

Testes, aliados e inimigos

No caso de Sarah, ao que se observa, seus maiores inimigos foram tanto sua condição financeira, a falta de patrocínio e a estrutura de treinamento, quanto os preconceitos por ser uma mulher praticante de judô. Por outro lado o poder benigno, os amuletos, os agentes secretos ou seus maiores aliados foram encontrados em sua família e seu treinador.

Os pais lembram que a primeira medalha de Sarah Menezes foi conquistada aos dez anos quando participou de um campeonato em Santa Catarina, “Para que ela viajasse, nós fizemos uma vaquinha [cotização] para a compra da passagem. Ela fez a primeira viagem para fora do Piauí e já ganhou a medalha de ouro”. Falou Olindina Menezes [a mãe]. (MN, 30/07)

Quando sua família se convenceu de seu potencial, passou a ajudá-la como pôde, apesar de suas limitações financeiras. A irmã mais velha, Samya Menezes, jornalista, bancou sua assessora de imprensa, encaminhando de forma até comovente, às redações, notas e pautas com notícias das atividades da jovem judoca. (DP, 30/07)

O que a pessoa tem que enfrentar para ser atleta no Piauí e no Brasil? Primeiro ela precisa acreditar em si mesma e se dedicar muito. Estar disposta a superar as dificuldades que surgem, financeiras, emocionais, enfim. Os desafios diários são muitos. Do resgate físico a falta de patrocínio e de estrutura adequada para treinamento. Mas eles estão aí para serem superados. E, com muito orgulho, sou uma prova disso. (MN, 30/07)

Este é em resumo, a trajetória da judoca Sarah Menezes, que, em seus 13 anos de judô, além das adversárias, no tatame, teve que enfrentar e vencer adversidades praticamente intransponíveis. Por trás de sua vitória, estão muitas histórias de superação. A principal delas, a pobreza de seu meio, pois

nasceu de uma família sem posses. Por várias vezes, se viu sem condição de viajar para competir ou mesmo de treinar, por falta de recursos... (DP, 30/_07)

A judoca teve que ralar muito para entrar no patamar de atleta Olímpica e luta até hoje para quebrar o preconceito de “esporte masculino”. (DP, 25/07)

Mais uma vez percebe-se a “substância humana”: as dificuldades e limites da atleta que geram identificação e aproximam a heroína aos leitores, piauienses comuns que enfrentam dificuldades em seu dia a dia, principalmente a realidade financeira. Mas algumas palavras como, enfrentar, superar, acreditar, deixam clara a ideia de superação da atleta, que é colocada como representante do piauiense: aquele que vence apesar das dificuldades. São ideias que remetem ao mito fundador da piauiensidade de que fala Souza (2008) oficialmente instituída pelo brasão do Piauí no qual consta a legenda *Impavidum fervent ruinae*, ou seja, o piauiense é forte mesmo ferido de morte, fazendo referência ao “Herói do Jenipapo”: o sertanejo que enfrentou um inimigo bem mais forte e preparado. Assim como este herói, em sua trajetória no esporte, Sarah enfrentou muitas dificuldades e em sua luta final enfrentou uma campeã Olímpica que ocupava o primeiro lugar no ranking mundial do judô.

Nestas narrativas percebe-se um sentido de “essencialidade”, tratada por Rodrigues (2006), na cultura piauiense de fatos depreciativos sobre a realidade sociocultural. Segundo a autora mesmo quando a mídia trata de questões com objetivos de exaltação da cultura local, colocam-nas de forma paralela aos episódios e caracteres negativos como “a pobreza de seu meio”, por exemplo.

Este tratamento foi observado, no entanto, percebemos que os conceitos de superação e orgulho são mencionados ao final da narrativa para que se sobressaiam aos obstáculos ou expressões negativas postas em paralelo. “E com muito orgulho sou uma prova disso”. Essa frase conclui o depoimento de uma piauiense que venceu os preconceitos e outras dificuldades e tornou-se vitoriosa, campeã Olímpica, porque acreditou em si mesma. “Primeiro ela precisa acreditar em si mesma”. Inferimos que a narrativa induz o leitor piauiense, que mergulhou nas notícias de Sarah, a pensar nisso: acreditar em si mesmo e acreditar no Piauí, pois os textos que fizeram a retrospectiva da atleta vieram como complemento da grande notícia: O ouro olímpico da judoca piauiense Sarah Menezes. A notícia principal era a vitória, que estava sendo compartilhada com todos os leitores piauienses. Os jornais trazem à tona a ideia do orgulho no sentido da honra de uma piauiense que venceu difíceis obstáculos.

Diante do exposto, observa-se que através de estratégias comunicacionais a mídia cultua o atleta, evidenciando a figura do herói que supera todas as adversidades e adversários. Através de sua falação constrói os ícones do mundo esportivo, acompanha e comenta o cotidiano dos olímpianos, julga suas ações e estimula os leitores a fazerem o mesmo. São ações que mitificam os atletas (BORELLI, 2002). Esse processo de mitificação se compõe através de signos também presentes na linguagem, neste caso, a escrita ou as narrativas dos jornais impressos analisados.

Preparação para a grande luta

Com Sarah esse momento se materializa quando seu nome foi confirmado na lista dos atletas integrantes da seleção de judô brasileira a participar dos Jogos Olímpicos de Londres em 2014. A atleta estava na reta final, se preparando para o grande momento Olímpico.

A Confederação Brasileira de Judô (CBJ) anunciou, na tarde de ontem, em São Paulo a lista oficial dos 14 judocas que irão brigar por medalhas nos jogos Olímpicos de Londres em julho. Um desses atletas é a piauiense Sarah Menezes, terceira colocada no ranking da categoria até 48kg e que será uma das cabeças de chave. (ODia, 05/05)

Sarah Menezes está confirmada. (DP, 02/05)

A confirmação traz ânimo e novos planos para a atleta. Sarah via cada vez mais de perto a possibilidade de tornar o sonho olímpico uma realidade. Mesmo não sendo apontada por todos os jornais como favorita ao ouro, Sarah se mostrava confiante e foi reconhecida e mencionada internacionalmente como favorita ao lugar mais alto do pódio. O Jornal O Dia valoriza sua colocação em terceiro lugar na categoria e destaca sua participação como uma das cabeças de chave na equipe. Porém, os jornais mencionam a atleta apenas como uma participante na equipe do judô brasileiro, mas sem favoritismo, pois ocupava, naquele momento, o terceiro lugar no *ranking* mundial. A forma como o Jornal Diário do Povo, por exemplo, noticia este momento da atleta, mostra uma postura de incredulidade junto à atleta piauiense, baseando-se apenas nos resultados do ranking, preferindo não creditar confiança na atleta local e destaca outros atletas da federação brasileira.

As principais esperanças de medalha em Londres são Leandro Guilherme e Mayra Aguiar, líderes do ranking mundial e favoritos ao ouro. Entre outros destaques aparecem Rafael e Rafaela Silva (terceiro e quarta colocada,

respectivamente), além de Sarah Menezes (3^a) e o próprio Camilo (8^o). (DP, 02/05)

Mayra, número 1 do ranking mundial ressalta a importância de ir a Rússia para treinar e observar as adversárias. (MN, 26/05)

Essa postura pode retratar a baixa autoestima do piauiense, que tende a se desvalorizar diante do outro, que vem de fora, que parece ser mais preparado, forte e inteligente do que os de casa. Sarah já demonstrava considerável evolução no esporte e poderia ser apontada como favorita, mas naquele momento os jornais ainda se faziam reticentes junto a este fato. Até mesmo no exterior a atleta foi reconhecida e apontada como única favorita ao ouro na seleção brasileira. Somente depois de uma reportagem da revista internacional *Sports Illustrated* em que Sarah foi mencionada como favorita ao ouro, o Jornal “O Dia” destaca esse fato, inclusive colocando a reportagem como notícia em suas páginas.

Revista dos EUA aponta Sarah como favorita. (ODia, 25/07)

Para a publicação americana “Sports Illustrated” a judoca piauiense Sarah Menezes (até 48Kg) é a única promessa de ouro do judô brasileiro nas Olimpíadas de Londres. (ODia, 25/07)

Como se trata de notícias a respeito de uma piauiense, essa postura pode influenciar na construção da identidade local, pois, nas entrelinhas, o leitor capta a ideia que a mídia traz em seu texto. Neste caso, a visão que o próprio piauiense tem de si e de seu povo. Assim acontece o processo de construção da identidade que, como enfatiza Canclini (1995), esta é uma construção que se narra. Através da contação dos fatos a mídia delinea ou reforça conceitos que formam a identidade cultural no imaginário coletivo e neste ponto percebemos um reforço à insegurança ou descrédito que o povo piauiense é levado a ter de seus conterrâneos. Este foi, muito provavelmente, um dos motivos pelos quais Sarah teve dificuldades em encontrar patrocinadores que acreditassem em seu potencial antes da vitória Olímpica.

Após a confirmação do nome de Sarah na equipe Olímpica, a atleta ainda teve uma importante participação no *Grand Slam* de Moscou. Foi a preparação final para a grande luta, o momento decisivo em sua carreira de atleta que serviu de ponte para transformá-la em Olímpica. A vitória de Sarah em Moscou levantou ainda mais sua autoestima e a colocou como favorita ao ouro olímpico o que facilitou sua concentração na reta final.

A participação da judoca do Piauí em Moscou já servirá de preparação para a olimpíada de Londres (MN, 26/05)

A judoca piauiense Sarah Menezes levou o Piauí e o Brasil, mais uma vez ao topo do pódio na manhã de ontem. A atleta garantiu o ouro no Grand Slam de Moscou após lutar com a romena Alina Dumitru... (ODia, 27/05)

É patente que durante sua preparação, a vitória no *Grand Slam* de Moscou já foi noticiada como ato heroico. Narrando como a atleta levou o Piauí e o Brasil ao topo do pódio, como se ela “carregasse nos ombros” seu Estado ou uma nação inteira. A modalidade esportiva a qual representa, o judô, nem é mencionada. O destaque é para seu lugar de origem, primeiramente o Piauí, já que a notícia é mais direcionada a eles e onde ela começou a se destacar e em seguida o Brasil, que passou a representar quando integrou a seleção brasileira de judô.

A competição, que faz parte do circuito mundial da confederação internacional de judô, encerrou a temporada de Sarah Menezes antes das olimpíadas. Agora a atleta se prepara para os jogos de Londres. (ODia, 27/05)

Ao mesmo tempo em que participa de competições a atleta passa a contar com um centro de treinamento em Teresina. Com o apoio do Governo do Estado, Sarah e o técnico Expedito Falcão constroem um centro de treinamento que recebeu o nome da atleta e conta com estrutura de ponta. O tatame era o mesmo que seria utilizado em Londres. O lugar contribuiu com os treinos da atleta antes dos Jogos Olímpicos e servirá para treinar novos talentos do judô em Teresina.

Centro de Treinamento de Judô

No último sábado (23), foi inaugurado em Teresina o novo centro de treinamento de judô do Piauí um local com o que há de melhor no mundo: material de ponta e uma das mais exitosas judocas da atualidade, a piauiense Sarah Menezes. O espaço servirá para a atleta, que irá disputar as olimpíadas de Londres, na Inglaterra, e também para lapidar outros talentos do esporte. (MN, 26/05)

Um mês antes dos Jogos Olímpicos, aconteceu um encontro dos atletas com a presidenta Dilma Rousseff, no qual Sarah teve um destaque.

Sarah Menezes entrega à Dilma um dos uniformes do Brasil nos jogos de Londres. (ODia, 16/06)

A judoca piauiense Sarah Menezes integrou, na tarde de ontem, a comitiva formada por atletas brasileiros que foram ao encontro da presidenta Dilma Rousseff no Palácio do Planalto. A piauiense disputará em Londres sua segunda olimpíada. (ODia, 16/06)

O encontro com a presidenta trata-se de uma visita costumeira que os atletas fazem antes ou depois dos jogos em agradecimento ao apoio que o esporte recebe do Governo Federal. Este, especificamente, contou com a participação de 25 atletas, dos quais Sarah foi escolhida para entregar um dos uniformes utilizados pela seleção brasileira. O jornal O Dia destaca na manchete da notícia o nome de Sarah como a atleta que foi recebida por Dilma e mais 24 atletas. No corpo da matéria destaca ainda a participação da atleta em sua segunda Olimpíada. Vimos que para o Piauí os Jogos Olímpicos de Londres de 2012 foram noticiados principalmente pela participação da atleta piauiense, que estava ali representando o judô e também seu povo. Cada passo da atleta durante sua preparação para a grande luta foi noticiado, construindo a imagem da atleta piauiense.

Após o encontro com a presidenta, foi divulgada a lista da participação dos atletas nas Olimpíadas, mais um fato relacionado aos Jogos que foi noticiado pelos jornais locais tendo Sarah Menezes como o centro da notícia, sendo destacada como a judoca piauiense.

Federação de Judô divulga adversárias de Sarah Menezes (ODia, 14/07)

Pelos resultados, Sarah Menezes será a cabeça de chave de número dois, e assim enfrenta Fukumi em uma provável final. A judoca piauiense acredita que as últimas competições foram responsáveis por sua evolução ao longo da temporada. (ODia, 14/07)

Considerada uma celebridade no Piauí, Sarah tem seus passos noticiados antes da participação em Londres. Seu embarque foi anunciado mostrando uma atleta preparada e tranquila como o herói que segue seu destino sem medo de enfrentar seus adversários.

Sarah Menezes embarca para Londres em busca da medalha inédita. (ODia, 17/07)

Com quantas palavras é possível definir um atleta olímpico? Para a judoca piauiense Sarah Menezes (48Kg), experiência e tranquilidade serão as armas para a briga por uma medalha nos Jogos Olímpicos de Londres.” (ODia, 17/07)

Dias antes da luta Sarah foi noticiada abertamente como representante dos piauienses levando aos jogos características marcantes de sua cultura. Em matéria publicada pelo Jornal

O Dia percebe-se a exaltação do povo através da figura dos atletas piauienses que chegaram a Londres e convocam os leitores a embarcarem no sonho do ouro Olímpico, que a esta altura não pertence só a Sarah, mas a todos os brasileiros, especialmente aos piauienses que acompanham as notícias diárias em um período que o mundo se volta para os jogos Olímpicos. De acordo com Rúbio (2001), a jornada do atleta herói apesar de individual é também um processo coletivo, na medida em que a dinâmica de formação que ele desenvolve, ao longo da carreira, é uma criação da cultura a qual ele pertence. Assim, a cultura da qual o atleta nasce e se desenvolve também participa do processo de formação do atleta herói e passa a apresentá-lo como modelo de representação da sua identidade.

Ontem, a Federação Internacional de Judô, convidou a judoca Sarah Menezes, para o sorteio das chaves dos jogos olímpicos, que acontecerá amanhã dia 26. Foi a única brasileira convidada para as definições dos confrontos que começam no sábado quando ela estreia. (DP, 25/07)

Eles chegaram lá.

Rômulo e Sarah são o Piauí nas Olimpíadas.

Com a garra piauiense, Sarah e Rômulo chegam aos Jogos Olímpicos de Londres para brigar pelo lugar mais alto do pódio.

Nos próximos dias, os pouco mais de 3 milhões de piauienses depositam em Sarah Menezes e Rômulo Borges a confiança e a autoestima de um Estado melhor (...) Eles trilharam pelo mesmo caminho: o da conquista. Não se intimidaram com as dificuldades e seguiram em frente, na busca de suas realizações. A vontade de lutar e de seguir adiante é um traço não apenas desses dois atletas, mas de um povo que possui em sua essência, a expectativa do êxito. (ODia, 22/07)

Eles são piauienses que buscaram lá no fundo, a última gota da superação e da garra. (ODia, 22/07)

O que mais se destaca nas matérias do período que antecedeu as Olimpíadas é a repetição de expressões como “a judoca piauiense”. Nesse período Sarah Menezes já estava sendo apontada como favorita ao ouro e quando foi indicada como integrante da seleção brasileira de judô, tornou-se notícia. Percebe-se claramente que Sarah Menezes não é citada apenas como judoca ou como brasileira, mas é destacada como piauiense. Além disso, Sarah é apresentada como a representante do Piauí e algumas vezes como representante do povo piauiense: “A vontade de lutar e de seguir adiante é um traço não apenas desses dois atletas, mas de um povo que possui em sua essência, a expectativa do êxito”. Nos fragmentos destacados encontramos rastros ou indícios que rememoram o mito fundador da piauiensidade, o bravo do Jenipapo, a essência de um povo que tem expectativa do êxito, que não se intimida com as dificuldades e que busca a última gota de superação e garra. O mito

fundador contém em si exatamente a “essência de um povo” que se repete de forma renovada, porém conserva suas características originais. “Expectativa do êxito”, “a vontade de lutar e seguir adiante” traços de um povo que tem a esperança da chuva diante da seca ou da vitória diante do inimigo estrangeiro e invasor das terras piauienses, como Fidié e sua tropa, conforme Neves (1974).

O jornal O Dia destaca traços do povo e faz a identificação com a atleta que, naquela ocasião, era a esperança do Ouro. Acreditamos que o jornal contribuiu para a construção da heroína modelo que vai à jornada em busca do elixir para seu povo. Neste caso o elixir destaca-se como a renovação da autoestima do povo piauiense, apontando a construção mítica no imaginário coletivo pela associação estabelecida entre atleta e herói; aquele que vence obstáculos, supera dificuldades, é o representante maior da força e da garra e se diferencia dos mortais comuns, incapazes de estarem no topo Olímpico como fala Rúbio (2002) e retorna de sua jornada trazendo o “elixir” destacado por Campbell (1997).

A grande luta

A apoteose de Sarah Menezes teve lugar e hora marcada: aconteceu no dia 28 de julho de 2012, nos jogos Olímpicos de Londres, na final do judô feminino, quando lutou com a campeã Olímpica Alina Dumitru, atleta muito mais experiente. Mesmo assim, Sarah venceu suas limitações, muitos obstáculos, venceu as lutas preliminares até chegar à decisão, ao momento supremo da final, literalmente no último minuto, e vencer sua adversária.

Sarah Menezes vence cinco lutas em Londres e é a primeira judoca brasileira a ir ao lugar mais alto do pódio em uma Olimpíada. (ODia, 29/07)

Sarah Menezes enfrentou na decisão uma campeã Olímpica, muito mais experiente. Entretanto desde o início do combate, a brasileira controlou a adversária e por pouco não encaixou uma finalização. (DP, 29/07)

Sarah entra para a história. (ODia, 29/07)

Sarah Menezes conseguiu apenas no último minuto, um yuko, seguido por um wazari. O sorriso no rosto não escondia: Medalha de ouro! A conquista coloca a judoca piauiense como a atleta com os melhores resultados da história do judô brasileiro feminino. (ODia, 29/07)

A conquista de Sarah foi um resultado histórico para o esporte brasileiro. Logo no primeiro dia de competições da Olimpíada de Londres, a piauiense Sarah Menezes conquistou uma medalha de ouro inédita para o judô feminino do Brasil na história dos jogos. (DP, 30/07)

Uma das nordestinas que brilharam em Londres foi a piauiense Sarah Menezes. Ela disputou na categoria ligeiro (até 48 kg) no judô e conseguiu um feito inédito. Foi a primeira mulher brasileira a subir no local mais alto do pódio na modalidade. (DP, 07/09)

Com a vitória na luta final, Sarah conquista o ouro e se consagra como Olimpiana. Logo no início dos Jogos foi a primeira medalha de ouro do Brasil, um ouro cheio de significados que a colocou em posição especial como judoca, brasileira e piauiense. Em todas as suas identidades, Sarah teve algum destaque: como judoca, rompeu um regime de ouro de 20 anos sem medalhas; como atleta do judô feminino, foi a primeira mulher a conquistar ouro em sua modalidade; como brasileira, foi a primeira atleta a conquistar uma medalha naqueles jogos; como piauiense, foi a primeira atleta a se tornar Olimpiana. Dentre os atletas ainda foi citada como uma das nordestinas que brilharam em Londres. Com este feito, percebe-se que a atleta marcou suas posições identitárias e, naquele momento, teve todas as representações reunidas na figura da heroína, que passou também a representar. Como aponta Hall (2000, p.17), é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e àquilo que somos. A posição do sujeito é definida por práticas de significação, neste contexto, realizadas pela mídia e seus sistemas simbólicos.

No trecho seguinte destacamos o “grito da vitória” dos pais noticiado pelo jornal Meio Norte. Como parte do constructo do compartilhamento da vitória de Sarah, o nome de seu Estado é citado em detrimento de seu próprio nome. A conquista não é mencionada como sendo dela exclusivamente, mas pode ser comemorada como uma conquista de todo o Piauí. A notícia atesta uma concessão ou um convite dos pais ao povo piauiense a comemorar uma vitória que pertence a esse povo.

É Piauí, é Piauí, explodiram a comerciária Olindina Menezes e o trabalhador autônomo Rogério Menezes, os pais da judoca Sarah Menezes de 22 anos que é ouro nas Olimpíadas de Londres ao aplicar um yuko e um wazari na romena Alina Dumitru e se tornou a primeira mulher brasileira a conquistar uma medalha de ouro na modalidade.” (MN, 29/07)

Os jornais falam de uma conquista histórica, inédita, e exaltam a atleta exatamente em suas identidades ou representações. E especialmente neste momento iniciam as falas em torno da representação do Piauí, pois a partir deste momento ela recebe o status de representante oficial de seu povo, citada como a imperatriz do Piauí que fez mais pelo Estado do que os políticos locais. No trecho a seguir, temos a presença de um texto permeado por um conteúdo pitoresco que revela a intimidade dos bairros de Teresina. Uma crônica que ressalta

peculiaridades da geografia da cidade, dos costumes locais e do dia a dia das comemorações dos Jogos Olímpicos em Teresina. Uma tessitura que convida o leitor a passear pela realidade local e mais uma vez atrela a vitória de Sarah a esse contexto. Torna a vitória olímpica compartilhada com os conterrâneos da atleta, inclusive políticos ilustres, ressaltando seu pertencimento ao Estado.

Vamos SARAHva!

Sim, porque hoje é sábado, nos bares e nos botecos, o assunto que vai rolar é a medalha de ouro de Sarah com agá. Principalmente no bar do Dedinho lá no Saci. No Zé de Melo, no Conciliábulo, no Zé Filho, na Miúda, na Vila, onde rola birita, cerveja e ainda se bebe Ron Montila, se fala no grande feito da piauiense que fez mais pelo Piauí do que todos os políticos juntos. A Sarah é a imperatriz piauiense. Sarah, diz o Mão Santa, é do Piauí. (ODia, 28/07)

A conquista da recompensa

Para Sarah seu tesouro foi, literalmente, o ouro. A medalha Olímpica dourada. Na verdade, foi mais além. Pelo fato de se tornar a primeira mulher a conquistar uma medalha de ouro na modalidade, rompendo um regime de 20 anos sem medalhas douradas no judô, conquistou um reconhecimento como atleta brasileira e se posicionou como uma das melhores judocas do mundo, isso também se configurou como uma premiação.

Sarah Menezes conquista ouro do judô. (MN, 29/07)

Sarah é Ouro. (DP, 29/07)

No título estampado na capa do jornal, Sarah é igualada ao prêmio, ao ouro e seus significados de nobreza, raridade, destaque e poder. Como manchete do dia, o feito da atleta é noticiado em matéria de página dupla nos jornais. Neste período, as notícias a respeito de Sarah saíram da coluna de esportes e ganharam mais espaço e destaque na mídia, revelando o tamanho e a importância da vitória da atleta.

Sarah Menezes faz história no judô. (DP, 29/07)

De Teresina para Londres. A brasileira Sarah Menezes fez história, na tarde de ontem, nos Jogos Olímpicos de Londres. A piauiense venceu a romena Alina Dumitru, campeã há quatro anos em Pequim, por um wazari e um yuko de vantagem e conquistou a medalha de ouro no judô.” (DP, 29/07)

Amigos e familiares comemoram em Teresina. (ODia, 29/07)

Nem a distância física bloqueia a emoção da medalha de ouro Olímpica conquistada com muita raça, pela judoca Sarah Menezes em Londres. Direto de Teresina, familiares e amigos saíram em carreata nas principais ruas e avenidas da capital para festejar o feito histórico da piauiense. (ODia, 29/07)

O destaque às comemorações é pincelado pelos níveis de dificuldades enfrentados pela atleta, como o fato de ter vencido uma adversária que foi campeã nos jogos anteriores ou a medalha conquistada “com muita raça”, narrativas que justificam as comemorações e enaltecem a força de Sarah, mais uma vez mencionada como piauiense. Os jornais noticiam ainda, o reconhecimento que a atleta teve como representante do judô brasileiro, quando parabenizada pela Presidente Dilma. Em suas palavras a presidenta deixa claro que a medalha foi conquistada pelo Brasil, pontuando o lugar de onde fala (a Presidência) e para quem fala (a nação brasileira). Com isso, percebemos um movimento político e ideológico oculto que promove o entrecruzamento de vozes, interesses, lugares e disputas, como fala Macneill (2006) sutilmente oferecidos através da mídia, construindo significados em torno de identidades nacionais. Em Londres, Sarah representou seu Estado-nação, sua vitória destacou o judô brasileiro e seu ouro foi uma contribuição para o quadro de medalhas do Brasil.

Em nota oficial, Dilma Rousseff parabeniza Sarah Menezes. (ODia, 29/07)

Empolgada com as duas primeiras medalhas conquistadas pelo Brasil no judô, a presidenta Dilma Rousseff, que sexta-feira visitou o Crystal Palace e almoçou com parte da delegação brasileira, parabenizou a judoca Sarah Menezes pela conquista da medalha de ouro na categoria leve. “Com grande satisfação, recebi, ainda em Londres, a feliz notícia da conquista pelo Brasil, das primeiras medalhas de nossa delegação, nestes Jogos Olímpicos: Sarah Menezes, medalha de ouro no judô e Filipe Kitadai, medalha de bronze também no judô. Em nome de todos os brasileiros quero parabenizar os dois atletas pela brilhante conquista”. (ODia, 29/07)

No entanto, os jornais locais trabalharam com esse material (a notícia da vitória de Sarah) utilizando o Estado do Piauí como um lugar de destaque perante a nação brasileira. Direcionado mais explicitamente aos piauienses, o texto atrela o ouro de Sarah ao Estado, utilizando falas da atleta e de sua família que compartilham a vitória com os conterrâneos, o que se configura como uma forma de reconhecimento ou recompensa que a mídia oferece a atleta ao tempo em que a concede o status de representante da sua terra natal, já que seu feito destacou também seu Estado de origem.

Primeira campeã Olímpica do Brasil no judô, Sarah Menezes disse que não vai mudar de cidade. Com a medalha de ouro no peito a judoca disse que vai permanecer treinando em Teresina. “Não vejo motivo para mudança. Comecei no judô como brincadeira. Foram os meus treinadores lá, que me incentivaram e me fizeram sonhar com isso tudo” afirmou a medalhista de ouro. (ODia, 30/07)

A medalha de ouro conquistada pela judoca Sarah Menezes, nos Jogos Olímpicos de Londres, colocou o Piauí em pódio e em destaque no mundo. (DP, 01/08)

Festa – Vitória é comemorada em Teresina pelos pais e amigos. (MN, 30/07)

Depois de 12 anos de luta, Sarah finalmente é ouro. Ela merece essa medalha por sua luta e por sua persistência. “Estamos muito emocionados pela vitória que não é só dela, mas de todo o Piauí e do Brasil.” Falou a mãe da atleta, Olindina Menezes. (MN, 30/07)

“Meu coração parecia que ia explodir. É uma vitória de minha filha, mas também do Brasil e do Piauí, um Estado que precisa de uma vitória dessa para ficar mais orgulhoso”, falou o pai Rogério Menezes (DP, 31/07)

E como os novos Olimpianos, na acepção de Morin (2003, p.119), possuem sua identidade construída entre o real e o imaginário. “Simultaneamente ideais inimitáveis e modelos imitáveis” são oferecidos aos espectadores. Sarah Menezes participou do olimpo dos heróis modernos, vivenciando todo o processo por meio do assédio, do glamour e da fama do momento, promovido pela mídia que comenta o dia a dia dos famosos cercando-os de expressões que os exaltam.

Primeira medalhista de ouro no Brasil em Londres, a judoca Sarah Menezes foi a convidada especial da cabine do SporTV na abertura da transmissão das lutas de judô ontem. Ao lado do narrador Sérgio Mauricio, a campeã revelou estar com insônia e não escondeu o deslumbramento com a conquista. (MN, 30/07)

[...] a piauiense que provou que nós também podemos ser campeões Olímpicos, foi eleita atleta do ano no Prêmio Sport Life, em São Paulo (SP). (DP, 04/08)

Sarah: a melhor do mundo!

A judoca Sarah Menezes: uma vida de superações para poder alcançar a glória. (DP, 31/07)

Ouro de Sarah é incentivo

Sarah: o ouro solitário do judô olímpico feminino de Londres. (DP, 05/08)

Sarah é um exemplo que vale mais, que fala mais alto que qualquer campanha oficial de autoestima patrocinada com recursos públicos. É um ouro que verdadeiramente reluz! (DP, 30/07)

Estou fazendo história! Fico muito feliz com isso! É uma grande emoção para mim e para toda equipe do judô brasileiro. (MN, 30/07)

Como esclarece Hall (2000), a subjetividade do indivíduo também depende da interação social, da identificação com os modelos oferecidos, de modo que este se localiza através dos contrastes, das diferenças e se define pelo ato da comparação e da classificação dos caracteres com os quais se identifica ou tem a sensação de estranhamento. Sarah Menezes é oferecida pelos jornais, como um modelo de superação a ser seguido pelos piauienses. A atleta é posta como um elo entre os piauienses em torno de sua identidade. Seu feito provoca um movimento que envolve a autoestima desse povo, trazendo à tona o fato de que este aspecto é lembrado, atrelado à necessidade de seu fortalecimento. A vitória de Sarah Menezes e sua narração trouxeram a mesma esperança que o herói oferece quando derrota o monstro e liberta seu povo de um passado obscuro que precisa ser superado.

5.3 Retorno

Retorno da heroína

Quando Sarah retornou ao Piauí, como a “melhor do mundo”, foi recebida como celebridade, como uma rainha ou heroína de seu povo. O ouro que trouxe ultrapassa a medalha dourada, mas se configura principalmente, no sonho de ser reconhecida perante a nação como vitoriosa. Para um Estado que tem sede de uma identidade mais fortalecida e, sobretudo, reconhecida, Sarah trouxe um elixir renovador, repleto de significados perante a nação, capaz de fortalecer a identidade de seu povo. “Se são heróis mesmo, retornam com o elixir do mundo especial, trazem algo para compartilhar com os outros, alguma coisa com o poder de curar a terra ferida.” (VOGLER, 1998, p. 211). Sarah Menezes fez um paralelo com o herói que reparte os louros com seus iguais, no caso, seus conterrâneos. Sua chegada a Teresina foi esperada, assistida por muitos e comentada pela mídia local como um acontecimento que parou o trânsito da cidade. Participando de um desfile em carro aberto do Corpo de Bombeiros pela cidade, Sarah, a campeã Olímpica, acenava aos piauienses que foram às ruas para lhe ver passar. Como celebridade ou heroína, desfilou mostrando a medalha dourada e a bandeira de seu Estado, trazendo uma boa nova a sua terra natal.

Multidão Recepciona Sarah nas Ruas de Teresina

Mais de 150 mil pessoas saudaram a judoca Sarah Menezes de 22 anos nas ruas e aeroporto na sua cidade Teresina, na tarde de ontem, por sua conquista, a medalha de ouro das Olimpíadas de Londres. Chegou em um avião de carreira e desceu enrolada com a bandeira do Piauí, recebeu flores ainda na pista do aeroporto de Teresina onde mais de 4 mil pessoas a esperavam. (MN, 07/08)

“Só agora, vendo essa multidão de piauienses me esperando e gritando por meu nome é que a ficha da conquista da medalha de ouro em Londres caiu. Só agora eu percebi o que uma medalha de ouro significa para um país e para um Estado”. Falou Sarah Menezes. (MN, 07/08)

Ao pisar em solo teresinense, Sarah Menezes, percebeu a dimensão do carinho que o público tem por ela. (MN, 07/08)

Sarah Menezes foi obrigada a ser protegida por 30 homens da polícia militar e para ser vista pela multidão foi levantada nos ombros, quando levantou os braços com a bandeira do Piauí e atendeu as pessoas que pediam para levantar a medalha de ouro. (MN, 07/08)

Ela chegou. Sim, meu caro leitorado fiel, Sarah chegou. Nossa menina de ouro recebida como rainha. Uma vitória. Menina da periferia oferecendo uma bela vista. Uma joia rara. Uma opala... Sarah é como a cajuína de dona Anatália, cantada por Caetano Veloso: cristalina de Teresina. (ODia, 07/08)

Nos fragmentos encontramos alguns elementos que fazem referência direta ao estado do Piauí ou a seus símbolos, como “uma bela vista”, referindo-se ao bairro Bela Vista II, em Teresina, onde mora Sarah Menezes. “Uma Opala”, referindo-se a uma das riquezas naturais do Estado, a opala encontrada na cidade piauiense de Pedro II. “A cajuína de dona Anatália” referindo-se a cajuína que atualmente é um dos símbolos do Estado. Percebe-se a narrativa poética construindo a imagem de Sarah como produto genuinamente piauiense, uma das riquezas da terra Piauí como forma de valorização do povo e do Estado. O fato de Sarah trazer consigo a bandeira do Piauí foi ressaltado pelos jornais enfatizando a importância que a atleta reserva a sua terra.

A medalhista Olímpica que fez história no esporte brasileiro foi recebida por uma multidão que queria saudá-la. Ela chegou com a bandeira do Piauí na cabine do piloto do avião. Sarah desfilou no carro de bombeiros pelas ruas da cidade o tempo todo com a bandeira do Estado. (DP, 07/08)

Pertencimento à terra natal

Com Sarah Menezes o pertencimento à terra natal pode ser facilmente encontrado visto nas narrativas analisadas. Mais do que celebridade por alguns dias, a judoca passou a ser exemplo de atleta no Estado, exemplo de superação e garra de seu povo. Resgatou as

características de força e determinação do vaqueiro, do herói do Jenipapo e da força da mulher nordestina, os quais todos os piauienses podem ter como modelo. Assim sendo, a mítica do herói sertanejo que constitui a essência da identidade cultural piauiense (SOUZA, 2008) passa a ser narrada pela mídia por feitos não mais depreciativos, mas a partir da exaltação de aspectos positivos, neste caso, as qualidades que conduziram Sarah Menezes à vitória Olímpica.

Meus amigos! A conquista da medalha de ouro da nossa judoca Sarah Menezes nas olimpíadas de Londres foi um feito extraordinário. E por este motivo os piauienses também estão orgulhosos da nossa atleta que nunca precisou sair do Piauí para conquistar o mundo. Aprendeu aqui para vencer lá fora (DP, 31/07)

Sarah é uma lição, Sarah uma canção. Sarah não tem partido nesse tempo de eleição. Sarah não é mais do Piauí é da nação. Ela nem imagina o que representa hoje no mundo, no planeta. E o que representa no seu estado, para o esporte do seu estado. De repente, mais que de repente se descobre a mina de ouro que é o Piauí... Sarah é exemplo. (ODia, 31/07)

Sarah, Sarah cajuína, Sarah Sarah Teresina. Viva a força e a beleza da mulher nordestina. (ODia, 08/08)

De quebra a conquista da cajuína ainda encerra um jejum de 20 anos sem um ouro Olímpico para o judô. (DP, 04/08)

Filha da terra da cajuína, com 1,58 de altura e 48 kg, a judoca Sarah Menezes mostra que as palavras desistir e perder não estão presentes em seu vocabulário. Tanta determinação não a fez ser referência apenas para uma geração, mas para uma cidade que a recebe de braços abertos a cada retorno e que ela leva ao pódio em cada competição. (ODia, 08/08)

Mais uma vez os jornais comparam a atleta com um dos principais símbolos contemporâneos do Piauí: a cajuína cristalina de Teresina, artefato que inspirou Caetano Veloso a compor um dos sucessos da música popular brasileira. Esta associação da cajuína referindo-se a Sarah Menezes qualifica a atleta como produto da terra, genuinamente piauiense e comprova o reconhecimento à judoca como representante oficial do Piauí, além de atrelar características de deusas olímpicas como pureza, beleza, força e feminilidade. Mais uma vez percebe-se a presença da poesia e do drama que conferem leveza ao texto, quase como uma licença poética concedida aos jornais para engrandecer a notícia e principalmente para elevar a identidade da atleta ao *status* de representante mitificado de seu povo. Através de ações (rituais) e da palavra (narrativas) é que os mitos tomam corpo e se perpetuam no imaginário coletivo. Como uma das principais instâncias construtoras das identidades culturais na contemporaneidade, a mídia utiliza figuras míticas representativas de valores e

comportamentos para preencher o imaginário coletivo, os espaços vazios, antes preenchidos pelo sagrado e pelos ritos, agora, na era da midiaticização, são bombardeados por técnicas de comunicação capazes de penetrar e persuadir as subjetividades interferindo na construção de identidades partilhadas (BARROS, 2013, p. 15).

“Ela é o orgulho e o amor do Piauí. Estou com o coração acelerado. É muita emoção. Só tenho uma coisa pra dizer a ela: parabéns, filha”. Declarou dona Olindina. Com a bandeira do estado, Sarah Menezes chegou em solo teresinense na tarde de ontem. Ouro nos Jogos Olímpicos de Londres, na categoria leve (até 48 kg), a judoca teve um dia de reconhecimento.” (ODia, 22/07)

Sarah tem uma peculiaridade fundamental, apesar dos assédios de vários clubes, nunca saiu do Piauí. Foi com as raízes no Estado que a judoca tornou-se a maior expoente da modalidade no país, ao lado do treinador Expedito Falcão. (ODia, 22/07)

As narrativas que comemoram o retorno de Sarah como a atleta que voltou como heroína e representante de seu povo comprovam o sentido de pertencimento abordado por Hall (2000). Nas matérias identificamos palavras e expressões que marcam o fato de Sarah ter permanecido em seu Estado como ato valorativo ao lugar e de fortalecimento da própria atleta. Ter sido campeã olímpica sem sair do Piauí é um ato referenciado como heroico, principalmente depois do ouro. A mídia transforma este ato em exemplo a ser seguido pelos piauienses, muitas vezes descrentes da própria terra. O sentimento de pertencimento gerado pela mídia se dá, segundo Anderson (1991), exatamente por possibilitar uma realidade nova e compartilhada por grande número de leitores reunidos em torno de uma ideia, neste caso, a associação da vitória de Sarah Menezes ao Piauí.

McQuail (2013) pontua que através de padrões, modelos e normas oferecidos, a mídia intervém entre nós e a realidade fazendo com que criemos quadros de referência, dentre eles a própria identidade. Por seu feito e depois de ser narrada e comentada pela mídia, Sarah Menezes tornou-se referência para muitos atletas e principalmente, para seus conterrâneos.

Transformada no ícone maior do judô feminino, Sarah e seu treinador Expedito Falcão, criaram um centro de treinamento. (MN, 27/09)

A conquista Olímpica de Sarah resgata a esperança das crianças carentes que até então não possuíam perspectiva de um futuro brilhante. A vitória através do esporte estimula os pequenos a seguirem os passos da atleta. Eles treinam com afinco para quem sabe um dia alcançarem o sucesso de Sarah. (MN, 27/09)

Pequenos sonham em seguir os passos de Sarah

“A gente treina duas vezes por semana e eu acho pouco. Quero ser igual a Sarah, viajar muito pelo mundo e ganhar várias medalhas”, fala a pequena, que também teve a vida transformada após frequentar as aulas de judô. (MN, 27/09)

O esporte deve conquistar novos adeptos. “Ela mostrou que é possível competir pelo nosso Estado e ganhar” analisou Luciano Kassarola. Ele acredita que essa conquista é um incentivo aos novos atletas e deve chamar a atenção também do público infantil. “Certamente as crianças vão querer praticar. Nós também queremos formar uma turma voltada para o judô”. Conclui. (DP, 01/08)

A decisão de Sarah Menezes de treinar no Piauí, com o técnico Expedito Falcão, está sendo motivo de orgulho entre os judocas piauienses. Ramon Araújo, de 27 anos, destacou que o Brasil nunca conseguiu uma medalha no judô feminino. “Sarah sempre associou sua vitória ao Piauí e isso atrai toda uma nova geração de judocas” falou. (MN, 29/07)

Finalizando o período de matérias e mais uma vez sendo apontada como representante do esporte e de seu país, Sarah Menezes é convidada a participar com destaque no desfile do dia 7 de setembro, dia da independência do Brasil, em Brasília.

A judoca Sarah Menezes, medalhista de ouro nos jogos Olímpicos de Londres, será a grande atração do esporte nacional no Desfile da Independência, que será realizado na próxima sexta-feira (7), na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. (DP, 06/09)

Toda a jornada de Sarah Menezes, desde o início de sua carreira, a preparação e a participação nos Jogos Olímpicos de Londres, seu retorno ao Piauí, bem como algumas ações posteriores, foi narrada pelos principais jornais do Piauí contribuindo com a construção da imagem da atleta no imaginário dos piauienses como uma celebridade, como um modelo. De acordo com Betti (1997), por estas e outras ações, a mídia transformou o esporte num fenômeno espetacularizado, tornando-o construtor de imaginários coletivos, utilizando o atleta como ator principal deste espetáculo.

Porém este fenômeno está inserido em um contexto maior, na cultura de um tempo, expressando os valores de uma época, os costumes e as características de um povo. No caso de Sarah Menezes, a atleta é narrada como uma judoca que vivenciou uma jornada de superação, uma saga heroica e com isso foi transportada do mundo comum ao olimpo, recebendo o *status* de representante de seu povo, tendo suas características relacionadas e destacadas como traços comuns à sua cultura. Por tudo isso, torna-se uma ferramenta de possível ressignificação do mito fundador da piauiensidade, constituído no início da construção história do Estado do Piauí e que segue se reinventando com seus os novos heróis.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da perspectiva do jornalismo enquanto lugar de produção de sentidos, que produz realidades, reforçando identidades ou identificações através de representações dos sujeitos em suas matérias, a imagem de Sarah Menezes foi construída em sua jornada esportiva, atrelada à identidade piauiense ou piauiensidade. Atualmente, representa o ideal de muitas crianças, jovens atletas piauienses que veem na judoca a esperança que mobiliza seus imaginários com o sonho de chegar ao topo, ao ponto máximo da carreira de atleta: o pódio olímpico. Por outro lado, representa o fortalecimento da imagem positiva do povo piauiense e a afirmação e valorização da piauiensidade. Esse fato tornou-se concreto a partir da narração de seu feito olímpico em 2012, no caso específico deste estudo, pela mídia impressa piauiense naquele período.

Na análise realizada, com base no modelo de Campbell (1997), atualizado por Vogler (1998), os quais evidenciam os passos do herói mitológico em sua jornada, a pesquisa mostrou que o feito olímpico de Sarah Menezes foi narrado pelos principais jornais do Piauí de tal forma que se identifica todos os passos desse herói. Ainda que sem intenção, os jornais noticiaram a conquista olímpica da judoca destacando sua trajetória com o mesmo padrão da narrativa do herói mitológico, obedecendo inclusive ao monomito que resume o ciclo da jornada heroica: separação/iniciação/retorno. Mais do que isso, encontramos no conteúdo jornalístico estruturas que mitificam a atleta e atribuem a ela a aura de heroína, pontuando todos os passos previstos por Campbell. Como uma jornada heroica que se repete na história humana, mostra a atleta em seu mundo comum, a adesão à aventura ou seu ingresso no judô, as dificuldades superadas, o encontro com o mentor e sua submissão a ele ou a missão proposta por ele, a passagem pelo limiar, a preparação para a grande luta, a grande luta, o prêmio, o retorno e o retorno como heroína de seu povo. Todos os passos foram noticiados a partir de figuras narrativas construtoras de uma identidade heroica. A pesquisa mostrou então que as unidades analisadas (títulos, matérias, notas e colunas), constroem a identidade de Sarah Menezes como uma heroína.

Um aspecto relevante foi que a relação de Sarah Menezes com a identidade cultural piauiense - piauiensidade é inegavelmente presente nas narrativas analisadas. Referências à judoca com os principais símbolos contemporâneos do Estado, como a cajuína ou a opala são encontradas nas notícias, bem como expressões peculiares ao povo que delimita e fortalece essa comunidade, onde nasceu a atleta e permaneceu durante sua preparação até chegar aos

Jogos Olímpicos de Londres que a consagraram vitoriosa. Pelas dificuldades que venceu foi apresentada como uma campeã piauiense ou que pertence ao Piauí. As falas da atleta e de seus familiares e amigos, que evidenciam o fato da judoca ter permanecido treinando em Teresina, são destacadas em matérias e até como títulos das reportagens, como forma de valorização da terra natal e dos piauienses. As narrativas apontam, portanto, que a identidade da atleta foi construída a partir de uma exaltação da relação de pertencimento com o Piauí e do fortalecimento com sua identidade cultural.

Percebemos que Sarah Menezes foi narrada, descrita ou referenciada como representante de seu povo. Características culturais instituídas na formação da comunidade Piauí foram mencionadas e reforçadas nos textos dos jornais. Sarah foi destacada como forte lutadora, guerreira, resistente e abnegada à sua missão. Quando da noticição de seu retorno, a judoca voltou trazendo esperança para um povo carente de reconhecimento perante a nação e de fortalecimento da autoestima, reconhecida pelos próprios jornais como baixa. Sem mencionar o mito fundador do Piauí, (o bravo do Jenipapo que mesmo ferido de morte, lutou contra adversários mais fortes pela independência do Piauí, possibilitando o destaque do Estado perante a federação; ou a figura do vaqueiro, valente guerreiro que resiste às agruras da seca e, sem desistir, vai em frente superando as dificuldades), os jornais atribuem à judoca, características culturais do povo definidas com base nesse mito fundador. Concluímos então que as narrativas dos jornais tem potencial para ressignificar de forma positiva a figura do herói que instituiu a piauiensidade.

Ressignificar porque desta vez o herói não é mais o vaqueiro que luta contra as dificuldades do sertão, sobretudo a seca, nem o bravo do jenipapo, vaqueiros, roceiros, armados com facões, machados ou foices que lutaram sem chances, contra um adversário muito mais forte, inseridos num contexto de busca pela independência de seu povo. Não é mais uma figura masculina que representa o sertão seco, distante e isolado, mas uma menina, urbana, inserida na cultura do esporte contemporâneo: profissional, competitivo e tratado pela mídia como um espetáculo que tem nos atletas seus principais atores, promotores de ideias e identidades. Desta vez o cenário do combate final da heroína localiza-se no maior evento do esporte, os Jogos Olímpicos, considerado por Elias (1985) como uma das maiores expressões do esporte espetáculo e da sociedade contemporânea. Com uma dimensão mundial, este evento reúne bilhões de pessoas em torno do assunto. A batalha final acontece em uma arena de judô, o tatame e a atleta tem como vestimenta um quimono com a bandeira de seu país impressa do lado esquerdo, o lado do coração. Essa é a nossa nova heroína, como o resultado

de uma cultura expressando a constelação de ideias e valores da época atual. Porém conserva em sua subjetividade, características originais do mito fundador que continuam presentes na identidade cultural piauiense.

O contexto de seu feito, que reuniu diversos significados, unidos às narrativas dos jornais que destacam a “Sarah heroína” como modelo ou representante de seu povo, caracteriza um material com fortes indícios de que Sarah Menezes tem grande potencial de atualizar o mito fundador do Piauí. Chauí (2006) destaca que o mito encontra novos meios para continuar existindo, novas linguagens, novos valores e ideias de tal forma que quanto mais parece ser uma coisa diferente, mais é a sua repetição.

O que torna salutar a jornada aqui analisada é que a invariante é uma pequena lutadora, solitária, que procura ser o exemplo para muitos outros, principalmente seus conterrâneos. Uma figura que surge como possibilidade de representar o novo herói piauiense, que se iguala ao herói do jenipapo por ser forte e guerreira, capaz de superar dificuldades locais, porém se diferencia daquele por ser disciplinada, vencedora, capaz de colocar o Estado em destaque mundial, fortalecer e valorizar a identidade de seu povo, destacando características positivas da piauiensidade, mas, sobretudo, reposicionando o herói fracassado ao lugar da vitória, fundando o herói vencedor.

No entanto se faz necessário destacar que a mídia não utilizou o potencial de ressignificação desse mito fundador, que sequer foi diretamente citado. Acreditamos que são necessários novos estudos que tracem uma contextualização histórica do mito fundador e dos heróis atuais que surgem ressignificando a essência original da fundação da piauiensidade, destacando de forma positiva as figuras, os atores representantes dessa cultura para que se estabeleça também um fortalecimento da autoestima dessa comunidade. Esta pesquisadora considera relevante um trabalho desta natureza que poderá ser desenvolvido no futuro, visando inclusive a proposição de políticas públicas que esclareçam e valorizem o ambiente histórico da identidade cultural piauiense de forma efetiva e diretamente direcionada a população piauiense.

Pensamos que a valorização deste herói não aconteça a partir de uma figura apenas e somente uma vez por ano com uma reunião de políticos que discursam em torno de um passado desatualizado para a maioria dos piauienses. Portanto não faz sentido pensar numa identidade presente com base fixa e presa ao passado; não faz sentido pensar numa identidade que, apesar de ter se constituído a partir de narrativas de um passado recente, tenha se mantido intacta e pura, sem que tenha se ressignificado. Para representar a geração atual,

muitos elementos da cultura piauiense, por exemplo, instituída numa temporalidade anterior, já se adaptaram e precisam ser analisados a partir do contexto contemporâneo.

Muitos piauienses ainda desconhecem suas raízes e por isso não têm ferramentas para (re) significá-las em seu imaginário diante dos seus novos heróis e deixam de fortalecer em seu íntimo ou em sua subjetividade as características originais de seu povo, fortalecendo sua autoestima diante do outro e de outras comunidades que, por vezes, se colocam como superiores ou são vistas como superiores pelos próprios piauienses. Rememorando o mito fundador da cultura piauiense, direcionamos o olhar para um elemento cultural que promove a recuperação do “elo perdido” citado por Teresinha Queiroz em sua obra “Do singular ao plural”, quando fala da recuperação do acervo histórico do passado que precisa ser encontrado. O contexto histórico do passado tem grande importância para o entendimento da cultura atual e precisa ser conhecido pelas gerações contemporâneas, pois muitos elementos se repetem, porém se mostram com as vestimentas, os acessórios da cultura vigente e seguem o ritmo dos processos da temporalidade presente. Sarah Menezes, a heroína Olímpica do Piauí é um passo inicial nesta grande jornada que é refletir sobre a piauiensidade, ainda pouco explorada. É apenas um entre tantos elementos que favorecem a discussão em torno da identidade cultural piauiense e contribuem para a ressignificação do mito fundador desta cultura.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**, São Paulo: Cortez, 2006.
- ANDERSON, Benedict R., **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BARBANTI, Valdir. O que é esporte? **Rev. Brasileira de Atividade Física & Saúde**, São Paulo, 2012. Disponível: <
<http://www.eferp.usp.br/paginas/docentes/Valdir/O%20que%20e%20esporte.pdf>
 >Acesso: 03/12/2012
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, LDA, 2009.
- BARROS, Ana Taís M. P. O imaginário e a hipostasia da comunicação. **Comunicação, mídia e consumo**. Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo: Ano 10, v.10, n.29, p. 13-29, set./dez. 2013.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**, Campinas, 1997. 273f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível: <
<http://www.bing.com/searchq=a+janela+de+vidro+mauro+betti&form=IE10TR&src=IE10TR&pc=MAARJS>> Acessado em: 10.11.2013.
- BORELLI, Viviane. O Esporte como uma construção específica no campo jornalístico. **Intercom**, Salvador, 2002. Disponível: <
http://scholar.google.com.br/scholarq=O+Esporte+como+uma+constru%C3%A7%C3%A3o+espec%C3%ADfica+no+campo+jorn%C3%ADstico+Borelli&btnG=&hl=en&as_sdt=0%2C5> Acessado em: 10.07.2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: a influência do jornalismo e os jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- _____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1997. Disponível em: <
<http://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf>> Acesso em: 10.11.2014.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CARDOSO, Maurício. **100 anos de olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto enfermagem**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; v.15 n. 4 p. 679-84. Disponível:

<<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&q=PESQUISA+QUALITATIVA%3A+ANA%CC%81LISE+DE+DISCURSO+VERSUS+ANA%CC%81LISE+DE+CONTEU%CC%81DO1&btnG=&lr=>> Acessado em: 19.11.2013.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade**, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CHAUÍ, Marilena Souza. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. São Paulo: eBooksLibris, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1985.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HELAL, Ronaldo. Esporte, Indústria Cultural e Teoria da Comunicação. **Memórias do congresso mundial de educação física - AIESEP 1997**, Universidade Gama Filho, Rio d, v. 1, p. 507-516, 1998.

HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. O esporte e seus heróis: a narrativa jornalística sobre os medalhistas brasileiros nas Olimpíadas de 2012. **Alceu**, v.14, n.28, p.21-36, jan./jun. 2014.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JABOUILLE, Victor. **Do mythos ao mito**. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: vozes, 1990.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOMBA, Gabriele. Histórico: Sarah Menezes conquista primeiro ouro do judô feminino. **globoesporte.com**, 2012. disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/historico-sarah-menezes-conquista-primeiro-ouro-do-judo-feminino.html>> Acessado em: 05.04.2014.

LOSADA, Manuel. **Imaginário radical**: a proposta de Castoriadis à atual crise dos paradigmas no campo das ciências naturais e sociais. 1996. Disponível: <www.ufrj.br/seminariopsi/2009/boletim2009-1/losada.pdf> Acesso: 20.11.2014.

MACNEILL, Margaret. Estudos de mídia do esporte e a (re) produção de identidades. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v.28, n.1, p. 9-38, set. 2006. Disponível: <<http://search.conduit.com/ResultsExt.aspxctid=CT3241941&SearchSource=2&q=Margarete+Macneill+estudos+de+midia+do+esporte>> Acessado em: 20/07/2013.

McQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **Revista FAMECO**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v.1, n. 15, 2001. Disponível:< <http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/285> > Acessado em: 02.07.2014.

MAIA, Rousiley C. M. Identidades coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças. **Contracampo**, Revista do Mestrado em Comunicação/UFF. Niterói, UFF, nº 5, p.47-66, 2000.

MORAES, Dênis. **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível: < http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html > Acessado em: 09.10.2013.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

NEVES, Abdias. **A guerra do Fidié**, 2.ed. Teresina: Artenova, 1974.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

RICÓN, Luiz Eduardo. A Jornada do herói mitológico. **II Simpósio de RPG e educação**. Disponível em: < <http://hosted.zeh.com.br/misc/senac/4semestre/prj/jornada.pdf> > Acessado em: 10.10. 2014.

RODRIGUES, Ana Maria da Silva. **Projeto de pesquisa**. Mídia e esporte: o discurso midiático e os sentidos atribuídos ao esporte e ao atleta. Teresina: UFPI, 2012.

RODRIGUES, Janete Pascoa. **Mídias e identidades culturais**: um estudo da recepção midiática do Balé Folclórico de Teresina no Piauí. 2006. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

RUBIO, Katia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, v.16 n.2 p. 130-43, jul./dez. 2002. Disponível: <<http://search.conduit.com/ResultsExt.aspx?ctid=CT3241941&SearchSource=2&q=RUBIO%2C+Katia.+Do+olimp+ao+p%C3%B3solimpismo%3A+elementos+para+uma+reflex%C3%A3o+sobre+o+esporte>> Acessado em: 11/07/2013.

_____. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAID, Gustavo. Dinâmica cultural no Piauí contemporâneo. 341-353 in SANTANA, R. N. Monteiro de. **Apontamentos para a história cultural do Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **Narrativas da piauiensidade**. Teresina: EdUFPI, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Marcos Fábio. Mito e herói na contemporaneidade: as histórias em quadrinhos como instrumento de crítica social. **Revista Contemporânea/UERJ**. Rio de Janeiro. n.8. p. 78-90, 2007.

Disponível:< www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/07MARCOS.pdf > Acessado em: 10.06.2014.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.